

Luc Vankrunkelsven

# Brasil - Europa em fragmentos?



Editora Gráfica Popular CEFURIA

Luc Vankrunkelsven

# **Brasil - Europa em fragmentos?**

Editora Gráfica Popular CEFURIA

Título original: 'Brazilië-Europa in fragmenten?'  
Tradução autorizada do idioma Nederlands:  
Edição publicada por Wervel, Bruxelas, 2010. (www.wervel.be)

Publicação: Editora Gráfica Popular – CEFURIA  
Fone: (41) 3346-0034 – e-mail: e.g.p.@brturbo.com.br  
Diagramação: Território  
Revisão da Tradução: Gustavo Ayres Scheffer

Vankrunkelsven, Luc  
Brasil-Europa em fragmentos? / Luc Vankrunkelsven; tradução  
de: Marianne Christina Scheffer. – Curitiba: Editora Gráfica  
Popular: CEFURIA, 2010.

...? pp.; c? cm.

Tradução de: 'Brazilië-Europa in fragmenten?'

??

??

**ISBN**

Dados internacionais de catalogação na publicação.  
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

*À pluriformidade multicolorida da vida.  
2010: ano internacional da biodiversidade.*



# Sumário

---

Apresentação.....	9
Introdução .....	11
1. Você nasceu para voar.....	15
2. Os passarinhos morreram.....	22
3. Combate às mudanças climáticas a partir da base .....	24
4. Desequilíbrio no “mercado amoroso”.....	29
5. Mato Grosso: do desmatamento para a recuperação?.....	32
6. “Escolhe, pois, a vida” .....	39
7. Pesca artesanal .....	44
8. Eco-bio.....	47
9. Aborto planetário .....	54
10. Leite de cânhamo .....	58
11. Curitiba: um mito ecológico?.....	61
12. Energia para “o imperador presunto”.....	66
13. Um teto sobre a cabeça, um direito humano.....	69
14. Será que a fera ainda pode ser domada? A região amazônica será transformada em Cerrado.....	72
15. Deus do universo.....	77
16. Os desmatadores são os sem-terra?.....	79
17. Mais uma vez sobre os transgênicos.....	83
18. Soja, fumo e a cruz.....	88
19. Deixando os muros da universidade .....	91
20. Nosso futuro roubado.....	93
21. Nosso futuro em nossas próprias mãos.....	98
22. A “Santa Fé” de Bunge .....	102
23. Descascar o abacaxi .....	110
24. Dia Internacional da Luta Camponesa.....	112
25. 11 de setembro e o Cerrado.....	114
26. Recuperação e consolo são possíveis?.....	118
27. Ração animal, uma história de interdependência.....	121
Colofão.....	135



# Apresentação

---

Luc Vankrunkelsven nos apresenta com seu terceiro livro de crônicas aonde descreve de forma bem particular as experiências vividas durante suas viagens pelo Brasil, fazendo um paralelo com a realidade européia, ao mesmo tempo em que levanta elementos históricos que nos possibilitam compreender melhor a realidade atual.

Através de histórias vividas em todas as regiões do Brasil, Luc denuncia o sistema de produção de alimentos dominado pela agroindústria internacional que impõe à humanidade um padrão de consumo padronizada, dependente e vulnerável. Mas relata também iniciativas que mostram a criatividade, a ousadia e a coragem de diferentes grupos de produtores, consumidores, pesquisadores, estudantes...para construir novas formas de colaboração socioeconômica para produzir, transformar e comercializar alimentos saudáveis que usam os recursos naturais de forma sustentável.

As crônicas nos inspiram e emocionam e nos aproximam de todos aqueles que lutam por justiça social e um desenvolvimento com respeito e valorização da biodiversidade, dos recursos naturais e da diversidade sócio-cultural.

A relevância deste livro situa-se no intercâmbio de experiências históricas e atuais e na divulgação de saberes acumulados por diferentes grupos sociais no Brasil e no mundo.

Neste momento em que o mundo está atravessando várias crises, este livro serve de convite para aprofundarmos a compreensão da nossa realidade cada vez mais globalizada e interligada. Fazemos votos que sirva também de estímulo para continuarmos sonhando e construindo novas realidades.

Nós da Fetraf-Sul acreditamos que estamos diante de grandes oportunidades que exigem novas formas de organização, de articulação e de solidariedade.

**Altemir Tortelli,**  
Coordenador geral da Fetraf-Sul/CUT  
[www.fetrafsul.org.br](http://www.fetrafsul.org.br)



# Introdução

---

## Crônicas e fragmentos

Desde 2003, tive a oportunidade de morar e trabalhar parte do ano no Brasil e parte na Europa. As crônicas – como chamamos esses breves relatos – iam e vinham. Elas formaram a base de dois livros, em ambos os lados do Atlântico. E ficaria nisso. Eu sou o primeiro a enfatizar as limitações desta coletânea de crônicas – fragmentos da vida.

Mesmo assim, parece ser um modelo apreciado por muitos brasileiros, belgas e holandeses. Digamos que uma das vantagens é que você não precisa ler o livro todo! Cada crônica tem um começo e um fim. É por isso que alguns leem somente alguns trechos... Outros me escrevem que leram o livro de capa a contracapa em um só fôlego. Uma mistura de fatos com envolvimento pessoal atrai algumas pessoas, assim como faz com que seja rejeitado por outras. Dificilmente podem ser chamados de livros científicos, mas essa também nunca foi a intenção.

## Crônicas sobre a turnê

Nos anos de 2008 e 2009 tive a sorte de fazer duas turnês pelo Brasil: passei por 20 universidades, colégios agrícolas, grupos de agricultores, movimentos ambientalistas, ONGs, associações de vegetarianos, organizações pastorais etc. Foram diálogos, debates e discursos interessantes tendo como base os dois livros sobre soja e muitas vezes, como introdução, o material audiovisual em DVD de Wervel.

Essas turnês deveriam ser o ponto alto para, depois, encerrar com “chave de ouro” o intercâmbio entre Wervel<sup>1</sup> e Fetraf-Sul/Cut, o Wervel da Bélgica e a realidade brasileira.

Lego engano! As pessoas olhavam surpresas quando eu comunicava que seria a última vez. Um professor em Mato Grosso me confidenciou: “Sua tarefa é semear dúvidas”. Dúvidas! Talvez. Enxergar através da propaganda diária e das evidências do modelo agrícola dominante e formular

---

<sup>1</sup> Wervel: *Werkgroep voor een Rechtvaardige en Verantwoorde Landbouw* [Grupo de Trabalho por uma Agricultura Justa e Responsável].

perguntas, apontar os pontos cegos, a destruição e o sofrimento de ambos os lados do Atlântico. Ou, fazendo coro com Pedro Tierra, dizer: “Se nos calarmos, as pedras gritarão” (relembrando os 30 anos da Comissão Pastoral da Terra – CPT).

Aos poucos, comecei a acreditar na minha (nova?) missão. Aliás, as crônicas continuaram sendo transmitidas sobre o oceano. Um novo livro nasceu!

### **Brasil-Europa em fragmentos?**

Inevitavelmente, as crônicas são apenas fragmentos do vasto subcontinente que se chama Brasil. Será que alguém pode ter a pretensão de escrever um livro conclusivo sobre esse rico país, que ainda tem novos horizontes, pessoas, organizações a serem descobertos? Continua sendo, sem dúvida, um quebra-cabeça no qual faltam muitas peças.

O Brasil é muito rico em muitas áreas e, ao longo da história, formou-se uma forte relação de interdependência com a Europa. Algumas crônicas tratam disso, mas o traço comum em todas as crônicas é que o Brasil, a Europa, a América, enfim, nosso planeta está correndo o risco de cair aos pedaços, se fragmentar. Como vamos, juntos, enfrentar as crises que ameaçam nosso planeta: a crise climática, a energética, a da água, a crise agrária, a crise da agricultura e a alimentar...? Para citar apenas algumas.

### **Desfragmentar para ter esperança**

Na Universidade de Brasília, eu conheci o professor francês Eric Sabourin. Ele publicou um interessante trabalho sobre a diversidade e a força da agricultura familiar. “Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade” (Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2009). Gosto de fazer referência a seu trabalho, já que é o fruto de anos de investigação científica para fazer brilhar as características, a diversidade e o orgulho da agricultura familiar no Brasil. Agricultores entre a esperança e o desespero.

O trabalho de Sabourin é estruturado cientificamente, embora seja baseado em pesquisa de campo continuada. Ele consegue ordenar a diversidade e os muitos fragmentos da realidade brasileira.

As peças deste novo livro pedem para ser desfragmentadas, como é necessário fazer de tempos em tempos com um computador. Para criar novo espaço, agrupando todos os blocos de mesma cor e, assim, descobrir a cor-

relação. Para enxergar as árvores na floresta das muitas impressões.

Em um dos capítulos eu já fiz isso por você: “Ração animal, uma história de interdependência”. Nos 20 anos em que leio, estudo e discuto sobre o assunto, eu só encontro fragmentos, sem nenhuma conexão histórica...

Que a contribuição deste livro seja como o levantar de um véu internacional que oculta a história da ração animal e outras histórias.

*Uma pedra no sapato.*  
**Luc Vankrunkelsven**  
*outono de 2010*





# 1 Você nasceu para voar

---

Sempre viajo para o Brasil como uma página em branco. Literalmente: sem planos para escrever. Mas, sempre o resultado é o contrário. Assim que ponho os pés em terra firme, em São Paulo, a inspiração começa a fluir. Eu vejo, sinto, ouço, cheiro.

Desta vez, ocorreu ainda mais cedo: na calçada da TGV, em Bruxelas, em direção a Paris.

## A perspectiva da águia e da galinha

A última vez que estive no Brasil foi em maio de 2007. Desta vez, vim para o lançamento do livro 'Aurora no campo. Soja diferente.', versão em português de '*Dageraad over de akkers. Soja anders.*' Não pude vir antes uma vez que a tradução e impressão exigiram algum tempo. Além disso, no mosteiro de Averbode [Bélgica], realizamos nos últimos dias a reunião de trabalho anual de ISG (sigla, em holandês, para Incesto e Violência Sexual).



O tema decorre do livro intrigante de Leonardo Boff: ‘A águia e a galinha – Uma metáfora da condição humana’. Uma defesa de uma tensão saudável entre a ‘vida terrena’ – como galinha – e ‘alçar vôo’/voar como uma águia. É bem verdade que a águia da história nasceu para voar, mas como foi criado entre as galinhas, não aprendeu a alçar vôo. Graças à confiança de um amante da natureza, ele conseguiu descobrir para o que ele nasceu: voar.

## **Da agricultura para a construção civil**

Embarco na estação Bruxelas-Sul, com duas mulheres de Goiânia – capital de Goiás – e um jovem da mesma região. Chama a atenção de todos o número crescente de brasileiros na Bélgica, principalmente em Bruxelas. Além disso, eu já observei há mais tempo que muitos ‘ilegais’ são oriundos da região de Goiânia, ou seja, do Centro-Oeste do Brasil. A região de expansão dos canaviais e usinas de álcool. Empreendimentos freqüentemente direcionados por capital europeu ou norte-americano. Parece que são principalmente os brasileiros dos estados de Goiás e de Minas Gerais que partem para o exterior. Em busca da felicidade.

José Oliveira desvenda um pouco a razão da invasão de brasileiros. Ele já trabalhou na lavoura, a agricultura patronal é claro. “Não dá” suspira ele. Não paga bem. Então ele foi trabalhar na construção civil e soube que, na Europa, é possível ganhar um bom dinheiro.

## **E como isso funciona?**

Com um visto simples e um cartão bancário, um turista pode ficar três meses na Europa, assim como eu viajo oficialmente como ‘turista’ no Brasil. José conseguiu vir para Bruxelas com um convite manuscrito de um belga (não pode mais ser fax, devido ao maior rigor das regras), selado e com carimbo da prefeitura. Ele deve demonstrar que possui dinheiro suficiente para uns dez dias, ou seja, 80 euros x 10 = 800 euros. Ele conseguiu trabalho imediatamente, pois a Europa está cheia de ‘firmas’ com documentos e trabalhadores ilegais. Existe um amplo comércio de documentos falsos. Muitos brasileiros dedicam-se a esta atividade em tempo integral e vivem disso. Parece que é particularmente fácil conseguir documentos de Portugal. Em Bruxelas, há muitas ‘firmas portuguesas’, baseadas em nomes e documentos falsos. No caso dele, ele trabalhou 15 dias para uma dessas supostas firmas portuguesas, tendo como sub-empregado um patrão brasileiro. Este

brasileiro (ilegal) contratou brasileiros (ilegais). O português não pagou o brasileiro; o brasileiro, por sua vez, não pagou os pedreiros brasileiros. Eles sabem que não podem recorrer à justiça, já que estão no país em condição irregular. Ou seja, José trabalhou 15 dias de graça. As duas mulheres acenam a cabeça concordando. Elas reconhecem a história. Pelo jeito, estas situações ocorrem com muita frequência. Na verdade, é uma variante do que ocorre com muitos trabalhadores no Brasil: com bóias-frias e aqueles que trabalham em condições semelhantes à escravidão.

José se cansou, mas ainda ficou uns dias com o irmão, que tem uma mulher e filho belgas. O irmão possui documentação oficial. A partir do momento em que uma mulher e/ou filho belga entra(m) na história, é muito mais fácil regularizar a situação. Para um solteiro como o José, é quase impossível! Morenas jovens e bonitas ainda têm uma ‘chance’ na Maiorca espanhola. Cerca de 80% das prostitutas de luxo seriam de origem brasileira. Elas são seleccionadas e avaliadas por traficantes de seres humanos, que organizam o impiedoso comércio entre o Brasil e a Europa.

### ‘Nós somos portugueses’

A história desconcertante de José me faz lembrar o que ocorreu há alguns dias num estaleiro, em Bruxelas. Ouço um grupo falando ‘brasileiro’. Puxo conversa e pergunto se eles são brasileiros. “Não, senhor, nós somos



portugueses.” Leio o temor em seus olhos. Eles torcem para que eu não saiba distinguir o português do ‘brasileiro’. Será que a situação deles é melhor? Será que eles recebem o pagamento? De acordo com José, eles podem conseguir até 9 ou 10 euros por hora. Sem registro, é claro. Nos últimos anos, eles estão tomando o lugar dos pedreiros poloneses, porque trabalham mais tempo e melhor: 10 a 12 horas por dia. Ele afirma que os brasileiros também são mais práticos na execução. Os poloneses, por suas vez, são melhores nos acabamentos.

Se forem descobertos, eles não são punidos na Bélgica; são simplesmente colocados num avião, às custas do Estado Belga. No seu passaporte é colocado um carimbo informando que eles foram deportados. Não tem problema: eles compram um novo passaporte no Brasil e começam tudo de novo.

E as firmas? Estas geralmente existem por dois anos e meio. Quando começa a ficar claro que não recolhem impostos, elas fogem. Em direção ao Brasil. Não é possível processá-las porque foram utilizados documentos falsos.

Será que só os brasileiros é que são tão criativos? Tão corruptos? Não, grandes empresas belgas também contratam trabalhadores brasileiros em massa. Sem registro, sem direitos.

Enquanto os homens são empregados e explorados ‘na construção’, as mulheres ficam em segurança atrás das paredes, fazendo trabalho doméstico. Nas casas das madames belgas. Não há sindicatos para defendê-los, porque oficialmente não existem. Eles trabalham nas entranhas da sociedade belga. Nossa economia se aproveita deles. As instâncias judiciais e políticas desviam o olhar.

## **Globalização da galinha**

A globalização se manifesta de 1001 formas, das mais nobres às mais perversas.

Enquanto isso, cometo um grave pecado ecológico: a pegada ecológica de um vôo internacional não é pequena. Quanto tempo mais posso continuar fazendo isso?

Leio na revista da TAM: ‘Você nasceu para voar’. Trata-se de uma propaganda para um cartão bancário ligado à companhia aérea TAM. A cada compra você acumula pontos. Pontos para voar.

Será que os brasileiros pobres também nasceram para levantar vôo? Como uma águia? Ou eles são abatidos como galinhas na esteira do frigorífico?

Carne de frango: desde 1995, é a carne mais globalizada que existe. Cada parte do frango é aproveitada e espalhada para os quatro cantos de nosso planeta. Não como uma águia, mas como coxa e sobre-coxa para o Senegal. Pés e cabeças para a China. O coração, o fígado: tudo tem algum destino no planeta. Os pintainhos de um dia são entregues por encomenda internacional por duas multinacionais, uma alemã e uma norte-americana. Metade dos vôos de carga da Lufthansa seriam para pintainhos de um dia e ovos galados. A ração animal também vem de outro continente. Principalmente a soja. Do Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia, dos Estados Unidos.

‘Soja’ ou aquela outra metáfora para globalização!

O peito de frango fica na Europa. É que o consumidor europeu quer os melhores cortes.

Com agradecimentos à OMC, a Organização Mundial do Comércio, que em 1995 estabeleceu as regras de comércio internacional.

*19 de fevereiro de 2008.  
No vôo Paris-São Paulo*

### ***Postscriptum:***

- No início de março, há um grande alvoroço no Brasil. Está ocorrendo um incidente diplomático com a Espanha. O controle dos brasileiros nos aeroportos da Espanha tornou-se mais rigoroso. Muitos são recusados, mesmo tendo sua documentação em ordem. Seria uma ração exagerada de um Estado que começou a perceber que é realmente grande o número de brasileiros que circulam pelas ruas falando ao celular? Em ‘brasileiro’! “Não, nós somos portugueses.” Ou: “Não, nós somos angolanos.”
- Em meados de março, é a Bélgica que está alvoroçada. Parece que 80% dos vôos de repatriação pagos pelo governo belga são destinados a brasileiros. Aparentemente, os ‘portugueses’ e os ‘angolanos’ conhecem muito bem as cidades brasileiras. Que pena para mim: eu não conheço nenhuma cidade em Portugal. Muito menos na Angola.
- Em julho de 2008 descobre-se que na verdade não são 80% dos vôos; mesmo assim, os brasileiros são o grupo mais numeroso daqueles que utilizam os programas humanitários que ajudam pessoas em

busca de asilo e não obtiveram sucesso a retornar a seus países. Esta tendência se destaca em Portugal, na Irlanda e na Bélgica. Em 2007, 805 brasileiros fizeram uso, na Bélgica, do programa de repatriação: eles recebem uma passagem aérea e um prêmio de 250 euros. Naquele ano, 2593 pessoas em busca de asilo fizeram uso do programa. Os brasileiros formam, de longe, o grupo mais numeroso que utiliza o programa, embora sua participação no número de pessoas em busca de asilo seja bem menor.

- Além disso, sua participação continua crescendo. Dos 285 estrangeiros que, em abril de 2008, retornaram voluntariamente para seu país de origem, 101 – ou seja, mais de 35% – eram do Brasil.
- Enquanto dou a redação final a este texto, recebo um manifesto assinado por várias personalidades latino-americanas. A questão permanece atual:

*No Ciudad, terça-feira, 22 de julho de 2008 (ALC) - O bispo e poeta Pedro Casaldáliga, do Brasil; o Prêmio Nobel da Paz, Adolfo Pérez Esquivel; a líder das Mães da Praça de Maio, Hebe Bonafini, da Argentina; o subcomandante Marcos, do México; o professor Noam Chomsky, dos Estados Unidos, e o presidente eleito do Paraguai, Fernando Lugo, são alguns dos nomes que assinaram manifesto contra a lei que pune imigrantes na Comunidade Econômica Européia.*

*“A Europa deveria pedir perdão ao mundo, ou pelo menos agradecer-lhe, ao invés de impor por lei a perseguição e o castigo aos trabalhadores migrantes, que ali chegam expulsos pela fome e pelas guerras que os donos do mundo lhes impõem, em seus países de origem”, diz o texto.*

*O manifesto, que circula na internet, assinala que a Europa não seria a Europa sem a mão-de-obra barata vinda de fora, sem as riquezas que o mundo inteiro deu a ela, sem o genocídio praticado contra os povos indígenas nas Américas e a escravidão imposta aos filhos da África.*

*Essa nova lei européia, ditada pela crise econômica, “castiga como crime o livre movimento das pessoas”, que é um direito consagrado há anos por legislação internacional. Os trabalhadores estrangeiros sempre são os “bodes-expiatórios” e culpados das crises “de um sistema que os usa enquanto necessita e logo os despeja na lata do lixo”.*

*O manifesto conta com assinaturas de artistas, jornalistas, escritores, professores, sociólogos, antropólogos, advogados e historiadores da Argentina, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, Cuba, Equador, Estados Unidos, Haiti, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.”*

*(<http://www.alcnoticias.com/interior.php?codigo=11955&PHPSESSID=ae1f139cef7a5d3f7e207776a69e0dad>, consultado dia 13 de agosto de 2008.)*



## 2 Os passarinhos morreram

Novamente sou hóspede de José Antônio da Silva Marfil e família. Eles estão dando uma festa e, de repente, me vejo conversando com o patriarca Antônio Marfil Muela.

Ele me conta o que aconteceu e eles, e a milhares de outros agricultores, nos anos 70. Ele era cafeicultor no norte do Paraná, próxima a Londrina. Os negócios iam bem, não havia doenças, a comunidade e a economia locais floresciam. Até que lhes foi imposto o uso da ‘mágica química’. Surgiram vários tipos de doenças, que não podiam ser controladas a não ser utilizando ainda mais química. Antigamente havia vida na propriedade e em seu entorno. Os passarinhos mantinham a população de insetos em equilíbrio de modo que não havia grandes prejuízos.



Mas o veneno matou os passarinhos. Os tico-ticos e as rolinhas sumiram. E as doenças aumentavam cada vez mais.

Os agricultores se tornaram dependentes do fornecedor de sementes e agrotóxicos. Uma história já conhecida. A família Marfil Muela partiu para a cidade, como muitas outras. No caso deles, foi para Curitiba, onde eles começaram

com uma pequena mercearia. José Antônio se pergunta: “Por que isto tinha que acontecer? Será que foi porque a indústria precisava de mão-de-obra barata e concluiu que ela deveria vir do meio rural ‘atrasado’?”

De acordo com Antônio Marfil, a economia e a vida no meio rural foram destruídas de propósito. No ônibus de Curitiba a Guarapuava, meu vizinho suspira: “No Brasil, enquanto um trabalha, dez são obrigados a ficar de braços cruzados.” Não que eles não queiram trabalhar. Pelo contrário, é não lhes dão chance. Muitos outros estão aguardando na fila.

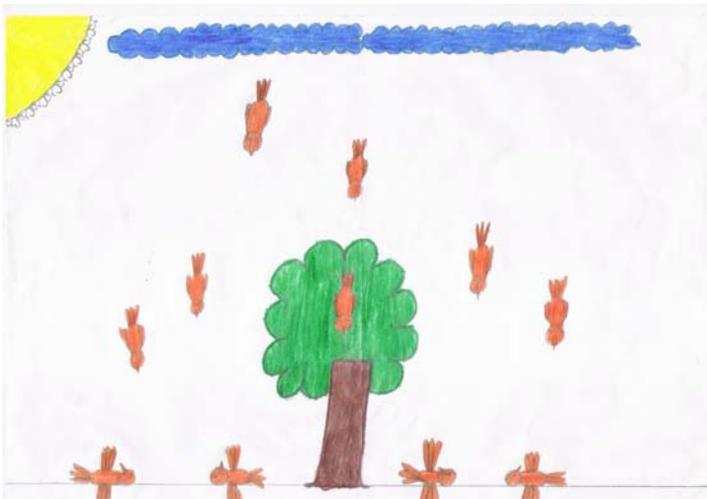
Dezenas de anos mais tarde, o governo Lula tenta sanar o problema. Exatamente nesta semana foi lançado o Programa ‘Territórios da Cidadania’.

Serão 135 ações coordenadas por 15 ministérios para restabelecer o desenvolvimento regional. O governo espera alcançar, principalmente, as regiões menos desenvolvidas do interior e, assim, reduzir as imensas desigualdades no país. Para o ano de 2008 está previsto o investimento de 11,3 bilhões de reais. Na região de Guarapuava, várias entidades trabalham há anos na ‘inclusão’ social, ao invés de ‘exclusão’. Um projeto de cinco anos está encerrado agora, com resultados bastante diversos. É um dos muitos projetos realizados no Brasil para manter as pessoas no campo e fora das favelas.

Exatamente agora as Nações Unidas divulgaram um relatório chocante. Conclusão: ‘O Brasil é corrupto, violento e racista’. Três golpes seguidos. Será que um está relacionado com o outro? Pessoas que se amontoam – imersas em violência – nas favelas das cidades, porque a vida no campo foi arrancada de suas mãos? O relatório afirma que o número de vítimas fatais entre adolescentes de 15 a 19 anos quadruplicou nos últimos 20 anos. Unicef confirme que, em 2003, foi alcançado o triste recorde de 7900 mortes.

Os passarinhos estão morrendo.  
Jovens são mortos a tiros.  
Porque a luz nos olhos de seus algozes desapareceu.

*Bocaiúva do Sul,  
25 de fevereiro de 2008.*



### 3 Combate às mudanças climáticas a partir da base

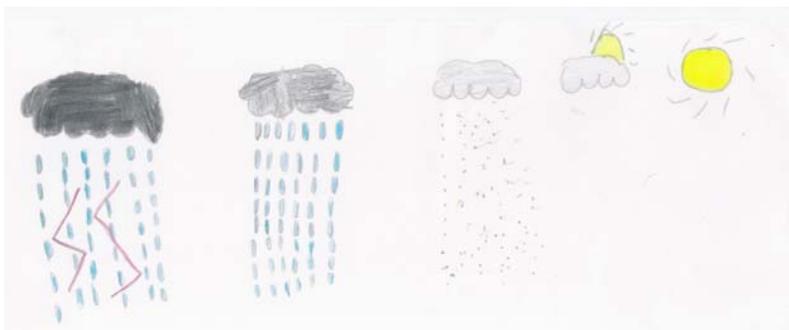
---

Há dois dias sou hóspede da Rureco. A primeira noite é uma festa que ainda vai ficar muito tempo na memória: um público de cem jovens da universidade de Guarapuava para dialogar sobre ‘soja e alternativas’. É a primeira de uma série de apresentações do livro em universidades brasileiras: Guarapuava, Cuiabá, Matinhos, Curitiba, São Paulo, Goiás, Brasília, Rio Pomba, Rio de Janeiro, Porto Alegre.

É notável como um tema brasileiro – Soja e alternativas – apresentado por um estrangeiro consegue despertar tanto interesse. Enquanto isso, recebo um artigo sobre um agricultor holandês que realiza experimentos com *duckweed* (espécie vegetal do gênero *Spirodela*) como alimento para suas vacas. O teor protéico é tão elevado quanto o da soja. É barato e facilmente encontrado em toda a Holanda. Estou curioso para saber qual será o resultado final deste projeto realizado por agricultores junto com a universidade de Wageningen!

#### **Recuperação por meio de sistemas agroflorestais**

É óbvio que não visitamos apenas universidades. Com Fetraf e outros movimentos de agricultores, também realizamos muitos lançamentos, debates ou visitas de trabalho.



Hoje o tema central é o clima e os experimentos interessantes que os agricultores da região de Guarapuava (região central do Paraná) estão realizando. Com acompanhamento da Rureco e apoio financeiro da *Kerk-in-actie* [Igreja em ação], da Holanda. Um projeto de cinco anos financiado pela organização Trias, da Bélgica, está terminando em 2008. Neste projeto, o tema central é ‘inclusão’, em resposta à exclusão social presente em todas as regiões.

Nosso primeiro encontro é num sítio de 35 hectares. Três famílias vivem de sua exploração. Augustinho Pereira é nosso anfitrião. Em dez hectares eles cultivam mandioca. Eles processam 2.500 quilogramas por mês para o mercado. Cerca de 20% deste total é proveniente do próprio sítio.

Durante três anos, a família Pereira cultivava adubo verde em suas terras para, em seguida, cultivá-las com culturas comerciais durante dois anos. Em todo canto da propriedade, encontram-se experimentos. Há, por exemplo, diversos tipos de adubação verde; a mais impressionante delas é a crota-lária. A planta cresce até cerca de dois metros e, à primeira vista, lembra o tremoço. É um ‘adubo’ interessante porque a mandioca não tolera veneno. Além do nitrogênio grátis, a espécie favorece o desenvolvimento de fungos úteis. (Veja o *Wervelkrant*, de março de 2008: ‘*Pleidooi voor meer schimmels*’ [‘Em defesa do aumento de fungos’], no âmbito do projeto de sistemas agroflorestais, com a *Boerenbond* [Federação de Agricultores Belgas] na equipe de coordenação).

## Febre do CO<sub>2</sub>

A Rureco instalou diversos experimentos na mata existente no sítio para medir quanta biomassa pode ser produzida em uma propriedade agrícola familiar. Estão sendo investigadas as possibilidades de aumento na fixação de CO<sub>2</sub> por meio de sistemas agroflorestais. O problema é que todo o Protocolo de Kyoto foi ‘desenhado’ para grandes empresas: Estados e grandes empresas do hemisfério Norte que desejam comprar ‘ar puro’ no hemisfério Sul. Geralmente, trata-se de grandes extensões de florestas nas quais são contemplados até programas de reflorestamento. Reflorestamento – ou melhor, plantios homogêneos de árvores de eucaliptos ou de pinus. Não se trata de um ecossistema com aumento na interação entre pessoas, árvores, plantas, insetos, répteis e mamíferos. Nenhuma gramínea, nenhum camundongo, consegue sobreviver nesses ‘desertos verdes de produção de biomassa’. O problema é que estes desertos só vão aumentar, agora que está chegando o promissor agrocombustível de segunda geração: etanol a partir de eucaliptos

geneticamente modificados. As árvores são manipuladas para produzir menos lignina e mais celulose. Provavelmente não é por acaso que, justamente hoje, eu leio n' 'O Estado de S. Paulo' um artigo sobre: 'Aquecimento global'. Escrito por ninguém menos do que Carlos Aguiar, diretor-presidente da tão falada multinacional Aracruz Celulose. Ele faz uma defesa 'acalorada' da liberação de ainda mais reflorestamentos de eucalipto no Brasil. Atualmente existem 'somente' 5,5 milhões de hectares de reflorestamento no Brasil. Eles consomem mais CO<sub>2</sub> do que as florestas centenárias. Além disso, os veículos exigem etanol 'limpo'. Ou seja, precisamos reflorestar maciçamente. Veja até que ponto é possível chegar quando focamos exclusivamente o fetiche do CO<sub>2</sub>. Ninguém fala da destruição dos ecossistemas, dos agricultores e indígenas expulsos, da seca, da fome. Já eu escrevo sobre isso há oito anos. É só abrir o livro 'Aurora no campo. Soja diferente'. Carlos Aguiar só quer falar de celulose e CO<sub>2</sub>. É claro que isto é muito mais simples do que tentar entender os frágeis ecossistemas. Imagine se ele, enquanto diretor-presidente, ainda tivesse que se preocupar com as conseqüências sociais destes milhões de hectares de monocultura.

### **Torna-se padrinho de árvores junto com um(a) agricultor(a)**

Rureco e *Kerk-in-actie* estão, claramente, trilhando outro caminho. Eles buscam parceiros que não querem somente investir em megaprojetos de seqüestro de CO<sub>2</sub>, mas também apoiar sistemas agroflorestais na agricultura familiar. Numa linha semelhante ao projeto 'Arapuca', em Foz do Iguaçu. O agricultor Weidelich convida os turistas a se tornarem padrinhos de uma espécie nativa que, em seguida, é plantada por agricultores familiares em seus sítios.

Darci Pereira nos mostra o sítio. Ele aponta as espécies de árvores medicinais, quase extintas, que ele ainda mantém. 'Casca de Anta' é uma delas. De todos os cantos vêm pessoas buscar estacas para reintroduzir a espécie. Ainda que seja uma espécie nativa da região, como muitas outras. Ele também cultiva a 'Goiaba serrana'. Pergunto, com espanto: "Mas ela cresce aqui? Aqui não ocorrem geadas?"

"Sim, é justamente por isso que devemos plantá-la novamente. Esta espécie suporta as geadas, pois é nativa da região".

E assim as surpresas se sucedem. Nós estamos numa propriedade de referência na região, onde muitos agricultores vêm buscar idéias.

O objetivo é aumentar a diversidade nos sítios, incrementar a renda com

diversas espécies de frutos em cultivos mistos e contribuir no combate do aquecimento da Terra. O considerável aumento na biomassa na propriedade é o principal meio para isso. Ainda vai demorar termos uma propriedade de referência como estas na Bélgica.

### **Lavouras mistas**

A família Pereira cultiva até um pouco de soja. Não, não é para ração animal e sim para produzir sementes e para consumo humano. Aliás, ele produz sementes de muitas espécies. Algumas áreas experimentais do sítio foram implantadas a partir da idéia de que lavouras mistas serão o futuro do sítio sustentável. É claro que se trata de culturas diferentes daquelas que conhecemos na Europa ocidental, mas uma fonte de inspiração extraordinária para fazermos nosso dever de casa. É por isso, que a viagem organizada por *Wervel* este ano não terá como destino o Brasil e sim a vizinha Alemanha, onde as lavouras mistas já são bastante comuns.

Não, nosso objetivo não deve ser copiar os brasileiros, mas o caminho por eles trilhado para recuperar a diversidade também pode gerar novas idéias para nosso clima temperado.

### **Cinco hectares para oito pessoas**

À tarde visitamos um sítio menor, porém o projeto agroflorestal já está em pleno desenvolvimento. Com o incentivo do Ministério do Meio Ambiente, foi implantada, há cinco anos, uma série de projetos junto aos agricultores. Aqui, em Nova Laranjeiras, trata-se de três sítios.

Somos hóspedes de Augustinho da Silva e Inês Nestor da Silva. O nome da propriedade é ‘São Augustinho’.

É impressionante ver como estas pessoas conseguiram transformar um pedaço de terra esgotada em um sítio rico em húmus. Eles mostram as fotos do sítio há cinco anos, para evidenciar o contraste. As árvores já estão bem altas, imponentes e cheias de frutos. Nunca observei uma lavoura de arroz tão saudável e produtiva. É interessante o uso das palavras. Há cinco anos, a propriedade era considerada ‘limpa’. Agora há fartura de culturas e uma produção multicolorida. Entretanto, muitos ainda têm como ideal: cortar e ‘limpar’ tudo.

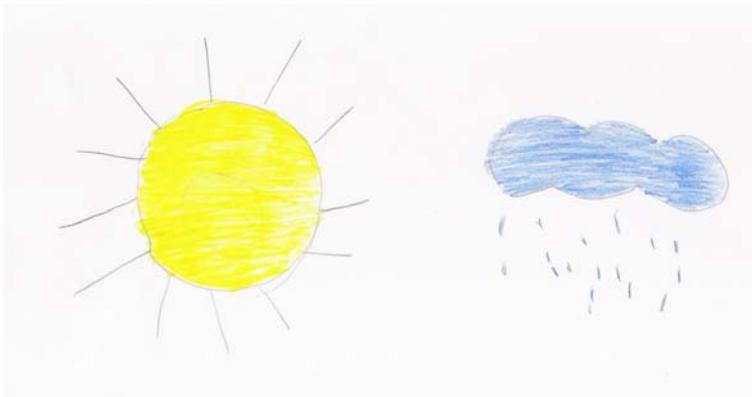
A família possui sete vacas, mas num sistema de rotação de pastagens sob as árvores de eucalipto, com gramíneas e mucuna, eles obtêm 50 litros de

leite por dia em 2,6 hectares. Isto é fenomenal se você pensar que a maioria dos fazendeiros no Brasil mantém uma vaca por hectare. Aqui eles mantêm sete vacas em 2,6 ha. Este leite lhes garante uma renda mensal. Os muitos outros produtos do sítio são destinados principalmente, para o consumo da própria família, mas muitas outras pessoas vêm comprar os produtos saudáveis no sítio.

E os eucaliptos? Bem, esses não estão muito próximos uns dos outros e foram plantados numa encosta. Assim esses grandes consumidores de água não são uma ameaça ao balanço hídrico e para as outras culturas. É claro que eu preferia ter visto, por exemplo, bracatinga, mas os recursos públicos destinados a subsídios ainda não chegaram lá. Quando se pensa em reflorestamento, é sempre em termos de ‘eucaliptos e pinus’. Parece-se um pouco com o Canadá e nossos plantios de abeto. Mas, assim como na Bélgica os agricultores lidam de maneira criativa com estas imposições, do mesmo modo, no Brasil, eles plantam pasto sob os eucaliptos.

Está claro que ‘São Augustinho’ não é um sítio à moda antiga. Pelo contrário, essas pessoas demonstram que num país – onde alguns latifundiários possuem até 600 mil hectares, é possível ter uma vida decente com cinco hectares paradisíacos. Carne, leite, arroz, mandioca, mamão, frutas diversas, lenha são a sua parte.

*Guarapuava,  
26 de fevereiro de 2008.*



## 4 Desequilíbrio no “mercado amoroso”



A América Latina nunca teve tantos jovens. Em função disso, há uma enxurrada de pesquisas sobre “a juventude”. As mais recentes são: um estudo global sobre jovens em seis países, um da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro sobre jovens do campo nos diversos movimentos sociais do Brasil, e outro sobre os jovens da Fetraf nos três estados do Sul do Brasil.

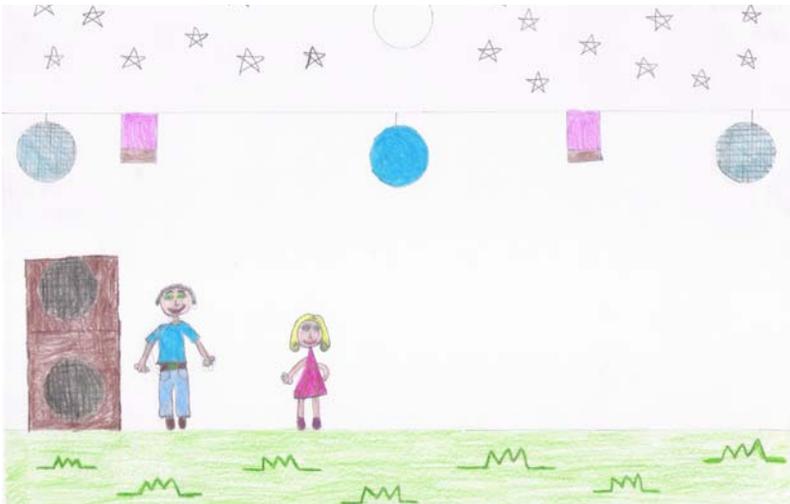
Enquanto na primeira pesquisa foram entrevistados, principalmente, jovens das periferias das cidades, o foco principal das duas últimas era o extenso meio rural. O primeiro trabalho destaca o clamor por dignidade na situação às vezes desumana das cidades; já as pesquisas do meio rural se concentraram na razão da dificuldade para conter o êxodo rural.

Os jovens urbanos ou nasceram nas cidades ou deixaram a vida rural junto com seus pais. Alguns outros ainda resistem na agricultura familiar, mas frequentemente não sabem o que fazer: arriscar-se a ir para a cidade ou tentar construir um futuro próximos de seus pais?

Atualmente, a população do Brasil é de cerca de 180 milhões de pessoas, das quais 47 milhões são jovens. Há um excedente significativo de cerca de 5 milhões de mulheres. Entre 1960 e 1980, 27 milhões de pessoas deixaram o campo em direção às cidades. No Sul do Brasil, entre 1970 e 2000, 4,4 milhões de pessoas deixaram o campo, ou seja, cerca de 48% da população rural. Constatou-se que as moças têm mais tendência a se mudar para as cidades, pois na agricultura o excedente é inverso. Muitos jovens agricultores não mais encontram uma esposa: 83% da população está espremida em metrópoles cada vez maiores. Somente 17% ainda vive no meio rural. Há 60 anos, esses números eram invertidos. Trata-se de uma tendência mundial. Desde 2006, metade da população global mora em cidades.

Houve uma época em que o êxodo brasileiro apresentava outras características. Na década de 1950, eram principalmente os homens e mulheres, na faixa entre 30 e 39 anos, que partiam para as cidades. Na década de 1990, predominam homens entre 20 e 24 anos e moças entre 15 e 19 anos.

Desde a década de 1970 ocorreram mudanças marcantes entre os sexos. Cada vez mais, as mulheres têm mais anos de estudo do que os homens. Elas também são maioria no ensino superior. Perguntados sobre seus interesses, constata-se que elas leem muito, enquanto essa é uma atividade pouco frequente entre os rapazes – eles demonstram mais interesse em atividades comerciais. Junto às moças, percebe-se um grau singularmente elevado em relação à ciência da computação.



Foi em torno desses e outros dados que nos reunimos durante dois dias com jovens da Fetraf. A questão é: qual estratégia devemos adotar para tornar a vida no meio rural e a agricultura familiar novamente dignas e atraentes para os jovens? Quais providências vamos tomar para que as duas principais preocupações dos jovens – perspectiva de uma renda satisfatória e menor dependência dos pais – sejam atendidas?

O processo de reflexão ocorre no âmbito da conferência nacional sobre jovens realizada pelo Governo Lula. No dia 15 de março de 2008 ocorreu o primeiro debate sobre a juventude no congresso brasileiro. Um fato inédito!

Quanto à necessidade de educação nessa região, Altemir Tortelli – o coordenador geral de Fetraf-Sul/Cut – informa que o próprio presidente Lula virá à região para assinar a criação de uma nova universidade. Tortelli também faz elogios a Severine, coordenadora da Juventude da Fetraf. Ela é uma referência nacional quando se trata de juventude rural.

Excedente de mulheres nas cidades. Homens não encontram companheiras nas vilas rurais. Será que no Brasil também será necessário lançar um programa de TV do tipo “Agricultor procura esposa”<sup>2</sup>? Ou há outros caminhos para tornar possível um novo futuro para a agricultura familiar?

*Chapecó,  
28 de fevereiro de 2008.*



<sup>2</sup> Nota do tradutor: “reality show” europeu em que agricultores escolhem uma esposa/companheira dentre as candidatas inscritas e que vai ao ar, entre outros, na Holanda (desde 2004) e na Bélgica (desde 2006).

## 5 Mato Grosso: do desmatamento para a recuperação?

---

Há oito anos que visito regularmente o Brasil, mas nunca senti necessidade de pedalar até o Mato Grosso, o estado da região Centro-Oeste do Brasil onde, há várias décadas, se repetem as famosas histórias de banguê-banguê do velho oeste norte-americano. Este estado – quase do tamanho da França – não é o parque de diversões de um tal Blairo Maggi? O homem chamou minha atenção pela primeira vez numa entrevista, no ano de 2000. Na ocasião, ele foi apresentado como o ‘maior sojicultor do mundo’? Ele ameaçou, naquela época: “Se os movimentos ambientalistas e os sindicatos continuarem criando problemas, vou plantar soja na África. Lá não há resistência”.

Nesse meio tempo ele se tornou governador do estado com Floresta Amazônica e Cerrado, o ‘mato grosso’ que deveria ser erradicado. No último trimestre de 2007, o desmatamento aumentou novamente de maneira vertiginosa. O Mato Grosso é responsável por cerca de 54% desse desmatamento. Mas o que esperar quando o economista se torna também o abade do mosteiro? O homem possui uma concentração de poder econômico e político sem precedentes. Porém, ele gosta de afirmar que, em seu estado, tudo ocorre ‘dentro da legalidade’.



Ou seja, nada que me atraísse para a quente cidade de Cuiabá. Até que Maria José Adão me fez um convite enfático. Ele estava, com seu amigo belga Luc Kruyfthoof, na exposição de livros e teatro em Bruxelas. ‘Aurora no campo’ [*Dageraad over de akkers*]. “Você deve vir a Cuiabá. Nós vamos montar um programa completo e quebrar o silêncio.”

Hesitei por longo tempo: “Será que adianta alguma coisa? Me torturar novamente com as imagens terríveis da destruição que não respeita nada nem ninguém.”

### **Além da soja. Além de Blairo Maggi**

Finalmente tomei a decisão. Vou me deslocar das lavouras de soja em Cascavel, Paraná, para a maior lavoura de soja do Brasil. Maria José Adão e Degair Aparecido de Oliveira entram em ação. A cidade de Cuiabá e eu próprio jamais esqueceremos! Em suas primeiras tentativas de estabelecer contatos eles se deparam com um muro de silêncio. Ninguém ousa arriscar o pescoço na nova Califórnia brasileira. Quem é que pode contestar a história de sucesso do agronegócio, da soja, milho, aves e algodão?

Mesmo assim ... , em Mato Grosso, existem pessoas que ignoram as críticas e trabalham com persistência para mudar a situação. Carlos Raimundo dos Santos e Cleonice Terezinha Fernandes são algumas das pessoas que apóiam estas iniciativas. Por exemplo, por meio do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Mato Grosso – SEBRAE-MT. Sua equipe nos recebe. Eles estão conscientes da imagem que o Mato Grosso tem no exterior.

“Nossas campanhas de conscientização, na Europa, têm alguma influência sobre a política no Mato Grosso?”, pergunto timidamente.

“Sim, é claro, quando Blairo Maggi vai ao exterior promover o Mato Grosso e o agronegócio, ele sente bem a resistência. A crise pela qual estamos passando agora nos proporciona a oportunidade de fortalecer o outro lado de nosso maravilhoso estado.”

Ou seja, é novamente uma ‘crise’, que expõe novas oportunidades. Será verdade?

Enquanto isso, o deus Moloque<sup>3</sup> da continuidade a seu trabalho de destruição. Desde a crise da soja, em 1973, seu preço nunca esteve tão alto.

---

<sup>3</sup> **Moloque** é o nome de um antigo deus adorado pelos povos presentes na península arábica e na região do Oriente Médio ao qual eram feitos sacrifícios humanos. (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moloque>)

Como será possível proteger os quatro ecossistemas únicos desta região contra a destruição total?

Quatro?

1. O Pantanal inicia-se no Mato Grosso do Sul, mas a maior parte encontra-se no estado ao norte, Mato Grosso. Não é possível plantar soja lá, mas a região está sendo cercada pelo Ouro Verde, provocando uma perigosa redução no nível do lençol freático do Pantanal.
2. O Cerrado, com sua biodiversidade única, este sim está sendo rapidamente coberta de soja... felizmente ainda é possível salvar uma parte.
3. Ao norte: o Portal para a Região Amazônica.
4. O Rio Araguaia. Esta região rica em rios e com praias únicas geralmente não é mencionada, mas, às vezes, é catalogada como um quarto ecossistema.

Vou ficar aqui apenas três dias para todas as palestras e trabalho com a imprensa, mas também para um longo passeio. Percorremos a estrada que atravessa a maravilhosa reserva ‘Chapada dos Guimarães’. Ufa, nenhum pé de soja à vista.

Alonso Lamas dá risada: ‘É, vai ser difícil plantar soja aqui. A região está cheia de rochas.’ Felizmente para Alonso e para a incrível biodiversidade deste pedaço de Cerrado, mais rica do que a Floresta Amazônica. Alonso já trabalha há 21 anos com espécies tropicais. Ele é originário do estado do Piauí e é, no Brasil, o especialista na utilização de espécies tropicais em uma economia de menor escala e mais vinculada com a população. Durante a viagem de jipe, imediatamente fica clara a forma de trabalho do SEBRAE: eles nunca trabalham sozinhos, mas buscam o maior número possível de parceiros. Eles trabalham principalmente com grupos; o serviço de encarrega de contratar especialistas para apoiar novos experimentos.

## **Plantas tropicais**

Seguimos para Campo Verde. O Campo já não apresenta mais diversidade de tonalidades de verde de outrora, agora está ocupado por soja, milho e algodão. A Sadia possui lá, diversas granjas de aves e a suinocultura está em ascensão. Mesmo assim, o governo de Campo Verde não trilha um único caminho. Não somente os grandes que têm autorização para ocupar o espaço, os pequenos também recebem apoio. Há 1200 famílias que moram em assentamentos. Vamos visitar um assentamento do MST: São sete famílias, como um oásis no meio de um triste deserto de soja. Eles ocupam a área desde

1995. Gradativamente eles conseguiram a posse legal das terras. No final de 2007 eles iniciaram o cultivo de espécies tropicais num sistema agroflorestal. É impressionante a coleção de plantas formada a partir de quatro 'biomas/ecossistemas'.

E porque cultivar plantas tropicais?

Alonso: “Desde os anos 70, é moda cultivar e comercializar espécies de plantas tropicais, na Europa e nos Estados Unidos. Descobriu-se que 80% dessas plantas têm origem no Brasil, mas o próprio Brasil não se ocupava delas. Alguns exemplos são gritantes. A petúnia é originária do leste do Paraná. Pois bem, atualmente o cultivo de petúnia está integralmente na mão de japoneses. A primeira pessoa que começou a comercializar uma espécie brasileira foi... um belga, há 127 anos!”

A partir de 2002 começou a crescer o interesse, no Brasil, de também usufruir deste tesouro.

É bonito ver como este local renasce como uma fênix desta terra queimada. E como as famílias com seus filhos nos mostram o resultado de seu trabalho com orgulho. Aqui também fica evidente o modo de trabalho do SEBRAE: é criado todo um sistema de cooperação entre produtores ecológicos de plantas ornamentais, comerciantes de plantas, paisagistas, decoradores, etc.

O assentamento é a prova viva do que o Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais – Deser ([www.deser.org.br](http://www.deser.org.br)) relacionou recentemente. É claro que são números gerais e os dados podem variar consideravelmente de propriedade para propriedade e de região para região. Eles indicam, porém, uma clara tendência de que a agroecologia



apresenta melhores resultados do que a convencional em todas as frentes. Os sistemas agroflorestais são os campeões em termos de produção, renda, investimentos reduzidos e geração de trabalho:

	Sistema		
	Agr. Convencional	Agroecológica	Agroflorestal
Produtividade/ano	3.000 kg/ha	5.000 kg/ha	10.000 kg/ha
Receita (R\$ por kg produzido)	0,30/kg	0,50/kg	0,80/kg
Custo dos insumos (em termos de percentual da renda)	70% (*)	30%	5%
Geração de trabalho	1 emprego/70 ha	1 emprego/8 ha	1 emprego/3 ha

(\*) este valor não inclui os elevados custos dos danos ambientais e sociais

### **Uma presença internacional a título de apoio às bases**

Na segunda-feira somos recebidos pelo sindicato dos professores. Surge um diálogo bastante interessante com professores que sabem muito bem o que está em jogo em seu país. Eles demonstraram muito interesse pelo DVD 'A vaca 80 tem um problema'. A diretoria inicia a produção de cópias. Eles vão divulgá-lo para todos os professores membros do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público – SINTEP de Mato Grosso. Um programa de TV com o autor de 'Aurora no campo. Soja diferente' deve apoiar o trabalho. Aparentemente, um estrangeiro pode dizer em voz alta e sem reservas o que muitos aqui pensam, mas não ousam ou podem falar abertamente.

Nunca foram vendidos tantos livros.

E, sim, Maria José, eu fiquei com outra imagem do Mato Grosso. Obrigado!

Também vou torná-la conhecida na Europa. Na esperança de reverter a maré em tempo.

A cooperação, em ambos os lados do oceano, é extremamente necessária para isso.

*Cuiabá,  
17 de março de 2008.*

***Postscriptum:***

No mesmo dia recebi um pacote promocional multicolorido do Mato Grosso (MT) e um livreto simples do Sindicato dos Trabalhadores do Ensino Público.

No primeiro material de propaganda, ricamente ilustrado, o governador do estado elogia efusivamente a natureza exuberante e o fantástico agronegócio do Mato Grosso. Ele inicia com uma expressão americana ‘abrasileirada’: “Terra abençoada por Deus!” Após uma descrição lírica da natureza inebriante, segue: “O agronegócio é o carro-chefe da atividade econômica do estado do Mato Grosso. Mesmo com 60% de seu imenso território sendo considerado área de preservação, o estado está predestinado a ser o maior fornecedor de alimentos do Brasil. Utilizando pouco mais de 8% das terras, o estado já é o maior produtor nacional de soja e algodão e o principal produtor de milho, arroz, açúcar e etanol. Também é o líder na produção e carne bovina e apresenta forte crescimento da avicultura e suinocultura.”

E conclui: **“Este é o local da perfeita harmonia entre o homem e a natureza.”**

É de ficar sem palavras.

Só que o governador esquece de dizer que esta história de sucesso somente é possível às custas de muitas vítimas. Por exemplo, em 2005, no município de Lucas do Rio Verde (novamente ‘verde’) foram utilizados 2.978.851 kg de agrotóxicos. Isto dá uma média de 8,5 kg/hectare, ou 102 kg/por habitante.ano ou 682 kg/morador da zona rural.ano.

Alô biodiversidade? Alô natureza? Alô benção de Deus?

Em ‘Novos Rumos’, do Sintep, encontro títulos reveladores e artigos chocantes: “Juína – MT, setembro de 2007. Imagens da truculência e do retrocesso.”

“Amazônia, uma região de poucos.”

“Mato Grosso: crescimento e degradação – o desafio é a sustentabilidade”

“Assim são os maus” (escrito por Dom Antonio Possamai, bispo emérito de Ji-Paraná.)

“Em terra de coronel não existe lei!”, que inclui o tópico “A simbologia das agressões”

“O nenhum somos nós, cara pálida!”

“A ausência do estado e o surgimento da truculência social.”

E quem é que está com a razão? O Egito possui suas maravilhosas pirâm-

mides, mas elas foram construídas às custas de quantas dezenas de milhares de escravos? A cidade de Ouro Preto era rica em ouro, mas quem é que o extraía da terra negra? De qual desenvolvimento ‘sustentável’ é que estamos tratando afinal?

Ainda ouço as palavras de Blairo Maggi na Universidade Agrícola de Wageningen (15/10/2007) assegurando: “Vocês querem soja ‘sustentável’? Nós vamos fornecer! Vocês demandam, nós produzimos.” O Ministro da Agricultura do Brasil balançava a cabeça afirmativamente.

O Mato Grosso pode ter se tornado o centro do mundo agrário, mas também é um estado do grande silêncio, o estado com mais violência no campo. A imensa região abriga o maior número de pessoas em regime de trabalho escravo, depois do Pará. Em 2005, foram libertados nada menos do que 1411 trabalhadores de situação semelhante à escravidão. E isto porque o Ministério do Trabalho investigou somente 25% das denúncias.

O trabalho de ONGs e de organizações como o SEBRAE é fantástico, mas devemos cuidar para que estas iniciativas não continuem sendo ações marginais num deserto de morte e destruição. Uma redução insignificante na festança de purpurina e grana para uma pequena elite?

Quem ousa quebrar o silêncio, denunciar as injustiças?

Neste imenso país, fica claro que a igreja católica faz efetivamente seu trabalho e continua denunciando, mesmo que as igrejas neopentecostais, em ascensão, preguem que as vítimas voltem seus olhos exclusivamente para o céu. Religião como ópio do povo e benção para o Capital. ‘God bless America! Deus Abençoe o Mato Grosso!’

Mas ainda existe uma teologia libertadora e uma prática ousada de cristãos que combatem Moloque a partir de suas vítimas. Junto com todas as pessoas de boa vontade.

Além do Silêncio.

## 6 “Escolhe, pois, a vida”

---

A turnê pelo Brasil vai de vento em popa. Meu roteiro nunca foi tão intensivo: de universidades e escolas agrícolas, passando por grupos de agricultores carnívoros no Rio Grande do Sul e até vegetarianos em São Paulo. No fim de semana passado estive em Sananduva, no momento em que centenas de milhares de mulheres de todo o mundo se reuniam para encontros e mobilizações. O “Dia Internacional da Mulher”, celebrado anualmente, está se tornando um marco. Enquanto as mulheres da Via Campesina realizam manifestações de impacto contra multinacionais, como Aracruz ou Syngenta, Fetraf-Sul prefere optar pela realização de encontros em massa. Em Sananduva, o encontro conta com 400 mulheres; em Constantina são 1500. É uma opção política da Fetraf-Sul para promover ainda mais integração do gênero e criar mais oportunidades de encontros para as mulheres da agricultura familiar.

### Vida após o nascimento

“Escolhe, pois, a vida” (Deuteronômio 30:19) é o título de um dos livros mais conhecidos da teóloga Dorothee Sölle. Em 2008, a frase foi escolhida como *slogan* da campanha da fraternidade da Igreja Católica no Brasil. No ano anterior, esse espaço foi ocupado pela preocupação ecológica vivaz e libertadora com a Floresta Amazônica; na maioria das igrejas, o lema “escolhe, pois, a vida” é interpretado principalmente como vida após a concepção, porém antes do nascimento. É bom defender essa vida. Mas causa certa estranheza quando se observa como os movimentos sociais estão agindo em relação ao aborto planetário após o nascimento: a privatização das sementes por Syngenta, Monsanto e companhia; os monocultivos de soja, milho e cana-de-açúcar; a loucura da ascensão dos biocombustíveis; fome e morte após o nascimento.

### As oportunidades da crise

Segunda-feira: um programa intenso em Passo Fundo. Visitamos a Embrapa, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. No início da década

de 1970, no auge da ditadura militar e da Revolução Verde, esses centros de pesquisa foram estrategicamente alocados em todo o país. O mesmo se aplica às escolas agrícolas, que tiveram início já na década de 1960. Estrategicamente? A agroindústria, como a Sadia, necessitava de mão-de-obra barata para o sistema de produção integrado de aves, perus e suínos. Na terça-feira, sou recebido na escola técnica de Concórdia. Passo o DVD “A vaca 80 tem um problema” e faço uma palestra para 150 alunos e professores. Depois da palestra, um professor confidencia: “Nós, as escolas agrícolas e a Embrapa, estamos em crise. Na época, foram criadas para atender aos interesses das grandes agroindústrias que estavam em ascensão. Elas necessitavam de mão-de-obra capacitada e barata, não de pessoas com espírito crítico. Por exemplo, no início, a Sadia incorporou imediatamente 80 ex-alunos no sistema de integração. Agora não contrata qualquer um. Eles não precisam mais da agricultura familiar.”

Um estudante pergunta: “Cerca de 75% dos estudantes daqui vêm da agricultura familiar. Alguns tentam nos convencer dos benefícios da Revolução Verde, mas, e você, o que tem a dizer à juventude rural daqui? Qual é o nosso futuro?”

A palavra “crise” é derivada do verbo grego *krinein* (julgar). Uma organização, um modelo agrícola ou uma sociedade pode se encontrar em



uma crise, mas será que essa não é exatamente a hora da verdade? Um momento *Kairos*,<sup>4</sup> um momento oportuno, no qual uma escolha pode ser feita. Escolher, por exemplo, a vida, contrapondo-se aos deuses da morte e da mentira. Será que é por isso que as portas da Embrapa, universidades e escolas agrícolas se abrem para um belga um tanto fora do comum com alguns livros? Livros que pregam coisas diferentes daquilo que, há 40 anos, era considerado convencional. Daquilo em que se acreditava há 40 anos e que já exigiu tantos sacrifícios.

O professor continua: “É um momento histórico. Nossas instituições estão em crise e o Governo Lula espera que nós não optemos somente pelo agronegócio, mas também apoiemos a agricultura familiar. Nós somos oriundos de uma tradição de mutirão, de colaboração. A ‘revolução’ fez de nós concorrentes e individualistas. Podemos redescobrir o mutirão e a verdadeira agricultura familiar. Aliás, uma pesquisa mostrou que filhos de agricultores familiares independentes recebem, em casa, estímulo para assumir as propriedades das famílias, enquanto os pais – que estão presos na integração – preferem que seus filhos partam para as cidades. Pode ser um momento histórico para nos reorganizarmos. O governo pode desempenhar um papel dinamizador desse processo.”

## Assesoar

Quinta-feira eu estou na Assembléia Geral da Assesoar, em Francisco Beltrão. Assesoar: constituída no ano de 1966 pelo visionário padre belga Jef Caeckelbergh. É comovente como, também aqui, se luta pela vida. No meu grupo de discussão aflora a tristeza pelo rumo que a igreja tem tomado. Um homem diz: “A maioria de nós, na casa dos 30 e 40 anos, foi formada numa igreja combativa, inspirada pela teologia da libertação. Agora, há anos sentimos o abandono da igreja, enquanto há tanta coisa que ela poderia fazer para apoiar as causas dos movimentos sociais.”

Pois é. Pelo jeito, “escolhe, pois, a vida” pode receber interpretações bastante distintas.

---

<sup>4</sup> Nota do tradutor: Kairos (*καιρός*) é uma antiga palavra grega que significa "o momento certo" ou "oportuno". Os gregos antigos tinham duas palavras para o tempo: *chronos* e *kairos*. Enquanto o primeiro refere-se ao tempo cronológico, ou sequencial, esse último é um momento indeterminado no tempo em que algo especial acontece. É usada também em teologia para descrever a forma qualitativa do tempo, o "tempo de Deus", enquanto *chronos* é de natureza quantitativa, o "tempo dos homens". Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kairos>. Consultado em: 17 agosto 2009.

E como nós vamos reverter essa maré? Será que a crise atual vai expor a nudez do rei e suas mentiras? Na década de 1960, padre Jef plantou uma semente. Cerca de 42 anos mais tarde, os agricultores e agricultoras cuidam para que a “mãe das organizações de agricultores familiares do Oeste do Paraná” possa continuar fazendo seu trabalho. Sempre se renovando. “Para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10).

### **O difícil equilíbrio entre cooperativa e sindicato**

Os últimos cem anos de história do sindicato belga de agricultores nos ensinaram quão difícil é o exercício de equilíbrio entre o sindicato de agricultores e suas cooperativas – isto posto eufemisticamente, para não chamar de luta pelo poder. O poder sempre está presente onde há concentração de dinheiro. Isso não ocorre, principalmente, na atividade econômica dos agricultores, em vez de em sua atividade sindical? Quem paga a banda, escolhe a música. Até que ponto o trabalho sindical pode ser enfraquecido ou paralisado pelos crescentes interesses econômicos dos bancos e do setor de indústrias de processamento?

Essas considerações passam pela minha cabeça enquanto eu faço minhas palestras na Cooperativa de Leite da Agricultura Familiar - Claf, em Nova Prata do Iguçu, e na assembléia geral do sindicato da Fetraf, em Salto do



Lontra. Trata-se de duas organizações sadias e renovadoras e de encontros interessantes. Há muita dinâmica no meio dos agricultores familiares.

Como será que encontrarão o equilíbrio entre o necessário apoio econômico e o apoio político do movimento?

Escolhe, pois, a vida. As escolhas não se impõem somente nas igrejas ou na segurança dos seios familiares.

“Escolha a vida” deve ser a faixa para todas as organizações que, juntas, defendem a terra castigada e seus habitantes torturados.

*Nova Prata do Iguaçu,  
14 de março de 2008.*

## 7 Pesca artesanal

O Brasil possui cerca de 5 milhões de hectares de “projetos de reflorestamento”. Não se engane: trata-se de plantios homogêneos de pinus e de eucaliptos. Ou seja, florestas com pouca ou nenhuma vida, além da produção de madeira ou celulose.

Nesse mesmo país, também foram inundados – até agora – cerca de 5,5 milhões de hectares de terras para produção de energia elétrica. Por causa disso, milhares de agricultores familiares e muitos povos tradicionais foram expulsos de suas terras ancestrais. Muitas áreas naturais desapareceram debaixo d’água. É só lembrar dos guaranis, em Foz do Iguaçu, e também das maravilhosas cataratas de Sete Quedas, que agora estão submersas. Tal destruição somente poderia ser imposta por uma ditadura militar.

Hoje, ainda há muito mais hidrelétricas aguardando construção, pois a demanda por energia elétrica não para de crescer e, não, a utilização racional e econômica dessa assim chamada energia “limpa” ainda não é uma preocupação amplamente difundida.



Uma grande diferença com os projetos de reflorestamento é que nesses reservatórios existe vida. Em geral, eles abrigam muito peixe mas, devido a graves obstáculos burocráticos, era impossível pescar neles.

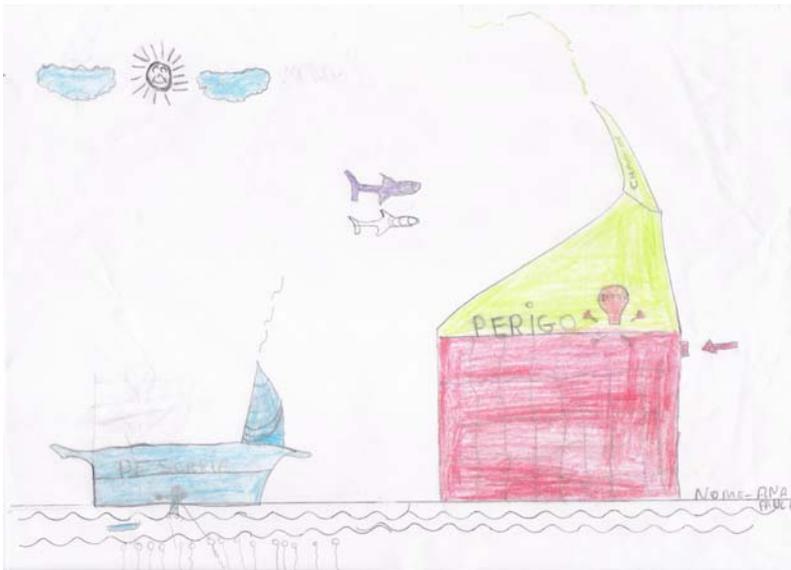
Desde ontem, isso mudou. O presidente Lula da Silva concedeu os primeiros títulos de cessão de uso de águas da União para criação de pescados a 73 pescadores artesanais, que vivem no entorno do reservatório de Itaipu. É o início de uma série de concessões para outros reservatórios.

Também é um passo importante, um apoio tanto para a agricultura familiar quanto para a pesca artesanal. Assim como há, no mundo todo, um conflito entre dois modelos agrícolas, também há – principalmente no mar – uma luta intensa e desigual entre a pesca artesanal de milhões de famílias e a pesca industrial da União Europeia, Canadá, Estados Unidos e Japão.

O que também é interessante é que essa nova fonte de pescado não requer soja ou outro tipo de alimento. O crescimento explosivo da aquicultura dos últimos 15 anos faz com que o fluxo de soja não seja direcionado somente para suínos, aves e gado, mas também – e cada vez mais – para a piscicultura.

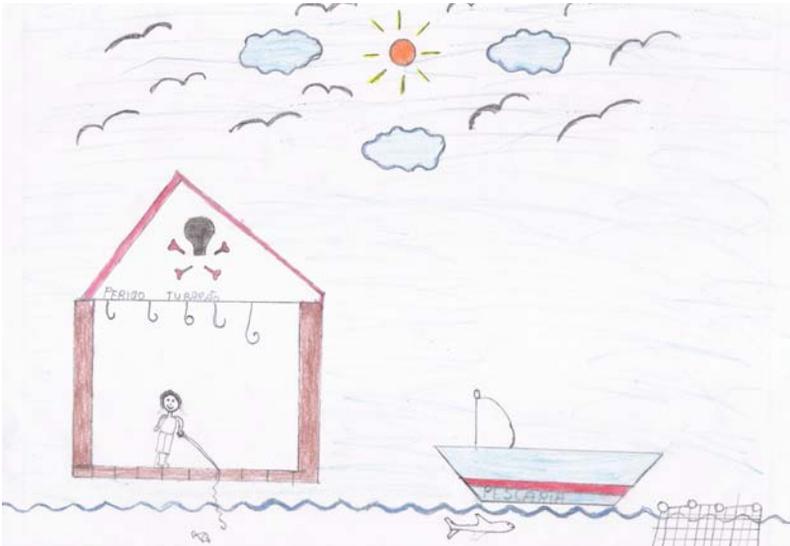
E há, claramente, possibilidade de expansão dessa atividade. Atualmente, a pesca brasileira produz 270 mil toneladas de pescado. A meta é que a produção aumente para 705 mil toneladas de pescado até 2011.

Os próximos parques aquícolas a serem inaugurados em breve são Castanhão (CE), Furnas e Três Marias (MG), Tucuruí (PA) e Ilha Solteira (SP).



Em meio a essas notícias, quase se esquece de que a pesca é o esporte número 1 do Brasil. Sim, sua prática é mais difundida que o futebol!

*São Paulo,  
21 de março de 2008, enquanto espero para fazer a palestra para  
vegetarianos do Brasil.*



# 8 Eco-bio



O presidente Lula da Silva está em visita na Holanda por alguns dias. Holanda: um país do tamanho de um selo no mapa-múndi, mas um dos maiores exportadores de produtos agrícolas. Queijo, leite em pó, carne de aves, de suínos, flores.

Aos poucos, aumenta a percepção de que as exportações de produtos de origem animal somente são possíveis graças ao indescritível fluxo de soja (solo, água, sol e energia de fora) que entra no país pelo porto de Roterdã. O mesmo porto de onde são enviados os navios rumo aos sete mares com os produtos processados. O valor agregado fica nos Países Baixos, bem de acordo com a tradição do secular espírito comercial. Enquanto isso, a variante moderna da Companhia das Índias Orientais<sup>5</sup> encontra-se em Schiphol<sup>6</sup>. Exportar carne de porco para o Japão de avião. Fantástico!

<sup>5</sup> Nota do tradutor: a **Companhia Holandesa das Índias Orientais ou Companhia Neerlandesa das Índias Orientais** foi formada em 1602 com o nome formal de Companhia Unida das Índias Orientais, ou “*Vereenigde Oost-Indische Compagnie*”. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia\\_Neerlandesa\\_das\\_%C3%8Dndias\\_Orientais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Neerlandesa_das_%C3%8Dndias_Orientais). Consultado em: 25 maio 2009.

<sup>6</sup> Nota do tradutor: o **Aeroporto Internacional Schiphol** é o principal aeroporto da Holanda e se localiza próximo a Amsterdã. Em 2005, foi o nono aeroporto mais movimentado do mundo. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeroporto\\_de\\_Amsterd%C3%A3o\\_Schiphol](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aeroporto_de_Amsterd%C3%A3o_Schiphol). Consultado em: 25 maio 2009.

A Companhia das Índias Ocidentais fez menos sucesso. Afinal, o Brasil não é a Indonésia. Três séculos mais tarde, vem um presidente brasileiro defender seus “bioprodutos”: **biocombustíveis**, biodiesel feito a partir de soja e etanol da cana-de-açúcar. Como se estivesse rebatendo as crescentes críticas de ONGs, do movimento ambientalista, dos presidentes Morales (Bolívia) e Chavez (Venezuela), ele faz um apelo patético a seu próprio ministro de Agricultura. Ele pede que não se estimule somente as culturas produtoras de energia, mas também as alimentícias: arroz e feijão, leite, mandioca, frutas. Não só para consumo doméstico, mas também para países que não (mais) produzem esses produtos básicos.

### Agrocapital europeu nos trópicos

Eu tenho muita simpatia pelo presidente Lula, mas será que ele não está cometendo dois erros? (1) Em meio a uma crise mundial de alimentos, com brigas por comida ocorrendo em todos os continentes, ele quer – com seu imenso país – ser líder tanto na produção de agrocombustíveis quanto na de alimentos.

**Agro**combustível? Sim, o movimento internacional de agricultores familiares Via Campesina, os movimentos ambientais e outros começam a – conscientemente – utilizar a partícula “agro” em vez de “bio”. A nova febre dos biocombustíveis se alastra como um rastilho de pólvora pelo interior, destrói culturas agrícolas locais, polui ainda mais as águas, piora a erosão crônica dos solos, acelera o desmatamento, e é uma das principais causas da atual crise de alimentos, com escassez mundial e preços elevados.

“Agro” porque essa ”nova” evolução está totalmente alinhada com o



agronegócio – a agroindústria internacional –, com as empresas petrolíferas e o setor bancário. ABN e Amro estão presentes de maneira proeminente na “terra prometida” do Brasil. Com subsídios da UE, a indústria açucareira europeia fecha fábricas na Europa e compra usinas de açúcar no outro lado do oceano. Atualmente, o agrocapital internacional investe em dezenas de usinas de álcool naquela região. “Agro” porque a nova onda de destruição está totalmente alinhada com o que já ocorre há mais de cinco séculos no Brasil e em outras (ex?)-colônias: monoculturas sem vida a serviço da metrópole, do exterior.

O próprio Lula faz referência a isso. Durante seu pronunciamento em Haia, ele relembra a presença dos holandeses no Nordeste do Brasil, durante o “Século de Ouro”<sup>7</sup>. Seu pronunciamento pode ser assim resumido: “Bem, vamos resgatar esses laços. Vocês, holandeses, utilizavam mão-de-obra dos escravos para plantar a cana; agora, deixem que a gente ofereça etanol para a Europa através do porto de Roterdã. Nesse meio tempo, as relações de dependência já se modificaram e nós, brasileiros, podemos lucrar com isso.”

Parece ótimo! O que é que todos esses críticos podem ter contra isso? Sim, até os bispos da Igreja Católica do Brasil (CNBB) já alertaram para uma segunda onda de êxodo rural em massa. Eles já detectaram os mesmos efeitos perversos dessa nova revolução agrária. Assim como nas décadas de 1960 e 1970 do século XX, com sua assim chamada “Revolução Verde”, que expulsou 27 milhões de pessoas da zona rural em direção às favelas dos centros urbanos ou em direção à Floresta Amazônica.

## Porco e carro se encontram

Essa perspectiva não é engraçada? Desde 1962, Roterdã é a “boca da porca Europa”.

Em 2008, cerca de 50 milhões de toneladas de grãos e outras matérias-primas para ração animal d’além-mar encontram – via portos europeus – as bocas de suínos, aves, gado e peixes. Destas, 39 milhões de toneladas são de soja, principalmente farelo de soja para ração animal. Cerca de 20 milhões

---

<sup>7</sup> Nota do tradutor: o **Século de Ouro** (em holandês: *Gouden Eeuw*) **dos Países Baixos** (Holanda), também conhecido como a **Idade de Ouro Neerlandesa**, foi um período da história da Holanda compreendido entre 1584 e 1702, no qual a modesta República Unida dos Países Baixos (estado antecessor dos Países Baixos contemporâneos) transformou-se na primeira potência capitalista do ocidente. Nessa época floresceram o comércio, a ciência e a cultura holandesa, as quais foram as mais aclamadas mundialmente. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo\\_de\\_Ouro\\_dos\\_Pa%C3%ADses\\_Baixos](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_de_Ouro_dos_Pa%C3%ADses_Baixos). Consultado em: 10 jun. 2009)

de toneladas dessa soja é proveniente do Brasil.

Vamos finalmente completar a história: Roterdã, enquanto “tanque da 4X4 Europa”. O secretário de estado de Comércio Exterior da Holanda, Frank Heemskerck, já imaginou o cenário. Ele sonha com o porto de Roterdã funcionando como o “centro de distribuição de etanol” para a União Europeia, dando início a um novo século de ouro. No cais, porcos e carros festejam de mãos dadas, felizes por terem em comum o grão milagroso: farelo de soja para um, agrocombustível para o outro. Assim, nada se perde.

### Vocação exportadora

Os caboclos (2) do Maranhão sentiram isso na pele. Nos últimos anos, sua cultura tradicional e sua agricultura de subsistência vêm sendo substituídas pela soja plantada pelos fazendeiros do Sul do Brasil.

São Luís não é somente a capital do estado, mas também o porto mais próximo da Europa, de Roterdã. Embora o presidente Lula faça um apelo caloroso para que se plante mais arroz e feijão, são exatamente esses alimentos básicos da população que são “atropelados” devido à demanda crescente do



carro e do porco. O dinheiro pode ser gasto somente uma vez. Não se pode cultivar o solo em dois andares. Opções internacionais deverão ser feitas. Na Holanda. Na Bélgica. Em Bruxelas (capital da União Europeia). Em Washington, D.C. Em Brasília.

O presidente Lula acredita na vocação agroexportadora de seu país. A mesma convicção manifestada pelos Estados Unidos da América. Já no século XIX os estadunidenses professavam a fé na sua “vocação” para alimentar o mundo. O Novo Mundo, a Nova Amsterdã<sup>8</sup> que iria alimentar o Velho Mundo, a Velha Amsterdã.

No século XXI, o governo brasileiro professa uma nova fé: a de que ele deve fornecer ao mundo tanto os alimentos quanto os “biocombustíveis”.

## Bioposto

Eu escrevi essa crônica um tanto indignada na maravilhosa cidade de Florianópolis. Para poder visitar essa ilha no Oceano Atlântico, precisamos abastecer na Texaco. Isso mesmo, usar o carro de vez em quando: sem problemas. Comer carne de vez em quando: sem problemas.

O posto possui a atraente denominação comercial “bioposto”. Será que os inúmeros prefixos “bio” e “eco” servem para mascarar o fato de que não queremos mudar nosso modo de vida, nossa política, nossas relações econômicas?

Supermercados que ostentam “bio” (3) em seus produtos, mesmo quando nada há de “biológico”. Será que o “Biofórum”<sup>9</sup> e o movimento pelos produtos agroecológicos não têm razão ao protestar contra isso?

Capital francês e belga que obriga boias-frias (4) a cortar cana nos extensos desertos de cana-de-açúcar brasileiros. Será que não são sérios os argumentos dos sindicatos e movimentos ambientais que se revoltam contra isso?

As indústrias de ração animal belgas e holandesas querem defender seus interesses com fluxos de soja “sustentável” ou “verde”. Será que Greenpeace, Wervel e *Vlaams Overleg Duurzame Ontwikkeling* [Articulação Flamengo pelo Desenvolvimento Sustentável] não têm razão em colocar grandes pontos de interrogação nisso?

---

<sup>8</sup> Nota do tradutor: a cidade hoje conhecida como Nova Iorque foi fundada por colonizadores holandeses e recebeu o nome de Nova Amsterdã.

<sup>9</sup> Nota do tradutor: articulação de ONGs em Flandres que defende a agricultura agroecológica.



A “ecopoluição” de nossa linguagem visa ocultar nossa má vontade em recalibrar nosso padrão de vida. Podemos tornar pública essa encenação?

*Florianópolis,  
13 de abril de 2008.*

- (1) Nessa crônica, vamos tratar apenas do fortalecimento do agronegócio. Como resposta ao conflito entre dois modelos agrícolas, os movimentos sociais propõem o novo conceito de “soberania alimentar”. Cada país, cada povo, cada região deve ter o direito de decidir como quer organizar sua agricultura e seu abastecimento de alimentos. Não se admite que alguns poucos países destruam as economias agrícolas em outros locais (como, por exemplo, as sambiquiras e dorsos de frango do Brasil que – pelo seu baixo preço – expulsaram os frangos senegaleses dos mercados locais, ou o leite em pó da Holanda que inviabiliza a produção local de laticínios nesse mesmo Senegal). Quem estiver em busca de mais informações, concretas e teóricas, sobre soberania alimentar pode recorrer ao livro “Aurora no Campo. Soja diferente” (Curitiba: Ed. Gráfica Popular/Cefuria, 2008). Visite também o site: [www.foodsovereignty.org](http://www.foodsovereignty.org).

- (2) Caboclos: descendentes de portugueses e povos indígenas, originários da miscigenação – nem sempre voluntária – que ocorreu no século XVI.
- (3) As situações no Brasil e na Bélgica são distintas. Na Bélgica, o prefixo “bio” significa “biológico” e é uma denominação regulamentada, que não pode ser colocada aleatoriamente em qualquer produto. No Brasil, é utilizado o termo “orgânico” para produtos oriundos de sistemas de produção agroecológicos-orgânicos (Lei nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003; e Decreto nº 6.323, de 27 de dezembro de 2007). Portanto, o prefixo “bio” é utilizado livremente – e, com frequência, equivocadamente. É que “bio” vende melhor. “Biodiesel” proporciona ao consumidor uma sensação melhor do que simplesmente “diesel”. É que os agrocombustíveis são anunciados e comercializados como uma energia “limpa”, mas há muitos problemas ambientais e sociais por trás de sua produção (desmatamento, desertificação, expulsão de camponeses, etc.). Além disso, a produção de agrocombustíveis está concentrada nas mãos de grandes transnacionais, como a Cargill, e das indústrias petrolíferas. O processo de produção requer muita energia das indústrias, sem falar de todo o transporte de um lado para o outro. O autor trata de diversos aspectos dos agrocombustíveis (biodiesel e etanol) com mais detalhes nos dois livros anteriores sobre soja.
- (4) O Ministério do Trabalho constatou que vários desses empregados temporários são submetidos a “condições de trabalho análogas à escravidão”.

## 9 Aborto planetário

---

Aconteceu novamente: no momento que chego ao Brasil, a inspiração vem à tona. Em Bruxelas, sou absorvido pelas atividades diárias de Wewel, pela internet, pela cidade, pelos cuidados domésticos, pelas muitas pessoas que pedem meu auxílio. Embora as viagens ao Brasil tenham um programa intensivo, com muitos deslocamentos, encontros e palestras de todo tipo, ainda sobra tempo para escrever. Passo muito tempo sozinho e tudo o que vejo, ouço, cheiro... me leva a escrever.

### **Excomunhão em defesa do mais fraco**

Tomemos a polêmica do momento, envolvendo uma menina de 9 anos, violentada pelo padrasto, grávida de gêmeos. Por recomendação médica, é realizado um aborto. O fato chega ao noticiário nacional devido ao arcebispo de Recife, sucessor do falecido Dom Hélder Câmara (1). Exatamente cem anos após o nascimento de Dom Hélder, o novo arcebispo excomungou a mãe da vítima de 9 anos e os médicos envolvidos. O violentador não é excomungado, pois a igreja considera o aborto um pecado maior do que o abuso sexual praticado durante anos contra a criança. Na verdade, o cardeal nem precisava anunciar seu veredicto, pois quem comete o pecado do aborto é automaticamente excomungado pela Igreja Católica. Quem comete um atentado contra o papa também. Já um violentador, um torturador, um fabricante de venenos à la Monsanto ou um atirador de bombas não são visados.

A tradição judaico-cristã defende os mais fracos. É nessa tradição que a Igreja Católica diz se aninhar. A linha mestra dessa tradição é defender os mais fracos, as vítimas. Mas quem é o mais fraco aqui: os gêmeos não nascidos que ameaçam romper o corpo de uma criança de 9 anos? A criança de 9 anos que, bem como sua irmã, foi violentada durante anos?

Eu fico sem palavras e, ao mesmo tempo, furioso com tanta loucura. Também sinto um pouco de gratidão e orgulho pelo de fato de, há mais de 21 anos, vítimas de incesto – mulheres e homens, que sofreram abuso sexual quando crianças – poderem encontrar apoio na Abadia de Averbode (Bélgica), em encontros específicos realizados em fins de semana (2). Pelo jeito, a Igreja é como uma casa com muitos cômodos, com vozes a favor e contra.

Aparentemente uma voz tem mais força que outra. Felizmente, a intervenção da CNBB nesse caso amenizou a aplicação automática da punição e declarou a excomunhão da mãe como inexistente.

## **Bomba-mãe**

Marcelo Coelho não inicia sua coluna na Folha de S. Paulo (11 de março de 2009) comentando a constatação vulgar do bispo e, sim, a posição do Brasil em relação a bombas de fragmentação. Foi exatamente devido ao trabalho pioneiro de Pax-Christi-Flandres (do mesmo berço de tradição) que surgiu, na Organização das Nações Unidas, um movimento pela proibição mundial de bombas de fragmentação. Coelho constata que, no ano passado, o Brasil foi mero observador na convenção internacional assinada por 94 países, na Noruega (3). O Brasil é um dos países onde se fabricam bombas de fragmentação e que tem, portanto, interesse na continuidade da existência dessa bomba-mãe que abriga centenas de explosivos. De acordo com a Cruz Vermelha, cerca de 400 milhões de pessoas vivem em áreas onde – a qualquer momento – elas podem ser atingidas e mortas por fragmentos de uma bomba “dormente” que ainda pode “fazer seu trabalho”. Isso sem falar dos milhões de hectares de solo agrícola perdidos, não só por causa das bombas que ainda não explodiram, mas também por causa de milhões de minas terrestres. No sudeste da Ásia, há regiões que possuem mais minas do que habitantes. Entretanto, estas são regiões muito populosas e com muita agricultura familiar.

## **Ultrapassagem dos Limites da Terra (em inglês, *Earth Overshoot Day*) (4)**

Podemos aprofundar a discussão. A cada ano muda o “Dia da Ultrapassagem dos Limites da Terra”. Em 1985, ocorreu no dia 31 de dezembro. Em 2008, no dia 23 de setembro. Em 2007, ainda foi no dia 1o de outubro. Em 20 anos, onde é que vamos parar? Dia da Ultrapassagem dos Limites da Terra em 1o de abril? Uma piada (de mau gosto) planetária ou um aborto planetário? Um aborto, não antes do nascimento, mas depois do nascimento de todas as formas de vida!

E quem, então, é o mais fraco? O ecossistema, no qual os seres – humanos e não humanos – estão inseridos? O planeta Terra, onde ocorrem múltiplos e variados nascimentos? Nascer para morrer ou se extinguir?

Na mesma Folha li mais duas colunas. Uma do ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc Baumfeld (literalmente, “campo arborizado”: será que ele é a favor do sistema agroflorestal?), sobre a luta do governo para, finalmente, estancar a destruição da Floresta Amazônica. Note bem: estamos tratando do mesmo governo que não consegue proibir a fabricação de bombas de fragmentação.

Logo abaixo, a opinião dos padres James Crowe e Antonio Marchioni, dois defensores do “Movimento Nossa São Paulo” (5). O esforço de 580 organizações conseguiu tornar a imensa cidade mais justa e sustentável. Pelo menos, essa é a perspectiva.

### **Amazônia abortada**

Para mim, não há necessidade de excomunhões – nem pelos abortos que ocorrem em pequena escala, nem pelos em grande escala. Nem para Monsanto, nem para os fabricantes de bombas de fragmentação. Quem foca a salvação do planeta e a melhoria da sociedade humana não está preocupado com as excomunhões *ex cathedra* dessa ou daquela igreja (6).

De qualquer modo, até 2100, cerca de 20% da Floresta Amazônica terá se transformado em Cerrado devido ao aquecimento global. No pior dos cenários – se, todos juntos, conseguirmos aumentar a temperatura da Terra entre 4°C a 6°C – 85% da atual região amazônica será Cerrado.

O que estamos esperando? Devemos excomungar todos aqueles que comem carne demais, que utilizam excessivamente seus carros e viajam demais de avião? Devemos excomungar o sistema econômico atual e seus economistas, por exaurirem a terra em ritmo acelerado? Os políticos? Os bancos?

Ou vamos conseguir nos comunicar mundialmente para deter o aborto que afeta a nós todos?

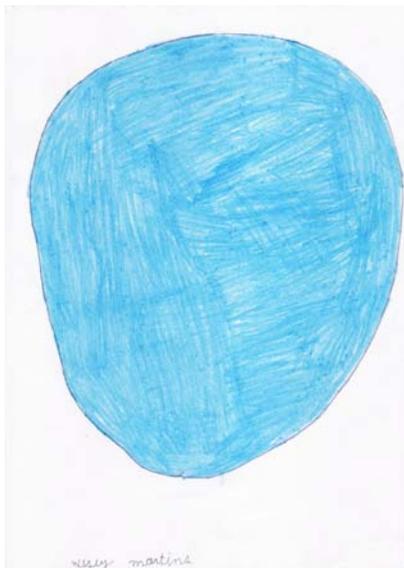
*Pirapora,  
9 de março de 2009.*

(1) Coleção obras completas de Dom Hélder Câmara; Circulares Conciliares (Orgs. Luiz Carlos Luz Marques e Roberto de Araújo Faria)

e Circulares Interconciáveis (Org. Zildo Rocha); Editora CEPE e Instituto Dom Hélder Câmara (Elisabeti Barbosa), Rua Henrique Dias 278 – Igreja das Fronteiras – Boa Vista – Recife-PE – CEP 50070 –140. Fone: (81) 3231-5341 e 3421-1076 – CEDOHC; E-mail: cedohc.org@hotmail.com

- (2) <http://www.incestseksueelgeweld.be>.
- (3) Mais informações nos sites [www.mineaction.org](http://www.mineaction.org) e [www.clusterconvention.org](http://www.clusterconvention.org).
- (4) Dia do Débito Ecológico Global: dia em que é ultrapassado o limite da capacidade de geração da Terra. Ou seja, uma ferramenta para indicar em que medida nosso padrão de vida – enquanto população mundial – está além dos recursos de que dispomos. Do mesmo modo que a metáfora da “pegada ecológica” pode nos alertar para a urgência de ajustes em nosso padrão de consumo. Veja, entre outros, [www.voedselvoetafdruk.be](http://www.voedselvoetafdruk.be).
- (5) [www.nossasaopaulo.org.br](http://www.nossasaopaulo.org.br).

Bem a propósito, o tema da Campanha da Fraternidade 2009, da CNBB, é “A Paz é fruto da Justiça”.



# 10 Leite de cânhamo

---

Minha primeira palestra foi para os vegetarianos de São Paulo. Desta vez não foi na Universidade da Paz, mas na farmácia Buenos Ayres ([www.buenosayres.com.br](http://www.buenosayres.com.br)). Fiquei muito impressionado quando cheguei ao auditório, um andar acima da maior farmácia homeopática do Brasil. Sessenta empregados! Uma multidão de pessoas me cerca, tanto em busca de produtos homeopáticos quanto alopáticos.

Como de costume, eu vestia roupas feitas com tecido de cânhamo e eles me ofereceram um chá da linha de produtos deles. Eu vejo expostos todo tipo de óleos saudáveis. Um óleo falta: Óleo de Cânhamo! Um óleo que, na Bélgica, é encontrado até no supermercado Delhaize. Um detalhe picante para usar a noite? Será que ‘Buenos Aires’ será a primeira a ousar vender óleo de cânhamo no Brasil?

## Angústia

Grande é a surpresa quando eu leio hoje, pela primeira vez no Brasil, um artigo sobre cânhamo em “Equilíbrio” (suplemento da Folha de S. Paulo). Pela primeira vez? Não, eu mesmo já escrevo há cinco anos sobre cânhamo. Como os livros foram traduzidos, consigo comenta-los regularmente no rádio e televisão. Em cada ocasião, eu via a surpresa e o medo nos olhos do repórter. Drogas e criminalidade são um problema sério no Brasil e agora este europeu começa a falar sobre cânhamo aqui! (1). Isso sempre criava a oportunidade de explicar calmamente a diferença entre maconha (a droga feita de cânhamo, com 10 até 20% THC) e cânhamo industrial (na Europa, com um máximo de 0,2% THC).

## Horta de cânhamo

Mas não, agora é Mauricio Horta quem discorre ao longo de duas páginas sobre os benefícios do leite à base de cânhamo. Ele explica toda a história da criminalização, desde os anos 30. O governo dos EUA conseguiu fazer com que o país vizinho, Canadá, proibisse a produção de cânhamo e praticamente

todo o mundo fez o mesmo. Pelo menos, aqueles países onde os EUA exercem sua influência. Somente a China e alguns países asiáticos, onde eles não conseguiram impor sua vontade, continuaram a semear cânhamo industrial. Eles preservaram o conhecimento técnico de como tratar o cânhamo para produzir tecidos, alimentos e tantos outros produtos. Na área de influência norte-americana, a indústria de tecidos sintéticos utilizou o problema das drogas para demonizar essa espécie agrícola centenária. Na Europa, esta planta já estava incorporada no sistema agrícola há mais de sete mil anos, até quase desaparecer na década de 50 do século XX. Quem dentre agricultores mais antigos não lembra que quase todas as pequenas propriedades tinham uma pequena horta de cânhamo: com as fibras, faziam-se cordas; as sementes eram utilizadas para pescar.

Os EUA estão sofrendo de amnésia, pois a primeira bandeira do século XVIII foi confeccionada com tecido de cânhamo e a declaração da independência foi assinada em papel de cânhamo. Horta explica que, no Canadá, eles passaram a ignorar a proibição dos EUA a partir de 1998. O cultivo continua proibido nos EUA, mas atualmente esse país é responsável por 59% das exportações do produto do Canadá. Um litro de leite de cânhamo custa lá 4,99 dólares norte-americanos e uma garrafa com 457 gramas de óleo de cânhamo custa US\$ 14,99. A exportação canadense de sementes de cânhamo vai de vento em popa. Em 2007, representou 1,3 milhões de dólares; no ano seguinte, 2,1 milhões de dólares.

## **Cânhamo e coca**

Estou reunido com Marianne Scheffer, tradutora dos meus livros e artigos. Ela conta que, nesta semana, assistiu com interesse um debate na TV Cultura sobre o uso de cânhamo/maconha. Será que a atenção dada pela imprensa ao tema estaria relacionada com o encontro da comissão de drogas da ONU, em Genebra? Nesta semana, a comissão decidiu manter, pelos os próximos dez anos, a guerra contra as drogas da mesma maneira repressiva. Evo Morales (2) ainda tentou explicar que, na cultura andina, a coca não é consumida como uma droga! A cultura e identidade deles estão baseadas nela. Não é coincidência que Morales, um produtor de coca, conseguiu se eleger como primeiro presidente indígena. Assim como coca não é cocaína, cânhamo não é maconha.

Eu fui convidado por uma família em Bocaiúva do Sul. As filhas mais

velhas ganharem uma carteira de cânhamo e os dois mais novos um chaveiro de cânhamo.

Quem poderia imaginar que precisamente esta semana o cânhamo se tornaria um dos assuntos na imprensa brasileira?

*Campo Largo,  
12 de março de 2009.*

- (1) Na Europa, existe uma rede internacional envolvendo o cânhamo industrial. Entre os membros existem tanto produtores, processadores, indústria quanto ONGs. Wervel também é membro. Site: [www.eiha.org](http://www.eiha.org)

Recentemente, Padre Miguel d'Escoto tornou-se o presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas. É o mesmo D'Escoto que, na década de 80, foi ministro de Negócios Estrangeiros do governo Sandinista, na Nicarágua. Desde que ele foi escolhido como presidente, novos ventos sopram em Nova Iorque. Por exemplo, com seu apoio, o presidente Evo Morales conseguiu lançar a proposta de declarar o dia 22 de abril como o 'Dia Internacional da Mãe Terra'. A ONU acatou a proposta. Finalmente, ainda que timidamente, as visões dos povos nativos de todo o mundo estão sendo valorizadas.

# 11 Curitiba: um mito ecológico?

---

“Você está indo para o Brasil? Já ouviu falar de Curitiba?”

“Sim, vou para lá na próxima semana.”

“Eu li que é uma cidade-modelo na área de ecologia e alternativas. Um sistema de moeda alternativa, por exemplo. É verdade?”

## Arquitetura para turistas?

Trata-se de uma conversa na ONG Netwerk Vlaanderen<sup>10</sup>, no dia anterior à minha partida. Netwerk Vlaanderen atua principalmente em torno do papel do setor bancário e mantém uma “cooperativa de crédito informal” – sem cobrança de juros – para projetos sociais e ambientais e desenvolvendo ideias em torno de moedas alternativas.

Sempre é interessante buscar inspiração em exemplos do exterior, mas o que pensar de Curitiba? Durante a conversa, recebi uma cópia de um artigo de 1990: *“Curitiba: the brazilian city which left the Third World”* [Curitiba: a cidade brasileira que deixou o Terceiro Mundo].

De fato, à primeira vista Curitiba impressiona. Há muitos parques, o transporte público é razoavelmente eficiente. Há belíssimas obras arquitetônicas que nos deixam sem palavras, principalmente os turistas.

## Direita verde?

Jaime Lerner é arquiteto. Em 1971, na época da ditadura militar, ele foi nomeado prefeito de Curitiba. Mais tarde, foi eleito governador do Paraná. Foi nessa época que o conheci. Em 2000, passei dois meses no Paraná. Lá, visitei vários acampamentos e assentamentos do MST. O que chamou minha atenção é que naquela época, nos meios do MST, a “ecologia” era tratada como um tema da “direita”. Eu não entendia e me sentia magoado. O movimento ambiental é o berço de meu trajeto de militância social. A mim, não me parecia que isso fosse “ser de direita”.

---

<sup>10</sup> Nota do tradutor: Veja o site [www.netwerkvlaanderen.be](http://www.netwerkvlaanderen.be).

Mas acabei envolvido após o duro confronto com a polícia militar, sob comando do governador-arquiteto Lerner. Num curto espaço de tempo, o Paraná tornou-se o estado com a mais forte repressão contra os sem-terra. Ocorreram inclusive mortes.

Foi o mesmo Lerner que fez construir o Jardim Botânico em Curitiba? O Lerner, o pioneiro na coleta seletiva de lixo doméstico no Brasil? O Lerner que projetou o sistema de transporte público que inspirou cidades como Nova Iorque? O Jaime Lerner que implantou um sistema para limitar a dez o número de andares dos prédios?

### **Arquitetura fascista?**

O ano de 2000 foi também o ano em que a Bélgica ainda lambia suas feridas após o fechamento da Renault-Vilvoorde. Alguns meses depois, foi inaugurada a Renault-Curitiba. A fábrica requer muita água no processo de produção (1). Sem problemas. Sabem qual foi a solução? O “ambientalista” Lerner mudou a destinação de uma área de preservação natural. A construção da fábrica da Renault foi planejada naquela área ambientalmente frágil. “Quanta corrupção esteve envolvida nesses fatos?”, me sussurraram ainda hoje.

Nos anos seguintes, mais fatos chamaram minha atenção. No Fórum Social Mundial de 2002, participei de um *workshop* de “arquitetos críticos”. Fiquei chocado: sem rodeios, eles chamaram a maravilha de Curitiba de “arquitetura fascista”. Será que ouvi bem?

“Alô?! Arquitetura fascista? Será que vocês não estão exagerando?”

Eles destacaram, entre outros, que o planejamento urbano foi feito de modo que os pobres não precisassem ir até o centro da cidade com frequência. Segundo o IBGE, a cidade possui também um percentual considerável de afrodescendentes, mas eles se tornaram “invisíveis”. Eles moram nos bairros mais afastados e, apesar 20% dos habitantes serem afrodescendentes, ao caminhar pela Rua XV de Novembro quase não se encontram negros. O centro da cidade “excluiu” os miseráveis que, frequentemente, também são negros. Somente quando as lojas fecham suas portas é que muitos são vistos, puxando seus carrinhos para recolher papelão e outros materiais recicláveis (2).

Mesmo assim, o artigo afirma que planejadores urbanos de todo o mundo ficaram impressionados com o que viram em Curitiba. Urbanistas de Buenos Aires, Santiago, Montreal, Paris, Praga, Cidade do México, Lagos, entre outros, visitaram a cidade buscando inspiração.

Há mais de 30 anos são escritos textos elogiosos sobre Curitiba, principalmente no exterior. Os adeptos da *deep ecology*<sup>11</sup> nos EUA citam Curitiba como exemplo. Há muitos anos que o “paraíso brasileiro” não é desconhecido dos círculos ambientalistas da Europa.

Em Bruxelas, uma vez ouvi um arquiteto utilizar o mesmo termo. Ele achava que os edifícios do Banco KBC em Bruxelas e em Leuven também eram “arquitetura fascista”. Será que é um termo empregado levemente? Ou será que retrata algo sobre de uma cultura de exclusão (de muitos) em favor do capital (de uma minoria)?

### Propaganda<sup>12</sup> internacional?

Durante esses dias, testo ainda mais a imagem de “cidade ecológica” de Curitiba junto a diversos integrantes de movimentos de base da região. Aparentemente, eles consideram tudo uma propaganda incrivelmente astuciosa. Um mito que é mantido. Fico sabendo que Curitiba já está atrasada em relação a muitas realizações ecológicas de outras cidades brasileiras. Como a auréola de “capital ecológica” está se desfazendo, a propaganda agora se volta para divulgar Curitiba como “capital social”.

Quem sou eu, um estrangeiro, para me manifestar tão criticamente sobre essa “cidade ecológica”? Estou apenas tentando registrar o que me contam os curitibanos da base, perplexos com a propaganda no exterior.

E o que eu mesmo vivenciei nesses dias? Durante dois dias fiquei hospedado em Campo Largo, a 30 km da região central de Curitiba. O sistema de

---

<sup>11</sup> Nota do tradutor: proposta pelo filósofo e ecologista norueguês Arne Næss em 1973, a **ecologia profunda** é um conceito filosófico que vê a humanidade como mais um fio na teia da vida. Cada elemento da natureza, inclusive a humanidade, deve ser preservado e respeitado para garantir o equilíbrio do sistema da biosfera. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecologia\\_profunda](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ecologia_profunda). Consultado em: 17 jun. 2009.

<sup>12</sup> Nota do tradutor: o uso da palavra propaganda tem sua origem no contexto político, referindo-se geralmente aos esforços patrocinados por governos e partidos políticos. Uma manipulação semelhante de informações é bem conhecida, a publicidade, mas normalmente não é chamada de propaganda, ao menos no sentido mencionado acima. O Conselho Executivo de Normas Padrão (CENP), um dos órgãos que normatiza a atividade publicitária no Brasil, considera publicidade como sinônimo de propaganda. Essa confusão entre os termos propaganda e publicidade no Brasil ocorre por um problema de tradução dos originais de outros idiomas, especificamente os da língua inglesa. O termo **propaganda** é usado quando a veiculação na mídia é paga, já **publicidade** se refere a veiculação espontânea. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Propaganda>. Consultado em: 17 jun. 2009.

transporte coletivo rápido e barato realmente me levou até Curitiba, mas há muito empurra-empurra. É um contraste gritante com a disciplina no metrô de São Paulo. Lá, todos ficam ordeiramente em fila. Em Curitiba, é sempre uma confusão para sair e entrar no ônibus. Mas isso é compreensível: em São Paulo, a frequência das composições do metrô é muito maior. E é claro que cabem mais passageiros numa composição do que num ônibus.

Outra experiência. O artigo ainda diz: “Estimula-se o uso do transporte público em vez do automóvel”. É evidente que o texto foi escrito há quase dez anos. Nesse meio tempo, as fábricas de veículos da Renault e da Audi-Volkswagen se juntaram à da Volvo, inaugurada em 1980. Essas indústrias não fornecem veículos só para a América Latina, mas também vendem muitas unidades na própria Curitiba. Um motorista da Comissão Pastoral da Terra (CPT) se dispôs a me levar de Curitiba à cidade da Lapa. À noite, termos um encontro na “Escola Latino-Americana de Agroecologia”. Levou mais de uma hora só para sairmos da cidade. Um congestionamento... Nunca me aconteceu isso em Bruxelas! Chegamos com atraso de uma hora para a palestra e os debates, e isso porque utilizamos a “Linha Verde”, uma faixa de área verde que cruza a cidade de prédios altos. No documento eu li que quem deseja construir prédios com mais de dez andares deve compensar o excedente com área verde. Bem, a julgar pela altura dos prédios, será necessária uma floresta para a compensação.



A propaganda internacional continua a afirmar: “Estimula-se o transporte público e não o uso individual de automóveis”. “Curitiba é um exemplo de organização ecológica”. Ou seria apenas um *outdoor*?

Em 1992, Curitiba foi eleita pela Organização das Nações Unidas como modelo de uma cidade ecológica para o mundo. Felizmente, desde a conferência Rio 92, ocorreram avanços em muitas cidades desse mesmo mundo. Será que Curitiba se acomodou no seu pioneirismo e ficou ultrapassada?

*Bocaiúva do Sul,  
14 de março de 2009.*

- (1) Para fabricar um automóvel, são necessários até 400 mil litros de água. Além disso, o total de energia gasto na fabricação de um automóvel é superior a toda a energia fornecida pelo combustível necessário para fazê-lo andar ao longo de sua vida útil.
- (2) Veja também: “Esta noite dormi com uma mulher. *Flores na favela*”, em “Aurora no Campo. Soja diferente” (Curitiba: Editora Gráfica Popular/Cefuria, 2008).
- (3) Um texto publicado na Gazeta do Povo confirma essa realidade. Cito um trecho do artigo da socióloga Marcilene “Lena” Garcia de Souza (“Curitiba que poucos querem ver. Singularidades do racismo na ‘capital Europeia’ e ‘mais preta’ do Sul do Brasil”):  
*“De acordo com [dados do] Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2005, em Curitiba e Região Metropolitana, os negros (pretos e pardos) somam 19,7%. Os indicadores mostram que em relação à educação, quando comparamos os anos de escolaridade de negros e brancos, vemos que os brancos têm 9,3 anos de estudo para 7,4 anos de estudo dos pretos e pardos; em termos salariais, os brancos recebem em média 4,7 salários mínimos para 2,6 salários mínimos dos pretos e pardos. Para o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) de 2006, os negros em Curitiba e Região Metropolitana, em média, recebem 60,5% do salário dos brancos. A maior diferença salarial está nas áreas de educação, saúde, serviços sociais e administração pública (47% do rendimento dos brancos).”*

Fonte: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=766845&tit>. Consultado em: 3 jul. 2009.

# 12 Energia para o “imperador presunto”

---

Pelo terceiro ano consecutivo, faço uma visita à Rureco<sup>13</sup>, em Guaruapuava. O programa de atividades é sempre intensivo, com entrevistas nas emissoras locais de TV e rádio, bem como uma palestra na universidade.

## Feijoada vegetariana

Como resultado do encontro do ano passado com os “estudantes de História”, a recepção deste ano é realmente especial. No ano passado, havia um número considerável de vegetarianos no auditório. Graças a Mábica Camargo – que agora trabalha na Rureco – eles entraram em contato com os agricultores para reanimar o mercado de produtos orgânicos, que sofreu uma retração.

A Rureco e os jovens aproveitaram minha vinda e o lançamento do livreto “Pensar globalmente, alimentar-se localmente” para construir uma



<sup>13</sup> Veja o site [www.rureco.org.br](http://www.rureco.org.br).

ponte sobre o abismo que separa esse grupo de jovens vegetarianos de alguns agricultores agroecológicos. Para as boas-vindas foi preparada uma feijoada, um prato comum em festas: feijão com pedaços de carne de porco. É óbvio que, nessa ocasião, a carne foi substituída por proteína de soja. Pelo jeito, a mídia também se interessou, pois a TV RPC (integrante da Rede Globo nacional) e o “Diário de Guarapuava” também compareceram.

Após a refeição, faço uma exposição introdutória sobre a distância entre produtores e consumidores, destacando especialmente o crescente poder dos supermercados em prejuízo das feiras de agricultores familiares. Os dois grupos se encontram numa discussão animada e, finalmente, chegam a alguns acordos. Sinto como se estivesse na recriação dos *Voedselteams*<sup>14</sup>, em Flandres [Bélgica]... Os estudantes querem estabelecer um ponto de vendas na universidade. Espera-se que, na sequência, outros moradores da cidade também sejam atraídos. Foram combinadas ações concretas acerca dos próximos passos.

### **Carne e desperdício para 9 bilhões de pessoas**

No dia seguinte, vou dar uma palestra para os agrônomos na mesma universidade. Como há um número considerável de filhos e filhas de fazendeiros, procuro fazer uma abordagem “leve”. Faço uma pequena introdução tomando por base os dois livros, principalmente temas sobre a conexão entre ração animal e a dupla “milho-soja”. Depois passamos o novo filme sobre sistemas agroflorestais, um DVD francês que Wervel distribui na Bélgica e na Holanda. Para minha grande satisfação, eles acharam tudo muito interessante. Segue um acalorado debate.

A discussão trata das possibilidades dos sistemas agroflorestais, passando pela soja e cana-de-açúcar até chegar ao biodiesel e ao etanol. Alguém afirma: “A agroecologia jamais será capaz de alimentar a população mundial.” Isso é lenha na fogueira para Mália: “Isso é perfeitamente possível se deixarmos de comer carne. Também precisamos parar de produzir biodiesel de soja e etanol de cana-de-açúcar. Não há alternativa senão uma mudança radical.”

---

<sup>14</sup> Nota do tradutor: Grupos organizados, em Flandres, que buscam restabelecer o elo entre produtores e consumidores. Um selo de qualidade garante que os produtos vêm diretamente do produtor. Esses grupos, por sua vez, inspiraram-se nos clubes Seikatsu, do Japão, que surgiram após o desastre de Minamata – envenenamento por mercúrio de habitantes daquela localidade devido ao consumo de peixe contaminado.



“Sim” – argumenta um estudante – “mas como vamos resolver a questão da energia se não optarmos pelas culturas energéticas? Será que a energia solar fornecerá energia para tudo? Um professor de Chapecó estimou quantos painéis solares seriam necessários para fornecer energia à indústria de carnes Sadia, em Chapecó.

Seria necessária uma área de painéis solares equivalente a toda a área do município somente para abastecer a Sadia!”

Que belo presente! Em meio à crise financeira mundial, enquanto os EUA e a Europa se desdobram para manter as montadoras do “rei carro”, esse estudante levanta a questão desse segundo grande consumidor de energia: a produção de carne. E ele faz essa intervenção no momento em que a Perdigão e sua concorrente Sadia anunciaram uma possível fusão. Desse modo, elas se tornariam uma das maiores indústrias processadoras de carne do mundo. E, nesse caso, quantas “Chapecós” seriam necessárias para fornecer energia elétrica para a Perdigão-Sadia?

Será que Wervel realmente está no caminho certo com seu folheto “Rei carro e imperador presunto”? São os dois símbolos máximos que resumem o padrão de consumo ecologicamente insustentável de nossa sociedade (1).

*Guarapuava,  
17 de março de 2009.*

- (1) Para cada província da Bélgica, Wervel editou um folheto com o título “Rei carro e imperador presunto”. Na frente, encontram-se dados sobre o impacto ecológico e social desses dois símbolos máximos. No verso, os nomes e endereços para as alternativas (diferentes para cada província), visando tanto uma cadeia mais curta para alimentos quanto um uso mais coletivo de veículos e estimulando, entre outras ações, a “carona solidária”.

# 13 Um teto sobre a cabeça, um direito humano

---

O contexto internacional é um tanto bizarro para tratar de moradia nesse momento. A crise financeira, que provoca estragos no mundo todo, teve início justamente no setor de imobiliário dos Estados Unidos da América. Os empréstimos facilitados que financiaram as construções dos norte-americanos se revelaram parte de uma gigantesca bolha financeira. E também uma parte de um padrão crônico de consumo acima de suas posses, às custas do restante do mundo. O sistema bancário internacional desempenhou o papel de bandido nessa situação. Aqueles que são os principais responsáveis pela crise que afeta centenas de milhões de pessoas necessitam, agora, de apoio financeiro dos governos.

## A construção civil

Nas tentativas de recuperação, a dupla “rei carro e imperador presun-



to” deve ser mantida a qualquer custo, se a economia real quiser continuar funcionando. O mesmo pode ser dito da “construção civil”, com uma diferença: moradia é um dos direitos humanos. Não é possível dizer o mesmo do consumo de carne ou do uso de veículos particulares.

O que chama a atenção é que, nos EUA, muitas casas são construídas de madeira (2), enquanto no Brasil são exatamente essas as casas que as pessoas querem deixar. No programa de Cooperhaf (3), as “belas mas desgastadas” casas de madeira das propriedades rurais são invariavelmente transformadas em construções de alvenaria.

Entretanto, um dos desafios que se apresentam nas atuais assembleias gerais da Cooperhaf é um maior emprego de bioconstruções. Casas de terra e palha, por assim dizer, como Gilson Giombelli (3) nos mostrou.

## **27 mil casas**

Cerca de 2 mil pessoas se reuniram hoje em Pinhalzinho para a assembleia geral da Cooperhaf no estado de Santa Catarina. A maioria chega ao local marcado em um dos 18 ônibus, pagos pelas prefeituras municipais envolvidas. No mesmo dia, em Erechim, pouco menos de 2 mil pessoas se reúnem em assembleia e festejar. Elas vêm de todas as partes do Rio Grande do Sul.

Atualmente, Cooperhaf é uma das grandes realizações da Fetraf-Sul/CUT e – já há alguns anos – também da Fetraf-Brasil. É uma sinergia entre Fetraf – na qualidade de sindicato dos agricultores familiares –, Cooperhaf – como cooperativa habitacional – e Cresol – como cooperativa de crédito. O Governo Federal investe nessas iniciativas via Caixa Econômica Federal (CEF). No momento, estão sendo realizados trabalhos em 13 estados, geralmente com os menos favorecidos da área rural. Uma alternativa que surgiu agora é prestar de serviços para a construção civil nas cidades. Até hoje, foram construídas cerca de 17 mil casas “para” e “com” 17 mil famílias. Cerca de mais 10 mil casas estão programadas. “Para” e “com”? Sim, o processo ocorre fundamentalmente em mutirão e envolve muito mais do que simplesmente construir uma moradia. O que chama a atenção durante essas reuniões é a presença de muitos casais. Isso é novidade para mim. Em muitas outras reuniões da Fetraf, a maioria dos presentes é do sexo masculino, embora as mulheres que comparecem deem uma considerável contribuição. Também há participação de vários jovens. O processo desenvolvido por Cooperhaf, pelo jeito, mobiliza os casais e até a família inteira. Presenciar essa participação é emocionante!

## Nem tudo foi privatizado

O presidente Lula quer combater a crise que também começa a afetar o Brasil acelerando a construção de casas populares. Os políticos afirmam que eles dispõem hoje de bem mais instrumentos do que muitos outros países que também foram afetados pela crise. Por exemplo, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica não foram privatizados. Assim, alguns bancos daqui não são parte do problema e sim parte da solução: eles ainda têm capacidade de investir em tais programas sociais. Além disso, o Brasil ainda possui de 200 bilhões de dólares em reservas internacionais. E ainda há disponibilidade de 160 bilhões de reais que podem ser utilizados enquanto, desde o início da crise, já foram injetados 100 bilhões de reais para garantir a liquidez do mercado.

Até 2010, o governo quer construir um milhão de casas pelo programa “Minha casa, minha vida”. Ele pode, tranquilamente, aprender algumas lições com as milhares de famílias que se encontram na dinâmica de Cooperhaf.

Sim, moradia é um direito humano, mas vai além de ter quatro paredes e um teto. Isso é claramente perceptível nesses grandes encontros. Na saída, todos recebem uma muda: é de uma espécie de árvore nativa, para ser integrada à propriedade. Na tentativa de vencer a monocultura de pínus e eucalipto.

*Chapecó,  
20 de março de 2009.*

- (1) Para Wervel, “o rei carro e o imperador presunto” são os símbolos máximos da sociedade de consumo ocidental, atualmente em processo acelerado de globalização.
- (2) Existe uma relação entre a exportação de madeira do Brasil (principalmente pínus e eucalipto) para os EUA e a construção de casas naquele país. Veja a crônica “Iraque, soja, pínus e eucalipto” em “Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o Oceano” (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2006).
- (3) Sobre o fenômeno “Cooperhaf”, leia a entrevista, com Celso Ludwig, “Casa nova, vida nova” em “Aurora no campo. Soja diferente” (Curitiba: Gráfica Popular/Cefuria, 2008). Sobre o novo caminho trilhado por Giombelli na agroecologia e, também, na construção, leia: “De monocultura para policultura”, no mesmo livro. Para notícias, novos dados e realizações, veja: [www.cooperhaf.org.br](http://www.cooperhaf.org.br) e [www.fetrafsul.org.br](http://www.fetrafsul.org.br).

# 14 Será que a fera ainda pode ser domada? A região amazônica será transformada em Cerrado

---

A conscientização ambiental dos brasileiros está crescendo. Não passa um dia sem que os jornais noticiem catástrofes ambientais. Principalmente o desaparecimento da Floresta Amazônica desperta a imaginação. Aliás, esse tema não aflige somente os brasileiros, já que é noticiado regularmente na imprensa mundial.

## **O desmatamento e o aquecimento andam de mãos dadas**

Tomemos o estudo do Centro Hadley, um instituto meteorológico britânico (1). Com cerca de 700 simulações em computador, eles fizeram projeções sobre qual seria a situação do gelo polar e das florestas no ano 2100. Para a região amazônica, os resultados ficaram entre 20% a 40% de redução da floresta, para uma expectativa de aumento na temperatura média global de 2°C. Num cenário mais pessimista, com aumento de 3°C, cerca de 75% da floresta desapareceria. Se a variação aumentar para 4°C, 85% da floresta seria transformada em Cerrado.



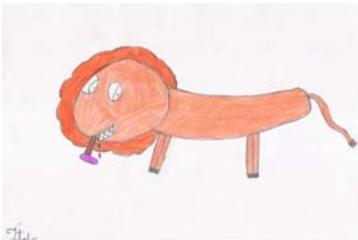
Em 2007, um estudo do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) foi mais cauteloso: no caso de um aumento na temperatura entre 2°C a 6°C, cerca de 18% da floresta se transformaria em Cerrado. Dois anos mais tarde, em março de 2009, o mesmo INPE apresentou um estudo muito menos otimista. Ainda que, no último ano, o desmatamento tenha diminuído (2), a interação do aquecimento global com o desmatamento ameaça piorar tudo. Os resultados agora apontam: 60% de desmatamento da floresta até 2100, com a possibilidade de regeneração de 44,2%.

Em 1991, Carlos Nobre e Marcos Oyama publicaram o primeiro artigo sobre a savanização da região amazônica. Naquela época, eles trataram somente do desmatamento. A maior diferença agora, na combinação com o aquecimento global, é que a floresta é muito mais sensível a incêndios.

### **Do Polo Norte para a Amazônia**

Há anos se fala da necessidade urgente de redução nas emissões de CO<sub>2</sub>. Nos últimos dois anos, também estão sendo considerados a contribuição do metano emitido pelos ruminantes e o fato de que o conjunto da cadeia produtiva de carne – com desmatamento, produção de adubos químicos, vários tipos de transporte, processamento da carne, emissões de metano, CO<sub>2</sub> e óxido de dinitrogênio, processamento industrial do esterco produzido – seria responsável por 18% do aquecimento global (3).

Constatou-se agora que há um paralelismo entre desmatamento e aquecimento, de um lado, e o derretimento das calotas polares e aceleração no aquecimento, de outro. O gelo branco reflete o calor do sol para o espaço. Os raios solares que incidem sobre uma superfície escura são absorvidos e provocam aquecimento. Isso poderia ser uma explicação para o fato de que, entre 1998 e 2008, a redução da superfície de gelo no Polo Norte durante o verão tenha sido 26% superior ao normal. Nas duas décadas anteriores, a média na diminuição havia sido de apenas 4%. Alguns especialistas no clima estão pessimistas e afirmam que, desse modo, logo chegaremos ao “ponto



de virada” – momento em que o processo não poderá mais ser revertido. Acrescente-se a esse fenômeno o fato de que o gelo permanente (*permafrost*) também ameaça derreter. Nesse caso, enormes quantidades de metano serão liberadas para a atmosfera, muito superiores ao CO<sub>2</sub> que já emitimos. Será que a fera do clima está definitivamente fora de controle? Ou nosso único consolo será que o metano é mais rapidamente degradado do que o CO<sub>2</sub>?

E não é estranho saber que os grandes países cujas terras chegam até o Polo Norte (Canadá, Estados Unidos da América, Rússia, Groenlândia-Dinamarca) estão organizando uma corrida contra o tempo, mas esta não é para evitar o aquecimento global? Não. Atualmente eles querem definir, com urgência, a quem caberá os direitos de navegar nas águas do Oceano Ártico liberados pelo degelo e quem pode reivindicar as reservas de gás e petróleo recentemente descobertas naquela região... Ou seja, teremos ainda mais do mesmo: aumento da navegação em regiões frágeis com o risco de catástrofes ambientais, exploração e consumo de combustíveis fósseis justamente por aqueles que já são os maiores responsáveis pelo aquecimento que vai das regiões árticas e antárticas às regiões equatoriais!

Num dia desses, vou fazer uma palestra na Escola Agrotécnica Federal de Concórdia<sup>15</sup>. Sobre água, pois hoje é o Dia Mundial da Água (4). Será que poderei transmitir uma mensagem de esperança, já que sabemos que a região amazônica é, atualmente, uma das maiores reservas mundiais de água doce do mundo? Será que devo destacar a relação entre o desaparecimento da floresta – localizada a milhares de quilômetros ao norte – e as secas cada vez mais frequentes e prolongadas no Sul do Brasil? E será que posso informar a eles que as atuais práticas agrícolas consomem 70% de toda água doce disponível?

## Telhados brancos?

As notícias são alarmantes. Por isso, soluções são buscadas em todos os lados, embora nosso desejo seja manter o máximo possível de nosso “luxo”. É só olhar para o empenho dos governos em salvar a indústria automobilística, sem estabelecer condições ambientais. Um certo Akbari Hashem, pesquisador do Lawrence Berkley National Laboratory (EUA) propôs que pintássemos nossos telhados de branco, o que poderia compensar muito CO<sub>2</sub>. Sabe-se que a perda de calor nas cidades é muito menor do que no campo.

---

<sup>15</sup> Nota do tradutor: atualmente, é Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense – Campus Concórdia.

Isto está relacionado com as superfícies escuras, das quais os telhados representam 25%. Hashem é um otimista; ele afirma que 100 m<sup>2</sup> de telhados pintados de branco compensam 10 toneladas de emissão de CO<sub>2</sub>. Até 2040, cerca de 70% da população mundial morará em cidades. Os telhados e os revestimentos do solo (asfalto, calçadas) ocupam 60% da área dessas cidades. “Se pintássemos somente os telhados de branco, já poderíamos compensar 24 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>”.

Pena que o homem esqueceu de calcular quanto a fabricação de toda essa tinta custa em termos de CO<sub>2</sub>, mas não deixa de ser uma linha de pensamento interessante.

Já que as superfícies geladas do Polo Norte não conseguem mais fazer o seu trabalho, vamos refletir a luz solar com nossos telhados! Será que há mais ideias criativas para ainda controlar a fera (5)?

*Chapecó,  
Dia Mundial da Água,  
22 de março de 2009.*

- (1) Artigo a ser publicado na “Nature Geoscience”.
- (2) Até 2005, cerca de 17% da Floresta Amazônica original já havia



desaparecido nos nove países por onde se estende. No ano 2007-2008, foram desmatados no Brasil “apenas” 11.964 km<sup>2</sup> (fonte: INPE). Em comparação com os primeiros anos da década de 2000, com um desmatamento anual médio de 23.000 km<sup>2</sup>, e isso representa um alívio. O ano 2004-2005 foi o auge, com 26.000 km<sup>2</sup>. Compare com a superfície da Bélgica: cerca de 30.518 km<sup>2</sup>. Bélgica... onde a região de Flandres já foi desmatada no século XIII!

- (3) O transporte aéreo seria responsável por apenas 2%, enquanto a internet – com ferramentas de busca como Google e os milhares de servidores em nosso planeta – dão conta de 2,5% das emissões de CO<sub>2</sub>.
- (4) “Os EUA calculam que os oceanos, mares, rios, lagos, fontes e reservas subterrâneas de água da Terra abrangem, em conjunto, cerca de 1.400 milhões de km<sup>3</sup> de água e cobrem 75% da superfície terrestre. Porém, 97,5% dessa água é salgada e somente 2,5% é água doce. A maior parte desse volume está inacessível nas calotas polares (2,086%), em reservas subterrâneas (0,291%), nos lagos (0,0017%) e na atmosfera (0,001%). Somente 0,01% está prontamente disponível para consumo humano. Graças ao ciclo da água, podemos reutilizar essa água continuamente. Assim, 500.000 km<sup>3</sup> são reciclados e distribuídos anualmente.” Fonte: “O espírito vem pelas águas”, de Marcelo Barros (Editora Rede-Loyola, 2003).
- (5) Salvar o planeta – e a nós mesmos – não é somente uma questão tecnológica. Trata-se também de uma atitude básica e da espiritualidade que permeia todas as religiões. O livro recente de Marcelo Barros e Frei Betto não descreve somente as catástrofes que nos ameaçam, mas também a oposição e resistência espiritual de milhões de pessoas, grupos e movimentos. Recomendo: “O amor fecunda o Universo. Ecologia e espiritualidade” (Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2009).



# 15 Deus do universo

---

No Brasil, o domingo realmente é um dia de descanso. Para muitos, no Sul do Brasil, é o dia perfeito para fazer um churrasco. Ou seja, carne, muita carne sobre as brasas e entre os dentes. Uma verdadeira bomba de CO<sub>2</sub>.

Caminho pelas ruas desertas de Chapecó e entro num restaurante, onde costumava almoçar, dois anos atrás. Quero presentear a proprietária com um livro, porque ela é citada no mesmo ao comentar a mentalidade da cidade.

O time de futebol da cidade desce do ônibus e se empanturra em 15 minutos. Nessa cidade relativamente europeia, “branca”, o número de afro-descendentes no time chama a atenção. Aqui, o futebol é um reflexo da sociedade brasileira como ela é de fato: diversa, multicolor. Por um momento, uma grande agitação toma conta do restaurante. Antes e depois, está tudo calmo. Um domingo à tarde tranquilo, com cachaça da região como aperitivo e um almoço saudável, sem carne nem exagero, mesmo que nos encontremos na “capital da carne”. Cachaça pura, sim – caipirinha é para os turistas.

Ao pagar a conta vejo claramente que se trata de uma família católica, com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida atrás do balcão, cercada de



crucifixos, e outra de Maria. Mas meu olhar é atraído por algo mais! Ao lado dos interruptores de luz, sobre a caixa de entrada da energia elétrica, ela pendurou uma oração que ela ganhou de alguém. A oração diz:

“Muito obrigado por este local sagrado de trabalho! Deus ilumine, oriente e proteja a todos aqueles que aqui entram.

Deus, muito obrigado pela sua segurança e proteção. Em cada centímetro de área desta empresa (ou casa) abençoada, Deus se manifesta, purificando-a em definitivo. Muito obrigado, Deus!

Aqueles que aqui vierem com maus pensamentos, ao cruzarem esta porta abençoada, Deus Sumiyoshi, protetor do universo, purifica as mentes, tornando-os nossos melhores amigos. Deus zela e protege este local sagrado de trabalho, fazendo com que os meus clientes, fornecedores, colegas, parentes, amigos e vizinhos tenham a satisfação de estar conosco e de partilhar nossa amizade.

Muito obrigado!”

Esse texto, e o fato de ele poder estar exposto tranquilamente ao lado de Nossa Senhora, me trazem de volta ao Brasil que existe na realidade. Assim como, recentemente, encontrei atrás do santuário “Bom Jesus de Pirapora” – centro de peregrinação católico – um círculo com oferendas de “macumba”, incluindo “Cachaça 51”, cerveja e alimentos, para os participantes do ritual e para os espíritos. De mesmo modo, no Nordeste, os praticantes do candomblé também frequentam, sem escrúpulos, uma igreja católica.

Chapecó não é somente a capital da carne. Também é uma maionese de dezenas de culturas e religiões.

E Deus viu que era muito bom.

*Chapecó,  
22 de março de 2009.*

(1) Sumiyoshi, uma divindade japonesa:  
[http://www.fjosp.org.br/agenda/05\\_07\\_hajime.htm](http://www.fjosp.org.br/agenda/05_07_hajime.htm);  
[http://tertu1.blog.uol.com.br/arch2004-10-17\\_2004-10-23.html](http://tertu1.blog.uol.com.br/arch2004-10-17_2004-10-23.html)

# 16 Os desmatadores são os sem-terra?

---

Há anos se insinua que não são os grandes fazendeiros e sim os sem-terra que são os grandes desmatadores. Assim, o governador e fazendeiro Blairo Maggi pode afirmar com orgulho que ele possui 110.000 ha de floresta virgem, mas ele esquece de mencionar que, para ter seus 150.000 ha de monocultura de soja, ele precisou desmatar primeiro... “Totalmente legal”, é a resposta.

Se ele realizou pessoalmente o desmatamento ou queima da vegetação é uma outra questão. Nas últimas décadas, era costume utilizar pessoas pobres para esse trabalho. Elas faziam o trabalho sujo e depois eram dispensadas (1).

## **Limpar: esta é a missão**

Agora a Polícia Federal apresenta um dossiê mostrando que as acusa-



ções aos sem-terra frequentemente não têm fundamento. Naturalmente, os membros do MST também realizaram desmatamentos ao longo dos anos em seus acampamentos e assentamentos. Aliás, a consciência ambiental nesses meios também aumentou gradativamente. A prioridade era – e é – a luta social, devido à terrível concentração de terras nas mãos de uma pequena elite. Terras que também, em muitos casos, foram adquiridas ilegalmente.

Constatou-se que os assim chamados sem-terra no centro-sul do Paraná foram utilizados pelos fazendeiros para desmatar suas propriedades. Chamam a isso de “limpar a área”. O valor de uma terra expurgada pode aumentar de 3 mil reais/ha para 30 mil reais/ha. Por muito menos, pessoas empunhariam a bandeira do MST e então, na surdina, empregam “pseudos” sem-terra para “valorizar” a propriedade. A polícia confirma: “Nós nos deparamos com bandeiras vermelhas. Quando vamos investigar, verificamos que os desmatadores ilegais não são do MST, mas outras pessoas pobres, contratadas pelo fazendeiro.”

Cinco maneiras de burlar a fiscalização:

1. Colaboração entre um sem-terra e uma serraria

Pessoas interessadas em um pedaço de terra para lavoura ocupam as fazendas com muita mata nativa. Nesse momento, já existe um acordo com uma serraria, que compra a madeira. Eles pagam uma parte em dinheiro e outra parte em material, a fim de construir fornos para produção de carvão vegetal.

2. Colaboração entre um sem-terra e um fazendeiro

Sem autorização legal para explorar a floresta nativa, o proprietário da fazenda contrata sem-terra “falsos” para fazer o serviço. Os serviços de fiscalização ambiental podem flagrar os assim chamados sem-terra, mas encontram dificuldades em responsabilizá-los.

3. Acordo entre o fazendeiro e a serraria

Sem muito medo de serem descoberto, o proprietário das terras negocia com o comerciante de madeira para limpar a área. Toda madeira cortada é da serraria. Enquanto isso, o valor das terras do fazendeiro pula de 3 mil reais/ha para 30 mil reais/ha.

#### 4. Pequenos proprietários

Já acostumados a explorar a floresta, eles cortam árvores para vender a madeira. Também desmatam para fazer lenha e produzir carvão e para ampliar a área de lavoura. Em muitos casos eles praticam a “roça de toco”: plantam as culturas entre os troncos que permanecem na área.

#### 5. Corte seletivo dos fazendeiros

Para escapar do controle por satélite, os proprietários de grandes áreas optam por um “corte seletivo”. Num primeiro momento, eles cortam as árvores mais rentáveis. Em seguida, removem gradualmente as outras árvores, até que, finalmente, o terreno “está limpo”. Nesse ponto, ele está pronto para a agricultura ou para o plantio de pinus e eucalipto.

Conseguiu acompanhar? Essa é a prática no centro-sul do Paraná. Paraná, um estado relativamente pequeno e muito “europeu”, onde a fiscalização ainda é relativamente fácil (2). Como será que eles enfrentam essa questão mais ao norte, no Pará, Mato Grosso, Amazonas, onde às vezes você viaja 500 quilômetros sem encontrar viv’alma?

*Anchieta,  
24 de março de 2009.*

- (1) Veja “Soja e escravidão”, em “Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano”.
- (2) Enquanto escrevo este texto, um parlamentar me conta que existe atualmente um debate feroz, especialmente na Assembléia Legislativa de Santa Catarina, outro estado “europeu”. Alguns deputados querem se livrar da lei federal que prevê que, dependendo da largura de um rio, é proibido o desmatamento de, pelo menos, 30 metros em cada margem. Eles querem reduzir isso para 5 metros! O *lobby* é forte e os pequenos proprietários são utilizados como argumento: frequentemente, suas pequenas propriedades fazem divisa com um rio. Com a aplicação da lei federal – que determina a preservação de, no mínimo, 30 metros de mata ciliar – eles perderiam literalmente

as terras de onde tiram seu sustento. É um pouco hipócrita, porque os pequenos são frequentemente utilizados para “limpar” as áreas sendo, em seguida, expulsos ou comprados. Assim, fazendeiros com o seu gado ou soja ocupam as margens dos rios. No entanto, como ocorre no Paraná, é possível encontrar soluções para os pequenos, os agricultores familiares. Com as práticas agroflorestais eles podem, tranquilamente, permanecer nas margens dos rios e enriquecer o meio ambiente em vez de poluí-lo. Nesse sentido, o projeto agroflorestal de Barra do Turvo desempenha uma importante função de convencimento junto aos políticos.

Já que falamos da Europa: alguém sabe quantos metros se exige em Flandres [Bélgica]? Vejo apenas uma trilha ao lado dos rios. Nenhum sinal da mata original. Essa já foi derrubada no século XIII.

# 17 Mais uma vez sobre os transgênicos

---

Na Bélgica, enquanto o parlamento flamengo finalmente resolveu votar o altamente criticado “decreto de coexistência”, vou fazer uma palestra em Guaraciaba, cidade próxima a Anchieta, “a capital das sementes crioulas”. Enquanto estou me preparando, me deparo com as mais conflitantes notícias.

Por exemplo, os agricultores familiares no Mato Grosso – o estado com a maior produção de soja do Brasil – estariam abandonando algumas variedades de soja transgênica. Motivo?

“Estamos vendo cada vez menos soja transgênica por aqui. Ela não tem uma boa *performance*”, disse Jeferson Bif que, com os seus 1800 hectares cultivados com a dupla soja-milho, definitivamente não é um pequeno produtor. Ele disse que obteve produções médias de 58 sacas (60 kg) por hectare com a soja convencional na última safra, enquanto os campos plantados com soja transgênica no mesmo ano produziram dez sacas a menos. Boas notícias? Sim, mas o que fazer com o fato de que as grandes empresas de sementes e agrotóxicos estão focadas exclusivamente em soja transgênica? Será que, daqui a dez anos, ainda será possível comprar sementes de soja convencional?

Outra notícia: “Projeto de lei que proíbe o uso de alimentos geneticamente modificados nas merendas de escolas municipais de Porto Alegre (RS) foi apresentado nesta terça-feira à Câmara Municipal pelo vereador Beto Moesch (PP). A iniciativa poderá beneficiar 56 mil estudantes de 95 escolas municipais da capital gaúcha.” Esse seria o único alimento com garantia de estar isento de Organismos Geneticamente Modificados – OGMs. É que o Rio Grande do Sul se tornou um mar de soja transgênica. E mais uma boa notícia: 21 pesquisadores renomados de diversos países se opuseram aos experimentos em seres humanos (adultos e crianças) com o *Golden Rice* (1) nos EUA.

Por fim, uma notícia “não tão boa”: parece que Dow Chemical, devido a problemas financeiros, está sendo forçada a vender seu lucrativo ramo

Dow AgroSciences. Assim, o número de seis grandes gigantes do ramo de agrotóxicos e sementes (sementes, pesticidas e produtos farmacêuticos em uma mão) se reduz a somente cinco concorrentes: Monsanto, Dupont, Syngenta, Bayer e Basf. Agora eles podem acelerar ainda mais a erosão genética e impor as sementes vinculadas aos produtos químicos de seus próprios conglomerados.

## Uma morte lenta e silenciosa

No ano de 1996, a soja transgênica entrou sorrateiramente na Europa (vinda dos EUA), assim como no Brasil (vinda da Argentina). Na Europa, na forma de ração animal. No Brasil, na forma de sementes-piratas, com o conhecimento da Monsanto. Após anos de tolerância – para tornar os agricultores dependentes da soja Roundup Ready – chegou a hora da verdade: pagar *royalties*. E, diante do fato consumado, o governo foi quase que obrigado a liberar a soja transgênica. Na Europa, não foi diferente. Milhões de toneladas já estavam entrando antes de haver uma legislação sobre o assunto.

No Brasil, após a soja, o milho geneticamente modificado também foi liberado. Atualmente está em curso um debate acirrado em torno da liberação de arroz transgênico. Embora a soja esteja presente na composição de milhares de produtos, com o milho e o arroz a situação se torna bem mais concreta. Ambos são alimentos básicos do brasileiro. Isso é especialmente verdade no caso do arroz, que pode ser consumido sem processamento. É chegada a hora, portanto, de ouvir um especialista: Antônio Inácio Andrioli. Uma intervenção bem oportuna, pois a *lobby* da biotecnologia genética está distorcendo os argumentos dos movimentos ambientais e dos movimentos de solidariedade com os países em desenvolvimento: “Os transgênicos poupam o meio ambiente porque exigem menos agrotóxicos. Os OGMs ajudam a combater a fome no mundo.”

Eu encontrei seu texto no interessante *site* do Fórum Carajás (3) e reproduzo alguns trechos:

(...) A fome é um problema distributivo e não técnico. Assim, temos de discutir as causas da desigualdade social, ou seja, temos muito mais produção do que consumo. Mas o problema clássico da fome é o difícil acesso aos alimentos produzidos, por parte de uma maioria que passa fome e está abaixo da linha da pobreza no mundo. Paradoxalmente, a maioria das pessoas que passam fome no mundo são agricultores que vivem no meio rural, exatamente num local onde poderiam ser produzidos alimentos. Um elemento central para

entender isso – e que também nos remete à produção dos transgênicos como fator importante – é o fato de os pequenos agricultores não terem conseguido sobreviver ou serem inviabilizados na atividade agrícola devido à monocultura. Eles têm dificuldades de conseguir sobreviver no mercado, porque precisam aumentar a área de produção para tornar viável a monocultura.

Nessa história toda, a produção de OGMs é um fator importante.

A base que está por detrás disso é muito simples: a idéia liberal que fundamenta a lógica do mercado, de que o agricultor deveria se especializar – isso significa que ele diminui o próprio acesso à alimentação, portanto não produz mais comida para si mesmo –, na expectativa de receber dinheiro suficiente para comprar alimentos. Essa lógica não funciona, porque, ao aumentar a produção dessas monoculturas, ocorre a diminuição de seu preço e um aumento dos custos em função dos problemas técnicos gerados por esse modelo de cultivo. Como acontece essa inversão, há uma menor renda agregada para o trabalho desses agricultores, que estão se endividando para comprar novas terras, insumos, e alguns até perdendo suas terras para pagar as dívidas, se tornando assim agricultores sem terras.

Um problema técnico e estrutural.

Então, temos um problema estrutural, ou seja, um empobrecimento dos pequenos agricultores, o que contribui para aumentar a fome no campo e o êxodo rural. É claro que, se utilizarmos a tecnologia dos transgênicos – que contribuem para o aumento dos custos de produção e ao mesmo tempo são cultivos que têm uma produtividade inferior aos convencionais –, aprofundaremos a lógica de dependência das técnicas. O agravante é que, como nunca antes visto, agora temos a dependência desde a gênese do alimento.

O agricultor que planta a soja transgênica irá pagar *royalties* não só sobre a soja, mas também sobre o próprio glifosato que está embutido nesse pacote de compra das sementes. A empresa fatura duas vezes, enquanto o agricultor paga duas vezes. Essa é uma das grandes explicações para o aumento da desigualdade social e da fome na agricultura. É uma vergonha para o mundo ter 900 milhões de pessoas passando fome, mesmo numa situação de superprodução de alimentos.

Além de ser um problema político e de distribuição, essa crise alimentícia é também um problema de produção, pois estamos produzindo alimentos que

não consumimos, como a soja, os quais têm servido para a criação intensiva de animais na Europa. Os produtos oriundos dessa soja passam a interferir nos mercados mundiais quando apresentam um valor mais abaixo em relação ao preço desses mercados, o que faz com que localmente a produção seja atingida e cause mais fome. Um exemplo claro disso é a exportação de frango brasileiro para a Europa. Os europeus compram esse produto a um preço que permite descartar as partes que eles não comem. O que não é consumido passa a ser doado para a África. Isso tem destruído a produção africana de frango, porque é uma concorrência insustentável.

IHU On-Line – Além de contribuir para a desigualdade social, em que medida a produção de transgênicos também aumenta os impactos da crise ambiental e financeira?

Antônio Inácio Andrioli – Um dos grandes problemas da crise é a utilização de fonte energética limitada. Não temos condições de continuar produzindo uma agricultura através de químicos resultantes e derivados de recursos fósseis. Os transgênicos são apenas uma nova fase da indústria química. Não é por acaso que as empresas químicas financiam os transgênicos. As plantas produzidas através da transgenia são imunodeficientes, ou seja, são piores do que as plantas desenvolvidas através do melhoramento genético tradicional. Então, a indústria química construiu uma forma de vender mais produtos químicos com falsos argumentos de estamos numa nova fase em que se substituiria a química. Essa agricultura tem gerado no mundo uma dependência enorme de importação desses produtos, pois, para importá-los, muitos países têm aumentado suas exportações agrícolas. Isso faz com que se destruam os recursos naturais através das monoculturas.

No capitalismo, com a lei das vantagens comparativas, cada agricultor deveria conseguir se aproveitar de uma situação em que ele possa ter os menores custos, ou seja, produzir o que é mais adequado para um determinado momento do mercado e ter uma vantagem comparativa em relação a outro produtor. Essa vantagem comparativa em relação ao outro fez com que hoje tivéssemos a generalização dessa lógica: cada país produzindo o que tem menor custo, ampliando o mercado mundial. O fato é que, com uma situação de comércio mundial generalizada – e o Brasil se insere dentro dessa lógica ao apostar na agroexportação –, surgem problemas claros, na época não apontados pelos liberais. O transporte, por exemplo, se baseia no uso de combustíveis fósseis e o valor desse transporte precisa ser embutido nos custos do produto. Esses gastos (ambientais e financeiros) poderiam ser

destinados à melhoria da qualidade de vida, da produção de alimentos etc., ao invés de ser usado para destruição da natureza. Entramos assim na lógica da mundialização do capital com a expansão do comércio e daquilo que os liberais anunciavam como a grande esperança em termos distributivos.

Como sabemos, na lógica da concorrência se destroem muitos recursos e investimentos. Surgem, então, como resultado final disso, as crises que fazem com que se destrua a produção para que os preços não caiam.”

(...)

Na entrevista, o pesquisador comenta ainda muitos outros aspectos dos transgênicos. Por exemplo, que somente 10% das pesquisas mundiais sobre as consequências dos transgênicos para a saúde dos consumidores são independentes: 90% foram pagas... pela indústria química. E aí, como ficamos quando defendemos que as crianças reduzam o consumo de carne na merenda escolar, trocando-a por produtos à base de soja? Se a soja for Roundup Ready [transgênica], ela contém cem vezes mais glifosato do que a soja convencional...

De fato, uma morte silenciosa, lenta e invisível?

Sim, ainda estamos longe de alcançar nossos objetivos. Os poderosos ditam o alimento que consumimos e qual veneno devemos encontrar em nosso prato (4). Seu argumento? “Com os transgênicos, são necessários menos agrotóxicos e vamos resolver o problema da fome”. Alguém conseguiu entender?

*Ijuí,  
25 de março de 2009.*

(1) <http://www.i-sis.org.uk/SPUCTGM.php>.

(2) [http://www.panna.org/resources/panups/panup\\_20090226#3](http://www.panna.org/resources/panups/panup_20090226#3).

(3) Veja <http://www.forumcarajas.org.br>. Leia a entrevista na íntegra no tópico “Articulações” (10/3/09): “Milho transgênico: uma morte lenta e silenciosa”, que reproduz a entrevista especial com Antônio Inácio Andrioli, concedida com exclusividade à IHU On-Line: <http://www.unisinos.br/ihu/index>.

# 18 Soja, fumo e a cruz

---

É uma semana com programação carregada: de Guaraciaba, passando por Concórdia e Ijuí, até Santa Cruz do Sul. Com um ritmo intenso de encontros com grupos e temas diversos: sementes crioulas com agricultores e estudantes da Casa Rural Familiar, em Guaraciaba; em virtude do Dia Mundial da Água, tratar desse tema na escola técnica de Concórdia; à tarde, na Faculdade FACC, com Fetraf, Embrapa “suínos e aves”, movimento ambiental, autoridades locais, o diretor da recém-criada faculdade, etc.; à noite, pela terceira vez em Concórdia, conversa com estudantes de enfermagem e nutrição na Universidade do Contestado a partir do DVD “A vaca 80 tem um problema”; no dia seguinte, Ijuí: um encontro com estudantes de agronomia da universidade local. Nos intervalos, entrevistas a jornais e rádios. Há muitos debates. O tema **água** parece estar adquirindo vida nesse país, onde esse recurso é abundante. No estado de Goiás, vejo ao longo da rodovia uma placa que avisa: “Preservar água é dever de todos”.

## **Espada e cruz, soja e milho**

A próxima etapa é em direção à Universidade de Santa Cruz do Sul. Trata-se de uma atividade com representantes de diversas ONGs, igrejas, agricultores, prefeituras, professores, Ministério do Desenvolvimento Agrário. A viagem de ônibus de Cruz Alta (via Vera Cruz) até Santa Cruz do Sul me transporta – como se fosse uma máquina do tempo – para o século XVI: de cruz por cruz para cruz. Quantas cruces! Naquela época, com a utilização da cruz e da espada, as conquistas eram fáceis. Na tradição cristã, a cruz é um símbolo não somente de sofrimento e morte, mas, principalmente, de glória e vitória. Vitória da vida sobre as diferentes formas de morte. Na história de sangue e lágrimas, a dupla cruz-espada inverteu essa lógica. A vida frequentemente era sufocada pelos deuses da morte.

É por isso que não há somente Vitória no estado do Espírito Santo, mas também Vitória da Conquista na Bahia. Qual foi o Espírito Santo que agia aqui naquela época? A conquista de hoje não é alcançada com sementes, técnicas de modificação genética vinculadas com a química? No mercado internacional de ração animal, a dupla cruz-espada se transformou em soja-milho, além da soja transgênica, cujo preço é fixado na bolsa de valores de

Chicago. Em dólar. É, dólar, enfeitado com o lema “*In God we trust*” [Em Deus nós confiamos]. Qual é o Deus em que se confia aqui? Quem é adorado e quem são as vítimas? Não é uma cruz exaltada, uma cruz verdadeira. Não há nada de santo nas cruzes que são impostas às vítimas.

### **A resistência e sua cruz**

Cruz Alta, originalmente uma região de tropeiros com gado, é claramente dominada por latifundiários. Tão longe quanto a vista alcança, não há nada além de monocultura de soja. Uma introdução “ideal” para a atividade da tarde: “Debate sobre o monocultivo da soja”. Felizmente, existem morros e rochas. São eles que proporcionam as belas paisagens que ainda podem ser vistas ao longo do caminho. Um bálsamo na minha ferida causada ao ver a terra maltratada. Terra crucificada?

Ao nos aproximarmos de Santa Cruz do Sul fica claro quem foi crucificado junto com a terra e quais os deuses que mandam por aqui. Ao longo do trajeto, passamos por muitas propriedades de agricultores familiares. Eles cultivam, entre outros, o fumo e secam as folhas em galpões de secagem típicos.

A força motriz por trás da resistência dos fumicultores vem me buscar na rodoviária. Primeiro nos leva para um giro pela Meca do fumo: o maior sítio do mundo com capital norte-americano, europeu e japonês. Philip Morris, Souza Cruz (novamente “Cruz”, maior fabricante de cigarros de origem brasileira, mas integrante da British American Tobacco) e companhia, todos estão concentrados aqui. A indústria do fumo é onipresente neste epicentro, neste cruzamento, pois aqui eles podem fazer os agricultores trabalhar numa situação quase equivalente à escravidão. O cultivo do fumo está desaparecendo na Bélgica, na Europa, porque é “muito caro”. O “Em Deus confiamos” pode lucrar mais utilizando mão-de-obra brasileira. O estado do Rio Grande do Sul apresenta o maior número de suicídios do Brasil e Santa Cruz do Sul ostenta o triste título de “capital dos suicídios”, com 40 ocorrências para cada mil habitantes, enquanto a média brasileira é de 4 casos para cada mil habitantes. Isso não causa estranheza numa região de fumicultura. O veneno está ao alcance de todos, mas também se sugere que há uma relação entre a utilização de alguns tipos de agrotóxicos e o aumento de depressão.

A *via crucis* se tornou minha não planejada introdução do debate (1). Estou curioso se os representantes da indústria do fumo vão apreciar a fala daquele “gringo”. Quem utiliza “cruzes” como tema pode, é claro, atrair a

ira dos sumos sacerdotes e do Sinédrio sobre si. O Sinédrio que, entre outros, coloca o Brasil no primeiro lugar mundial em uso de agrotóxicos. Felizmente, o pessoal local da Fetraf não teme o confronto. As centenas de agricultores resistem e se defendem. Eles não utilizam armas, mas estão determinados a romper com a dependência e a desenvolver alternativas. Não lhes faltam opositores. Será que eles se reconhecem na cruz “verdadeira”?

Algum dia as espadas serão convertidas em arados.

Algum dia o fumo dará lugar à mandioca.

Será que, algum dia, a verdadeira cruz e a verdadeira conquista triunfarão?

*Santa Cruz do Sul,  
27 de março de 2009.*

(1) Enquanto falo, em Santa Cruz do Sul, sobre essas práticas “não santas”, recebo um e-mail de uma professora de Cuiabá, pedindo-me que prepare uma palestra para as universidades de lá. Vale a pena conferir:

<http://www.youtube.com/watch?v=jROc509oYkw>

e <http://www.youtube.com/watch?v=lDED73H3CHc>.

# 19 Deixando os muros da universidade

---

Há aqueles dias em que você é solicitado em três lugares ao mesmo tempo. Hoje é um desses dias. A cooperativa de laticínios Ascooper me convidou para sua assembléia anual, em Santa Catarina, e a CPT do estado de Rondônia, que promove um encontro de dois dias, também. Uma vez que eu não tenho o poder de estar em três locais diferentes ao mesmo tempo, vou continuar tranquilamente em Matinhos, uma cidade litorânea que conta com uma universidade, a 100 km de Curitiba. Afinal, amanhã preciso ir a Brasília e isso seria muito mais difícil a partir dos outros dois locais.

Escolher sempre implica em perder alguma coisa, mas Matinhos é um lugar muito especial. Há três anos e meio foi inaugurado aqui um campus da Universidade Federal do Paraná, que aplica um modelo pedagógico alternativo. E aqui há, também, o “Pico dos Livros”, onde Ismael Rogeski, um sujeito maravilhoso, encontrou espaço para gerenciar uma livraria engajada. Além disso, ele faz apresentações de teatro de bonecos na rua para crianças, e isso com histórias a partir da realidade deles! Já há algum tempo, o professor Manoel Lesama anima as feiras de agricultores familiares que agora começam a se ampliar. Neste modelo pedagógico, os estudantes aprendem principalmente por meio do desenvolvimento de projetos. Por exemplo, a partir de uma abordagem integrada, identifica-se o problema: como estimular o sistema agroflorestal na agricultura familiar e como desenvolver um mercado local via feiras de produtores para superar a estacionalidade da venda de produtos somente aos veranistas?

É a terceira vez que me encontro em uma reunião prolongada com alunos e professores. Dessa vez, usamos o novo DVD sobre experiências agroflorestais na Europa. Apresentado com a necessária humildade e diálogo, pois – no que diz respeito aos sistemas agroflorestais – os europeus têm mais é que aprender com brasileiros, indonésios e muitos outros povos. No filme, um pesquisador de Montpellier (França) declara francamente que, de 1900 a 1990, não foram realizadas pesquisas sobre esse tema na Europa. Somente de alguns anos para cá é que a importância das árvores em um sistema agrícola voltou a ser reconhecida em alguns meios agrícolas e acadêmicos.

Na primeira turnê surgiu a ideia de transformar “Aurora no campo” em um projeto. Os estudantes iniciaram o trabalho, junto com um professor de agroecologia e a professora de artes. Eles discutiram os textos do livro e, finalmente, elaboraram uma bela capa para “Aurora no campo. Soja diferente”. Com a perspectiva do próximo livro, demos um passo além. Será novamente um projeto sobre o mesmo tema, mas como a universidade pratica a integração do ensino-pesquisa-extensão, não serão somente estudantes e professores que participarão do diálogo interdisciplinar. Não, eles irão além dos muros da universidade e iniciarão um diálogo com as comunidades pobres deste território. Estudantes, professores e comunidades não só desenvolverão o *design* da capa, mas também farão as ilustrações. Essas ilustrações, baseadas na leitura e na discussão dos textos, substituirão as fotos dos livros anteriores. Tanto a versão em holandês quanto a em português divulgarão a alma das comunidades do Litoral Paranaense.

Por coincidência, Sampaio também está na universidade. Justamente hoje ele veio convidar a universidade para espiar ainda mais por sobre os muros e trabalhar a partir dos saberes da população. É o que ele faz no projeto desenvolvido com base em pesquisa-ação na zona laboratório de educação para o ecodesenvolvimento. Para ele, a atual crise é uma crise urbana, uma crise industrial e de consumismo. Se partíssemos do conhecimento tradicional dos pescadores, povos indígenas, quilombolas (comunidades de descendentes de escravos), extrativistas (pessoas que vivem da caça e da coleta de produtos florestais) e de muitos outros sistemas sociais, nós poderíamos superar muitos dos problemas globais.

Um dos projetos interessantes é a “Feira de trocas solidárias”, que se desenvolveu a partir das comunidades rurais no entorno do rio Sagrado, na cidade vizinha de Morretes. “Mercados de trocas”, um movimento que ignora a hegemonia do mercado mundial.

Trocas de ideias. Vamos eleger essa expressão como lema desse intercâmbio. Trocar ideias de igual para igual.

*Matinhos,  
31 de março de 2009.*

# 20 Our Stolen future/ Nosso futuro roubado

---

Passei por alguns momentos intensos em palestras nas universidades de Brasília e Goiânia. Estou calmamente sentado lendo um jornal quando uma mulher vem, com curiosidade, bater um papo com aquele “gringo”. Ao longo da conversa, mostro a ela o primeiro livro sobre soja. Quando vamos embarcar, ela não quer devolver o livro imediatamente. “Eu vou ler o livro no avião”, diz ela. Com uma mistura de satisfação e nervosismo, eu aguardo. Ela é de uma indústria de produtos químicos de Cuiabá! O nosso breve encontro na sala de espera provocou um debate acirrado entre os demais passageiros: defensores e opositores da maré de soja no Mato Grosso.

## **Nosso futuro roubado**

Ao chegar em Cuiabá, a mulher sumiu. Sinto-me roubado. Gosto de dar livros, mas não para um representante da indústria química. Nesse caso, ou eu empresto ou vendo um livro!

Não consigo imaginar um símbolo mais apropriado para os dias em Cuiabá: “nosso futuro roubado” (1). Sobre o poder da indústria química e como eles, de passagem, roubam o nosso futuro. Por acaso, eu ainda me encontro com ela no aeroporto, parecendo totalmente inocente. O livro já estava no carro. Um pensamento passa por mim: “Será que deixo que ela fique com o livro e, assim, contrabandeie um outro ponto de vista para ‘a química’?” Eu olho diretamente em seus olhos e peço o livro de volta. Ela baixa os olhos desconcertada e se apressa em direção ao carro. Não vou me deixar roubar por aqueles que, dia após dia, roubam nossas sementes e nosso futuro.

## **Nosso futuro, além da mentira**

Com um grupo, vamos fazer uma caminhada na Chapada do Guimaraes. São todas pessoas apaixonadas por este planalto único, pessoas que

trabalham pela virada. Além da química. Dentre as muitas considerações, uma história em especial permanece na minha lembrança. Trata-se de um engenheiro agrônomo que, por experiência própria, sabe como esse mundinho funciona:

“É bom que você realize essa turnê e denuncie esse sistema, mas nós temos que, principalmente, desenvolver outras técnicas, além das práticas deles. Além disso, toda a indústria da soja aqui está baseada em uma grande mentira! Ela está prestes a implodir, como desabou o castelo de cartas das construções financeiras nos Estados Unidos. Com seus já conhecidos efeitos: uma crise econômico-financeira mundial, com milhões de vítimas. Um balão de ar semelhante está sendo insuflado por aqui. Trata-se de apenas 500 sojicultores, que estão numa rixa permanente. Suas terras não estão seguras. Eles querem tomá-las uns dos outros. Enquanto isso, diariamente ocorrem baixas: envenenamento daqueles que moram perto das lavouras, violência contra aqueles que se atrevem a resistir. Há pouco tempo, alguém defendeu uma tese de doutorado sobre o tema. Com um gravador, ele foi entrevistar individualmente muitos grandes sojicultores. Sabe o que se descobriu? Muitos deles têm uma dívida equivalente a oito ou até dez vezes o próprio patrimônio. Quando será que esse balão vai explodir? Quem é que vai se beneficiar com isso?”

### **Monsanto e companhia**

Se eu quisesse alimentar minhas raízes religiosas em uma igreja em Cuiabá, eu estaria com problemas. Em pelo menos três igrejas um grande cartaz anuncia: “Esta Igreja foi restaurada pela Monsanto, em parceria com o governo do Mato Grosso”. Será que existe descaramento maior? Em Guarapuava, são “apenas” os fazendeiros que contribuem no financiamento da nova catedral. Em Ijuí, Monsanto financia “apenas” o time de futebol local. Cuiabá está comemorando seu 290º aniversário e aqui as igrejas estão sendo restauradas pela indústria química. A nós, só nos resta ficar calados. Reticência religiosa. Deus é Aquele a quem você atribui o poder sobre sua vida. Aqui, “Deus” é representado por Monsanto. Seu enviado, seu Messias é o governador em exercício, Blairo Maggi. Enquanto isso, surgem regularmente estudos de regiões com números extremamente elevados de câncer. Entre outras, a cidade de Sapezal é atormentada com um número expressivo de doentes. Maggi fundou Sapezal em 1994.

## Primavera silenciosa com muitas mortes

O nosso futuro pode ter sido deliberadamente roubado, mas os minerais podem ajudar na recuperação. Nós visitamos José Carlos A. Ferreira, do Instituto Holístico de Agricultura Orgânica. Ele estudou e viveu durante anos nos EUA e assim se deparou com personagens históricos que são totalmente desconhecidos no Brasil. Julius Hensel e Albert Howard, por exemplo. Ou Robert Rodale, assassinado em 1990. Assassinado? Vários personagens passam em revista durante a conversa. Assassinatos ou mortes em circunstâncias misteriosas. Mahatma Gandhi foi assassinado por um fanático religioso. É assim que nos ensinam e deve ser verdade, mas também é um fato histórico que o *lobby* químico somente conseguiu entrar na Índia após a morte de Gandhi. O presidente brasileiro Juscelino Kubitschek acidentou-se de um modo estranho. Coincidência ou não, em seu segundo mandato ele queria desenvolver a agricultura num sistema mais orgânico. Presidente Kennedy: assassinado. É o próprio Al Gore quem afirma que isso ocorreu após ele ter criado uma comissão de investigação no Senado, levando a sério as denúncias de Rachel Carson. Carson, cujo livro “*Silent spring*” [Primavera silenciosa], de 1962, causou tanta controvérsia. Ela foi a primeira a descrever as terríveis consequências da agricultura química. Seu livro é um marco para o nascente movimento ambientalista.

## A lembrança de nossos minerais

Enquanto isso, José, com seu “Rockall” (2), lançou os fundamentos do caminho para a mudança. Literalmente, com sacos de rocha moída. Ele mistura mais de 13 ingredientes diferentes de diversas formações rochosas. Os resultados podem ser vistos imediatamente na sua propriedade. Com 200 g desse adubo natural por metro quadrado ele consegue um rendimento 15 vezes maior. Trata-se da remineralização do solo. As plantas não necessitam apenas de nitrogênio, fósforo e potássio, mas também de selênio, gálio, vanádio, irídio e cromo. Nós ainda estamos “presos” à herança e à visão “química” unilateral de Justus von Liebig da agricultura. Após a Primeira Guerra Mundial, a indústria química converteu seu aparato bélico em produtos químicos para aumentar a produtividade na agricultura. Eles invocavam – e a agricultura convencional ainda invoca – a visão de Justus von Liebig (1803-1873). O que não estão contando nos cursos de “bioengenharia” (note a palavra: não é mais “agronomia”?) é que, no final de vida,

von Liebig achou que havia sido mal interpretado pela indústria. E o que é ainda mais ocultado é que ele tirou sua própria vida. Seu contemporâneo, Julius Hensel, tinha como objetivo o mesmo aumento na produtividade, mas com a utilização de rochas moídas e sem prejudicar o meio ambiente. Já no século XIX, ele afirmava: “Alimentos saudáveis, provenientes de um solo saudável geram pessoas saudáveis, nutridas e ainda podem eliminar a fome do mundo”. Hensel não cometeu suicídio, mas até hoje se mantém silêncio sobre ele. E a quem isso interessa?

O produto de Rockall pode ser utilizado tanto em vasos para plantas quanto em plantações de soja. Poucos têm conhecimento, mas o Mato Grosso é o maior produtor de soja orgânica do mundo, e isso com base nesses minerais. Enquanto um agricultor convencional, utilizando muitos agroquímicos, consegue colher 54 sacos de 60 kg por hectare, esse sistema de cultivo orgânico chega a 56 sacos por hectare. E isso, obviamente, sem o custo de produtos químicos caros.

Alguns efeitos desse caminho:

- Elevado desenvolvimento dos microorganismos do solo;
- Liberação contínua dos elementos minerais, aumentando o seu aproveitamento pelas plantas;
- Aumento da capacidade de retenção de umidade e nutrientes;
- Efeito tampão contra a acidificação;
- Melhora da estrutura do solo;
- Redução da erosão;
- Melhora da resistência das plantas quanto ao ataque de insetos, organismos patogênicos e doenças fúngicas;
- Aumento no sistema radicular das plantas;
- Redução no tempo e no custo de irrigação, uma vez estabelecido o sistema;
- Melhor sabor e qualidade nutricional dos alimentos;
- Alimentos orgânicos que alcançam preços superiores no mercado;
- Crescimento animal saudável;
- Eliminação da dependência aos fertilizantes agroquímicos;
- Proteção dos mananciais contra a poluição dos fertilizantes solúveis;
- Proteção aos trabalhadores e famílias da exposição química;
- Economia no balanço energético;
- Ingresso na agricultura do futuro com práticas sustentáveis.

Afinal, o que estamos esperando para nos livrarmos dessa dependência química coletiva (3)?

*Chapada dos Guimarães,  
4 de abril de 2009.*

- (1) “*Our stolen future*” [Nosso futuro roubado], de Theo Colborn, Dianne Dumanoski e John Peterson Myers. A edição brasileira, de 1997, contém um prefácio eletrizante de José A. Lutzenberger, pioneiro do movimento ambiental brasileiro.
- (2) Visite o site [www.rockall.com.br](http://www.rockall.com.br).
- (3) Nós estamos sendo bombardeados com análises sobre a destruição planetária causada pela humanidade atualmente. Felizmente, existem milhares de histórias de esperança de grupos, cientistas e pessoas comuns, que percorrem as trilhas da recuperação. No Brasil, o excelente livro “*Biologia da Conservação*” – de Richard B. Primack e Efraim Rodrigues (Londrina: Editora Vida, 2002) – é prova disso. Para crianças no contexto escolar, recomenda-se “*A escola sustentável. Eco-Alfabetizando pelo ambiente*”, de Lucia Legan (São Paulo: Imprensa Oficial, 2004).

# 21 Nosso futuro em nossas próprias mãos

---

A revista semanal *Veja* desta semana contém uma propaganda sobre 290º aniversário de Cuiabá. Cuiabá como a “cidade verde”. Cuiabá como portal de entrada da região amazônica.

Verde? Não há muito mais para ver. Nos últimos 15 anos, construíram-se grandes avenidas, edifícios altos foram levantados sem planejamento urbano aparente. As árvores tiveram que desaparecer. Aqui e ali ainda resta uma lembrança do passado: mangueiras. Sim, aqui havia muita manga (1). Esse sumiço, provavelmente, não está relacionado com a gestão de áreas de preservação natural do Brasil, nas quais as mangueiras se revelaram um problema devido a sua rápida dispersão, tal como outra conhecida espécie exótica, o pínus norte-americano. As exóticas – como o eucalipto australiano ou, no caso, a mangueira da Índia – podem perturbar o equilíbrio natural em outros ecossistemas. A cidade está cada vez menos suportável devido ao aumento da temperatura média. Veículos 4x4 dominam a cena urbana. A água é intragável. Os peixes do rio Cuiabá foram dizimados.



## Um ramo verde em uma cidade aquecida

Mesmo assim, da terra queimada, de troncos mortos podem surgir ramos novos. Coorimbatá é uma cooperativa de pescadores e outras pessoas que querem vincular seu futuro conjunto em uma economia solidária. Trata-se de uma aliança inédita entre o mundo acadêmico e as pessoas com poucas oportunidades, com pouca formação. Curimbatá é um peixe pouco apreciado. Foi exatamente por isso que eles escolheram essa espécie para dar nome à cooperativa. Isso me faz lembrar do projeto de “Cor da Rua”, em São Paulo: “lixo luxo”. Fazer produtos bonitos para enfeitar e mobiliar sua casa a partir de lixo. Artesanato também, próximo ao luxo. Mas luxo com o orgulho de pessoas que, juntas, lutam por um mundo melhor. A partir da base.

Nicolau Priante Filho me mostra o lugar e conta a história. O presidente Sebastião Magalhães acrescenta suas contribuições, na qualidade de pescador-presidente. Em português, soa agradável: pescador e pesquisador. Quase se poderia afirmar que existe uma relação óbvia entre a sabedoria popular dos pescadores e a erudição do pesquisador... desde que esse último tenha coragem de deixar sua torre de marfim. E foi exatamente isso o que Nicolau começou a fazer, há 10 anos. As palavras-chave são “confiança” e “relações humanas”. Tradicionalmente, Mato Grosso é uma região de extrativismo individual: garimpeiros, pescadores, caçadores. Devido às muitas migrações de todo o Brasil, tornou-se uma sociedade bem diversificada, mas não havia muitos incentivos para cooperação. As circunstâncias davam mais motivos para desconfiança do que confiança. A chegada da soja como um grão milagroso não melhorou esse cenário. O que é especial nesse projeto é que ele trabalha em rede com os mais diversos parceiros. A cooperação ultrapassa os limites das partes, de modo que ninguém pode se apropriar do projeto, mas pode apoiá-lo. Foi isso que testemunhei no lançamento do projeto “pró-jovem” e na solenidade de entrega de um caminhão para a cooperativa. Foi um momento



tocante, ver políticos de todos os partidos, juntamente com os pescadores, na entrada da prefeitura na Várzea Grande. As palavras do secretário de Meio Ambiente permaneceram na minha memória: “A agricultura familiar é o melhor capital de um município”. Isso soa incomum no Mato Grosso, que prioriza principalmente a agricultura empresarial voltada para a exportação. Coorimbatá está se expandindo por todo o estado do Mato Grosso e recebeu, em 2004, um prêmio como modelo de inovação tecnológica.

### Sobre mangas, peixes e jacarés

Como há menos peixes – mas também porque em determinados meses do ano é proibido pescar – eles buscaram juntos por alternativas. Ainda existem mangueiras na cidade, mas em menor quantidade do que antigamente. As frutas simplesmente caem nas ruas e não são consumidas. Eles começaram a recolhê-las e a secá-las. Outras frutas se seguiram: banana, abacaxi, caqui e mamão.

Como engenheiro, Nicolau conseguiu junto à universidade a instalação de um secador que consome 15 vezes menos madeira do que equipamentos similares. Nesse mesmo período, em parceria com diversas organizações, eles construíram um pequeno frigorífico próximo à comunidade de pescadores. Como cada pescador pode pescar apenas 100 kg por semana, o frigorífico não de se viabilizou economicamente. Por isso, recentemente, junto com criadores de jacarés certificados pelo Ibama e pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente (SEMA-MT), eles fizeram um acordo para adequar o frigorífico para o abate e processamento de carne de jacarés! Para um leitor europeu soa muito exótico, mas a carne de jacaré parece ter gosto semelhante à de frango e de peixe. O propósito do programa de criação em cativeiro é exatamente proteger o animal da extinção no Pantanal. Espera-se, assim, evitar a caça ilegal dessa espécie e, ao mesmo tempo, ampliar a base econômica da cooperativa. Os resíduos das



diversas unidades de processamento são reunidos para produzir um húmus de adubo orgânico saudável, que não agride o meio ambiente.

## **Modelo**

Nos últimos 15 anos, o poder dos supermercados tem aumentado em todo o mundo. Até a Nestlé, com “apenas” 3,1% de todo o mercado mundial, Kraft com 3% e Unilever com 2,9% tiveram que se defender contra as grandes gigantes internacionais Wal-Mart, Carrefour e companhia. Juntas, estas últimas já ocupam 12% do mercado mundial com suas marcas próprias. Ou seja, marcas para as quais elas não precisam da Nestlé e do resto do setor de produtos alimentícios. Elas exercem pressão sobre os agricultores e a indústria de alimentos em todo o mundo. Os consumidores são confrontados com os fatos consumados – por exemplo, são vendidos produtos do outro lado do mundo, em vez de privilegiar produtos locais que podem auxiliar no desenvolvimento da economia regional.

Mas existem exemplos de que é possível agir diferente. A rede de supermercados Modelo pode servir de exemplo. Se você tiver a sorte encontrar um diretor visionário, o negócio pode ser fechado em 1 minuto. Foi isso que aconteceu com Coorimbatá e Modelo. A resposta do diretor, na curta negociação: “O capitalismo é bom para a produção, mas ruim para a distribuição. O comunismo é bom para a distribuição, mas ruim para a produção.” A parceria entre Modelo e Coorimbatá já existe há 10 anos. Os produtores e os seus preços não são submetidos à pressão do mercado comum. Assim os consumidores têm à disposição valiosos produtos da própria região. Além disso, os produtos são provenientes do círculo da economia solidária.

Por causa da crise econômico-financeira, novamente está se discutindo e escrevendo muito sobre o fenômeno do capitalismo. Será que a relação de igualdade entre Coorimbatá-Modelo poderia representar um novo caminho, que vai além do capitalismo global dominante?

*Cuiabá,  
8 de abril de 2009.*

(1) [http://www.blogdobrasiliense.com.br/index2.php?option=com\\_content&do\\_pdf=1&id=1424](http://www.blogdobrasiliense.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=1424).

## 22 A “Santa Fé” de Bunge

Na Bélgica, estamos numa difícil negociação com o *Boerenbond* [Federação de Agricultores Belgas], o setor da indústria de ração animal, supermercados e outras partes interessadas em tornar toda essa história da soja “menos irresponsável”. Eu prefiro me expressar dessa maneira indireta para não utilizar as tão empregadas palavras “sustentável” ou “responsável”. Mundialmente, a frente das indústrias de ração animal e de processamento de carne está tentando vender seu sistema como sendo sustentável e por meio da elaboração de critérios para “soja responsável”. Puro “*greenwashing*” para não precisar realizar mudanças fundamentais, pois questionar o excessivo consumo de carne e nossos interesses nas exportações de carne é particularmente ameaçador.

### **Bunge**

#### **Nossos valores**

#### **Integridade**

Honestidade e justiça direcionam todas as nossas ações.

#### **Abertura e confiança**

Somos abertos a ideias e opiniões diferentes e confiamos em nossos colegas.

#### **Trabalho em equipe**

Valorizamos a excelência individual e o trabalho em equipe para benefício da Bunge e das partes envolvidas.

#### **Empreendedorismo**

Prezamos a iniciativa individual de encontrar oportunidades e gerar resultados.

#### **Cidadania**

Contribuímos para o desenvolvimento das pessoas e da estrutura social e econômica das comunidades em que operamos, e cuidamos com responsabilidade do meio ambiente.

## Valores vazios. Palavras ocas.

Recentemente, estávamos na reunião com um representante da Cargill. Ele fez uma exposição sobre os seus valores e princípios. Lindo! Até que você se torna concreto: “Senhor, como é que isso se traduz no âmbito do Paraguai, onde Cargill estimula o avanço da soja?” Paraguai, onde o envenenamento de pessoas, água e solo é uma realidade diária. Paraguai, onde precisamente o deus soja desrespeita diariamente os direitos humanos. O bom homem que veio expor seus belos princípios em uma chamativa apresentação em PowerPoint aparenta total inocência.

Foi desse “encontro” que eu me lembrei hoje, durante a visita do concorrente Bunge em Pedro Afonso. O padre local, Amarildo Dias Cardoso, e Silvano Lima Rezende, membro da CPT-Tocantins, circularam comigo um dia inteiro para que eu conhecesse a realidade da soja e da cana-de-açúcar do Tocantins. O *slogan* do estado agora é: “Tocantins, o grande parceiro do agronegócio”. E que isso fique bem claro!

A Fazenda Santa Fé tinha 600 mil hectares mas, por causa das dívidas, eles venderam tudo, inclusive 75 mil hectares para o “projeto” de Bunge: um canal para produção de etanol. Agora, Santa Fé está ocupada pela “Santa Sé” (1) da multinacional Bunge, com raízes históricas na Alemanha e na Bélgica, também presente na Argentina há mais de um século. Enquanto estamos



na “Sé” regional, a prefeitura abriga uma reunião dos diversos interessados na construção de uma nova ponte sobre o rio Tocantins. Bunge quer puxar a brasa para sua sardinha e trazer a ponte o mais perto possível de seu projeto de etanol. Mas, com certeza, tudo acabará bem: o governo federal também está construindo uma nova ferrovia Norte-Sul para transportar a soja, o biodiesel e o etanol o mais rapidamente possível para São Luís, o porto mais próximo de Europa, EUA e Japão. É lá que se encontram os consumidores que desejam ardentemente energia “verde”. O estado da Califórnia decidiu, recentemente, abastecer os carros com o etanol de cana-de-açúcar. “Bunge Alimentos” e companhia estão esfregando as mãos. Adeus “Alimentos”! Atualmente dá para ganhar muito mais dinheiro com o motor do que com o estômago.

### A casa da desconfiança

Entre os valores, se destaca “abertura e confiança”. Permite-se a entrada de outras ideias. Entretanto, nosso acesso não foi fácil. A desconfiança impera. Finalmente conseguimos. Será um encontro breve. O representante abre um mapa sobre a mesa com diversas partes de seu projeto: eles possuem 75 mil hectares, mas pretendem construir três usinas de álcool até 2011. Em parceria com os fazendeiros, serão necessários 100 mil hectares manter as usinas operando. Ao contrário do que ocorre no estado de São Paulo, aqui os canaviais necessitam de irrigação. Por isso, vemos equipamentos na forma de monstros gigantescos. Será que ainda não aprendemos nada com a história? Não é o já conhecido sistema com três etapas: irrigação, salinização, desertificação? No Norte de África, a Mesopotâmia – entre os rios Tigre e Eufrates – foi o paraíso na terra. Assim relata a Bíblia. Um dos primeiros projetos de irrigação do mundo foi realizado naquela região. Desde então, há séculos, tem sido um deserto, enquanto o Delta do rio Nilo, no mesmo norte africano, ainda é muito produtivo. Mas, nesse delta, nunca se aplicou irrigação...

Ao longo da conversa, eles falam das muitas medidas ambientais. As publicações chamativas também tratam do futuro “verde” e das numerosas iniciativas que estão sendo desenvolvidas. Mais uma vez nos deparamos com esse gigantesco “*greenwashing*”. Alguém que não acompanha o caso com algum conhecimento de causa seria facilmente enganado. E o problema é que a opinião pública é totalmente envolvida. A “Propaganda Fidei” (1), com auxílio do deus TV, faz seu trabalho com perfeição. Eles ocupam uma região rica em recursos hídricos. Mas como estará dentro de dez anos? No mundo todo há exemplos de completo abalo social e ecológico. Por exemplo, há dez anos são cultivadas milhões de rosas no Quênia. Milhares de operários



trabalham em circunstâncias miseráveis e insalubres para o mercado mundial. No lago local, o nível da água já baixou tanto que desperta preocupação e este ameaça secar completamente dentro de alguns anos. Também aqui, a necessidade de água para 75 mil hectares de cana-de-açúcar é gigantesca. O ciclo da cana é de cinco anos. Imediatamente em seguida, planta-se cana novamente. Depois de dez anos, faz-se uma rotação de culturas durante um ano e, em seguida, voltam à monocultura de cana. Eu pergunto se posso fotografar o mapa. Não, é um documento interno. Como se estivéssemos diante de segredos de Estado do Pentágono. Adeus abertura.

### **Um emprego a cada 188 hectares**

E como fica a geração de empregos? Claro que há o problema do trabalho escravo nos canaviais e do antigo costume de, imediatamente antes da colheita, colocar fogo para queimar a palha. O objetivo é chegar a 90% de colheita mecanizada e não mais utilizar o fogo. Isso é uma vantagem e boa propaganda numa época em que está na moda reduzir as emissões de CO<sub>2</sub>. Durante a conversa, tocamos no assunto da geração de empregos. Serão necessárias 400 pessoas para operar as máquinas 24 horas por dia, 7 dias por semana. Parece uma beleza, porque eles receberão um salário de classe média! A classe média que pode consumir e mantém a economia funcionando. Somente 400 pessoas para 75 mil hectares? Isso significa uma pessoa a cada 188 hectares. Obviamente, também haverá empregos nas usinas de álcool e

açúcar projetadas. O governador estima que serão gerados 1.400 empregos diretos e 7 mil indiretos. Em 2012, o processamento de cana-de-açúcar deverá aumentar para 4,4 milhões de toneladas.

Menciono o fato de que Bunge é, na América Latina, o maior produtor de adubos químicos (“Ouro Verde”). “Sim, mas a necessidade é menor do que para a soja. São 500 kg por hectare para uma lavoura com ciclo de cinco anos, enquanto a soja – no modelo NPK (1) – necessita de 300 kg anualmente. Além disso, no processo de produção de etanol, há reciclagem de alguns resíduos que são retornados na forma de adubo para o solo.” Resumindo, uma verdadeira história de “sucesso”.

### **Oportunidades de expansão na África**

Ao final da reunião, não consigo deixar de levantar outro ponto. O fato de que, atualmente, as usinas de açúcar na Europa estão sendo fechadas com subsídios da União Europeia e que o capital está se transferindo para o Brasil e a Austrália para construir usinas nesses países. E que a exigência do Brasil na OMC para abrir as fronteiras não está dizendo somente beterrabas açucareiras (e agricultores) na Europa, mas que os pequenos produtores nas Filipinas e na África também não estão conseguindo enfrentar essa violência do açúcar brasileiro.

Resposta: “Sim, de fato, a África tem muitas oportunidades”. Leia-se: possibilidades para nós plantarmos cana-de-açúcar naquele continente. Ninguém pensa ou fala nos desejos da população, na soberania alimentar e em empregos. “Bunge Alimentos” quer conquistar “a maior fatia de mercado possível”, e não a soberania alimentar.

Para encerrar, perguntamos quem financia o quê, qual é o capital que está por trás. Resposta: “Eu não sei”. Falando de abertura... No que diz respeito às fábricas, seguramente 80% do capital é da Bunge e 20% da japonesa Itochu. Isso abre a possibilidade de também embarcar o etanol para o Japão. E tudo ficará realmente muito bem. Onde Bunge busca o dinheiro para os investimentos, isso é outro assunto. Mas, pelo jeito, “abertura nos negócios” se aplica a outras áreas da vida.

A cerca de 350 quilômetros dali se localiza o município de Campos Lindos: na verdade, os campos já foram lindos. Atualmente, são um “deserto” de monocultura de soja. Uma pesquisa recente mostrou que a renda da população local é a mais baixa de todo o Brasil. Existe um indicador melhor de que o cultivo de soja em grande escala traz apenas pobreza para muitos

e riqueza somente para a elite? Será que canaviais em grande escala trarão um resultado melhor para a região?

### **Um mundo de oportunidades**

Maior exportador mundial de farelo de soja  
Maior processador de soja da América Latina e do Terceiro Mundo  
Maior processador de trigo da América Latina  
Maior produtor de fertilizantes da América do Sul  
Maior exportador norte-americano de derivados de soja  
Maior processador de milho dos EUA  
Líder brasileiro em óleos vegetais refinados e margarinas  
Líder brasileiro em proteínas vegetais e misturas para bolos  
Este é o mundo  
Bunge

### **Enquanto isso, na Comissão Pastoral da Terra (CPT)**

Silvano é o nosso motorista. Padre Amarildo trabalhou nove anos em Pedro Afonso e abre muitas portas para nós. É interessante passar um dia inteiro com esses homens. Nós visitamos os projetos em andamento do agromercado internacional, mas durante a viagem falamos muito sobre o trabalho da CPT e o engajamento da Igreja e do recém-chegado jovem bispo belga



Philip Dickmans. Recentemente, por ocasião de sua consagração como bispo, Dom Philip recebeu do cacique Xerente um báculo<sup>16</sup> de pau-brasil. Um momento emocionante. Eles têm muito apreço por ele, por causa do seu empenho enquanto padre pelos direitos dos povos indígenas.

A CPT anima três Grupos de Produção e Resistência (GPR) da Pastoral da Juventude Rural. Um deles está sediado na diocese de Miracema e dois em Tocantinópolis. Eles têm um viveiro, hortaliças orgânicas e mel. A fertilidade é mantida por meio de adubação verde.

<sup>16</sup> Nota do tradutor: bordão usado pelos dignitários da Igreja Católica, simbolizando o seu papel de pastores do rebanho divino. Com a mitra, constitui uma das principais insígnias dos bispos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/B%C3%A1culo>. Consultado em: 5 ago. 2009.



Além da produção, eles também mantêm, em Campos Lindos, uma Escola Família Agrícola. Cercada pelo deserto de soja. E, obviamente, eles estão envolvidos na luta por terras, com ocupação. Por exemplo, há algumas semanas 108 famílias – inclusive crianças – foram expulsas com violência da Fazenda Santo Hilário.

Tratava-se do acampamento Alto da Paz. Agora eles estão tentando, com as muitas partes envolvidas, mover uma ação judicial. O próprio Silvano estuda Direito para defender as pessoas “sem vez e sem voz”. Ele escreveu um artigo revelador: “Eucalipto: o Apocalipse do século XXI” (3).

E é claro que nessas redondezas existe a luta contra as novas formas de escravidão. Eles resgataram 16 famílias que agora estão envolvidas num projeto de produção de verduras: “Trilhas da Liberdade”. Com os núcleos da CPT de outros estados, eles produziram um DVD tocante: “Aprisionados por promessas”. Eles receberam, em novembro de 2008, um prêmio por esse filme sobre a escravidão, em Nova Iorque.

CPT significa trabalho árduo e muita coragem, em meio ao mais que evidente conflito entre dois modelos agrícolas. Amanhã é o “Dia Nacional do Solo”. Uma boa iniciativa, mas um dia como esse não chama também pelo irmão “Dia Nacional da Reforma Agrária e Combate à Violência no Campo”? Ou o agronegócio internacional – com o seu capital, suas sementes transgênicas, produtos químicos, soja, milho, cana-de-açúcar, café, cacau, carnes, algodão, pínus e eucalipto – será o Apocalipse do século XXI? Os movimentos sociais já elegeram o dia 17 de abril como o “Dia Internacional da Luta Camponesa”, após o massacre de camponeses em Eldorado dos Carajás, Pará, Brasil (4).

*Guaraí,  
14 de abril de 2009.*

(1) Aproveito o nome da fazenda (“Santa Fé”) para revelar a “religião

da economia” e seus “deuses”, utilizando outros dois termos conhecidos da Igreja Católica: “Santa Sé” e “Propaganda Fidei”, que é Congregação do Vaticano para a Propaganda da Fé.

- (2) O próprio representante é quem começa a falar de NPK: Nitrogênio-Potássio-Fósforo. É o modelo químico clássico, com base nas teorias de Justus von Liebig. O triunfo da indústria química do século XIX sobre uma visão mais ecológica da agricultura perdura sem perder força. Ela utiliza as ideias de von Liebig – que, no final da sua vida, se sentiu mal interpretado pela indústria química – e relegaram Julius Hessel ao esquecimento. Até hoje.
- (3) Veja <http://cddh.blogspot.com>.
- (4) O governo brasileiro, por meio da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, instalou um fórum para enfrentar a violência contra as mulheres nas zonas rurais: “Fórum Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta”. Além disso, mantém a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 – que funciona 24 horas por dia, de segunda a domingo, inclusive feriados. A ligação é gratuita e o atendimento é de âmbito nacional.



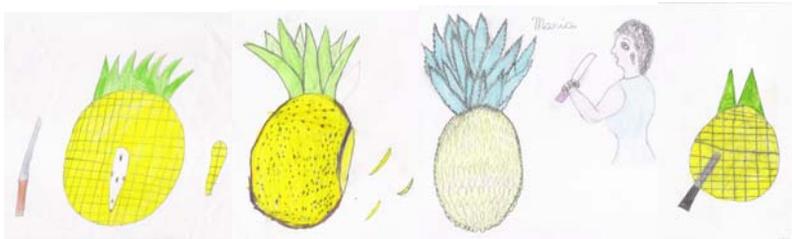
## 23 Descascar o abacaxi

Ontem eu aprendi o dito popular brasileiro “descascar o abacaxi” e hoje chego, sem perceber, a Itaberaba: a “terra do abacaxi”. Estamos a 280 quilômetros de Salvador (Bahia). Será um encontro interessante com o pessoal da CPT e sua obra libertadora no âmbito da Igreja.

Parece que uma lei municipal de 20 anos atrás tem consequências de longo alcance por aqui. Os pobres a chamam de “a lei do pé alto”<sup>17</sup>. Eles costumavam criar as cabras soltas. A cabra é considerada “a vaca dos pobres”. Elas se alimentam da vegetação nativa, sem destruí-la. E o que determinava essa lei? Proibiu a criação de animais soltos. Todos deveriam providenciar cercas. Mas, cercar caprinos! Alguém já tentou manter uma cabra dentro de um cercado? São necessárias cercas com 8 a 10 fios, mas a população não tinha dinheiro para isso. Por outro lado, para animais de grande porte, como o gado, cercas com 3 a 4 fios são suficientes. Ou seja, é uma lei para fazendeiros com “pés largos”, “espaçosos”, que se aproveitaram dela para inviabilizar a criação de caprinos e ocupar terras que não lhes pertenciam.

Resultado: o que as cabras nunca conseguiram foi realizado pelo boi nos últimos 20 anos. Desmatamento massivo, tendo como resultado que Itaberaba agora é conhecida como ponto de partida da desertificação.

Acrescente-se a isso que, há dez anos, toda a área foi coberta com plantações de monocultura de abacaxi. Tudo está sendo sistematicamente desmatado. O abacaxi recebe muitos “remédios”. Sim, o meu guia utiliza



<sup>17</sup> Nota do tradutor: “Lei do Pé Alto”, denominação popular de um ordenamento municipal que permite aos fazendeiros construírem cercas para o gado bovino com apenas três ou quatro fios de arame. A cerca para ovinos e caprinos precisa de oito a dez fios de arame. Como os criadores de animais de médio porte não tem recursos para construir as cercas, precisam se desfazer imediatamente dos seus rebanhos, para que estes não penetrem em terras alheias. Fonte: [http://www.irpaa.org.br/dmdocuments/curaca\\_draft.pdf](http://www.irpaa.org.br/dmdocuments/curaca_draft.pdf). Consultado em: 26 agosto 2009.

esse termo em vez de veneno. Interessante, o sistema está realmente com uma doença terminal e, por enquanto, é mantido vivo à base de “medicamentos”. Um desses produtos tem a função de acelerar o crescimento do fruto. Uma planta pode produzir frutos durante três anos consecutivos. No ano seguinte, gramíneas são semeadas e, na sequência, o ciclo se repete. Mas quanto tempo isso ainda pode continuar? O novo prefeito é do Partido Verde. Será que ele terá a vontade e o poder para reverter essa situação em uma diversidade maior? Buscando mais independência dos caprichos de um único produto no mercado? Segundo o Ministério do Meio Ambiente, existem no Brasil 775 produtos vegetais que poderiam ser imediatamente comercializados. Nenhum país do mundo possui riqueza de oportunidades semelhante. O que é que ainda estão esperando?



Enquanto isso, as poucas árvores nativas (por exemplo, umbu-cajá) continuam produzindo muitos frutos. Eles caem ao chão e não são comercializados... Ainda assim, a diversidade de produtos está ao alcance das mãos. Não, eles querem abacaxi e nada mais.

Não sei se eu ainda vou comer muito abacaxi.

*Itaberaba,  
16 de abril de 2009.*

### ***Postscriptum:***

A diocese local de Ruy Barbosa (BA) trilha o lento caminho da mudança, a partir da sabedoria popular. Após a imersão no abacaxi, tenho a oportunidade de me refrescar – não com suco de abacaxi, mas com a fé viva de uma comunidade de base, integrante da rede de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Logo em seguida, ocorre um interessante encontro com os agricultores e agricultoras familiares de “Olho Vivo”, das comunidades rurais e seu engajamento social. Nessa região, eles estão especialmente empenhados em conseguir cisternas para armazenamento de água, em obter energia elétrica para todos na área rural, na investigação da prática atual de novas formas de escravidão etc. Nessa ocasião, alguém veio propor um mercado para as trabalhadoras rurais e seu artesanato. No contexto da economia solidária, seria organizada uma feira em Salvador. Estou curioso para saber se, em longo prazo, também incluirão alimentos da região... além do abacaxi.

# 24 Dia Internacional da Luta Camponesa

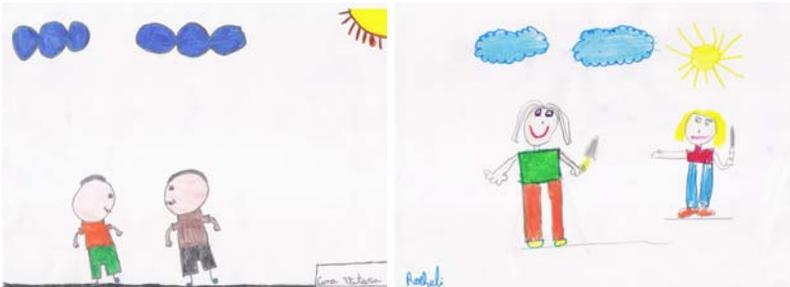
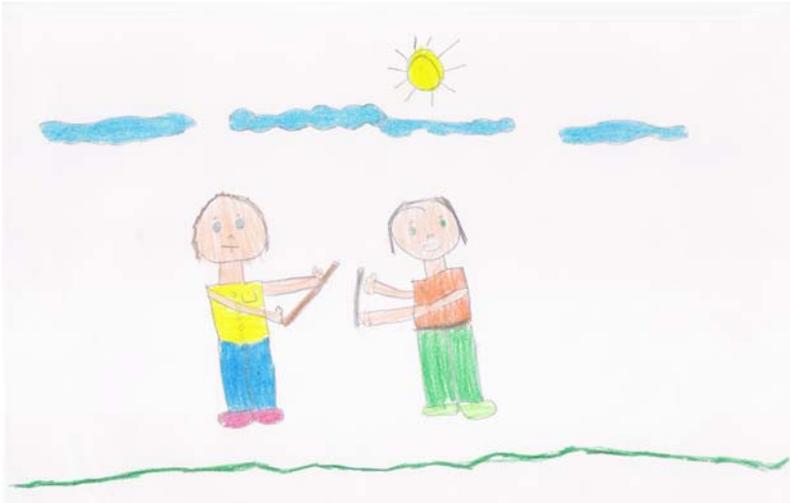
---

## Por que não sai a reforma agrária?

“Não se justifica num país, por maior que seja, ter alguém com 30 mil alqueires de terra! Dois milhões de hectares de terra! Isso não tem justificativa em nenhum lugar do mundo! Só no Brasil. Porque temos um presidente covarde, que fica na dependência de contemplar uma bancada ruralista a troco de alguns votos.”

Luiz Inácio Lula da Silva (\*),  
na Revista Caros Amigos, novembro de 2000.





No dia 17 de abril de 1996 foram assassinados 19 agricultores sem-terra em Eldorado dos Carajás (Pará). Desde 1997 esse dia foi relembrado em todo o mundo como o “Dia Internacional da Luta Camponesa”. Há anos Wervel procura chamar a atenção da imprensa belga para essa data. Desde 2009, o movimento europeu de jovens “*Reclaim the fields*” [Retomem os campos] colabora nesse dia com uma apresentação de teatro de rua, em Bruxelas: <http://www.reclaimthefields.org/weblinks>.

(\*) O mesmo Luiz Inácio Lula da Silva é, agora, presidente do Brasil, eleito em 2002 e reeleito para um segundo mandato de 2007 até 2010.

# 25 11 de setembro e o Cerrado

---

O dia 11 de setembro faz com que (quase) todas as pessoas voltem seus olhos para Nova Iorque e se lembrem dos atentados de 11 de setembro de 2001. Mas há também o 11 de setembro de 1973: o assassinato do presidente chileno Salvador Allende, que marcou o início do governo militar no Chile. Uma data importante para a América Latina (1). Mas o dia 11 de setembro não é somente uma data de morte e destruição. Nesse dia também nasceram pessoas como, por exemplo, o conhecido bispo Jacques Gaillot, na França, e o artista Ary Pára-Raios, no Brasil. Ary José de Oliveira – seu nome de batismo – era um homem versátil, que dominava a arte de reunir em torno de si artistas plásticos, poetas, músicos, escritores, jornalistas e ambientalistas. Em reconhecimento ao seu trabalho, o dia 11 de setembro foi declarado o “Dia Nacional do Cerrado”.

## **A importância central do Cerrado**

A opinião pública no Brasil, a imprensa internacional e, portanto, também a opinião pública mundial perdem o sono por causa da destruição da Floresta Amazônica. E com razão. O estranho é que nenhuma indignação semelhante é despertada em relação ao Cerrado, a savana com a maior diversidade de espécies no mundo. Juntamente com o outro ecossistema característico, a Caatinga, esses biomas ocupam 30% do território brasileiro. Só o Cerrado se estende por 2 milhões de km<sup>2</sup> (isso em 11 estados) e ocupa literalmente a região central do país: Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Tocantins, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Pará e Rondônia. Enquanto o desmatamento da Floresta Amazônica – felizmente – tem diminuído, o do Cerrado tem aumentado intensamente: 30 mil km<sup>2</sup> por ano, duas a três vezes mais do que o desmatamento da Amazônia no Brasil. Enquanto a Floresta Amazônica se distribui por vários países, essa savana única somente é encontrada no interior do Brasil.

O Cerrado também forma uma conexão entre os diferentes biomas/ecossistemas. Às vezes, espécies de animais ameaçadas de extinção na Mata Atlântica costumam sobreviver em número ainda maior no Cerrado. A imensa região também é, exatamente, o centro de origem de seis das mais importantes bacias hidrográficas do Brasil. Se essas nascentes e rios secarem,

todo o Brasil terá não somente problemas ambientais, mas também problemas sociais e econômicos.

### **Dez razões para dar o seu apoio e participar**

1. Cerrado e Caatinga ocupam 1/3 do território nacional.
2. Os dois biomas exercem funções ecológicas vitais para o conjunto do país.
3. O desmatamento no Cerrado hoje é duas vezes maior do que na Amazônia.
4. Os principais rios brasileiros nascem e crescem no Cerrado.
5. O Aquífero Guarani depende de áreas de recarga que estão no Cerrado.
6. A chuva e os rios no Brasil Central são vitais para a matriz energética brasileira.
7. Cerca de 95% dos brasileiros dependem de energia elétrica gerada (ao menos em parte) com águas provenientes do Cerrado.
8. A biodiversidade dos dois biomas é singular, única, sem igual no mundo.
9. Espécies ameaçadas pela devastação da Mata Atlântica sobrevivem em número maior no Cerrado.
10. Se o Cerrado e a Caatinga entrarem em colapso, os outros ecossistemas também estarão ameaçados.

Fonte: PEC do Cerrado e Caatinga – Prós e Contras (Donald Sawyer).

Desde 1988, a Amazônia, o Pantanal e a Mata Atlântica já estão protegidos como “Patrimônio Nacional”. Embora o Parque da Chapada dos Veadeiros tenha sido declarado como patrimônio da humanidade pela Unesco desde 2001<sup>18</sup>, assim como o Parque da serra da Capivara (PI)<sup>19</sup>, os biomas onde estão localizados – respectivamente o Cerrado e a Caatinga – não são considerados “Patrimônio Nacional”. É por isso que, nos últimos anos, está se desenvolvendo um forte movimento para também proteger essas regiões únicas. A arte na argumentação é unir os argumentos ecológicos aos sociais e econômicos. Os ecológicos estão bem organizados em um ABC: água,

<sup>18</sup> Veja o site [http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque\\_Nacional\\_da\\_Chapada\\_dos\\_Veadeiros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_Nacional_da_Chapada_dos_Veadeiros)

<sup>19</sup> Veja o site <http://ecoviagem.uol.com.br/brasil/piaui/parque-nacional/serra-da-capivara/>

biodiversidade e clima. Estes três estão interligados, por sua vez, com as escolhas que devem tornar um outro desenvolvimento econômico e social possível. Cerca de 40% do Cerrado já foi desmatado. A questão é saber se: o Brasil precisa de mais 1 milhão de hectares para manter a guerra nos mercados internacionais de soja, etanol, algodão e outros produtos que podem ser produzidos no Cerrado às custas de muita energia e muita destruição, ou é possível desenvolver mais agricultura familiar que – em áreas menores – pode proporcionar uma renda digna com diversidade de produtos?

A transformação da grande riqueza pelos próprios agricultores exige criatividade. De preferência, com contribuições do movimento ambiental e de toda a sociedade civil. E essa criatividade está presente. Basta pensar nos deliciosos picolés, feitos a partir da riqueza em frutas da região (2). O “Fórum Goiano em Defesa do Cerrado” está totalmente empenhado no grande consenso em torno de um modelo de desenvolvimento novo e diferente. É claro que isso vai exigir uma atenção permanente. Dias atrás, fui surpreendido com o relato indignado de uma mulher. Ela estava contente com a venda de picolés com frutas do Cerrado no prédio do tribunal. Pouco tempo depois, sem qualquer consulta, esses sorvetes foram substituídos pelo produto em massa da gigante de alimentos Nestlé. É claro que os “manda-chuvas” da terra têm outros planos acerca de alimentos e desenvolvimento regional, ainda que gostem de ostentar a expressão da moda – “desenvolvimento sustentável” – como uma de suas bandeiras.

### **A arte pode salvar o mundo?**

Escrever livros é uma coisa, tirar boas fotos é outra. O livro que você está lendo agora (programado para ser lançado em abril de 2010) foi abrilhantado com ilustrações feitas por estudantes, professores e comunidades de Matinhos (Paraná). Isso diz alguma coisa sobre o alto grau de envolvimento de muitos brasileiros com o que ocorre com o seu país em pedaços. A dilaceração do Brasil também os dilacera por dentro. Eles querem dar vazão a essa lesão e à esperança de mudança.

Em Goiânia mora um artista extraordinário que, na mesma linha que Ary Pára-Raios, quer sensibilizar pessoas no país e no exterior acerca do drama que ocorre no Cerrado. João Caetano (3) realiza seu objetivo expondo a beleza do que ainda resta do Cerrado com fotos tocantes. Desde quando foi criada, Wervel trata das consequências do avanço da soja e do modelo agrícola destruidor em ambos os lados do Atlântico. Nós não tratamos apenas do que está acontecendo na região amazônica, mas também da situação

socioeconômica no sul do Brasil, da destruição cultural no Maranhão, da grande importância do Cerrado e muito mais. E estamos sempre destacando a interdependência do modelo agrícola da Europa com o que está acontecendo no Brasil e em outros países. Como não podemos fazer isso somente com argumentos intelectuais, mas também queremos falar ao coração com a arte, estamos pensando seriamente em convidar esse talentoso fotógrafo para a comemoração do nosso aniversário de 20 anos em Bruxelas. Capital da União Europeia, onde são tomadas as decisões acerca da política agrícola internacional, Bruxelas merece contemplar o esplendor do Cerrado.

Decisões na Europa têm impacto no Brasil. Decisões em Washington, D.C., têm consequências para Bruxelas e Brasília. Escolhas em Brasília afetam todo o planeta.

*Belo Horizonte,  
19 de abril de 2009, Dia Nacional do Índio.*

1. Uma vez escrevi um livro sobre os 28 anos que separam o dia 11 de setembro de 1973 do 11 de setembro de 2001. Também sobre o papel dos EUA na América Latina e muito mais. Título: “En toch... Een andere wereld is mogelijk. Porto Alegre: De basis in beweging” [Ainda assim... um outro mundo é possível. Porto Alegre: A base do movimento] (Dabar-Luyten, Heeswijk, 2002).
2. Outros sites: [www.frutosdocerrado.com.br](http://www.frutosdocerrado.com.br); [www.centraldocerrado.org.br](http://www.centraldocerrado.org.br).
3. João Caetano já lançou vários livros fascinantes, entre outros “Ecos da Natureza” (2006). Veja também [www.projetoalerta.com](http://www.projetoalerta.com).

# 26 Recuperação e consolo são possíveis?

---

Sempre que vejo imensas áreas desmatadas, ou quando me deparo com um deserto de soja ou cana, isso me dói muito. É como se tivessem cortado e desmatado profundamente dentro de mim.

Quando o ônibus passa por uma região onde a floresta nativa ainda está em pé, isso faz minha energia retornar. Será que as almas das árvores e dos homens estão mesmo em sintonia? O movimento Chipko, na Índia, demonstra claramente que tocar em árvores é tocar em pessoas (1).

Estou agora no Rio de Janeiro, para a última palestra e encontro na Universidade Federal Rural (UFRRJ). O Rio é conhecido principalmente por causa do morro do Corcovado, onde o Cristo Redentor se destaca por sobre a cidade e as montanhas. Menos conhecido é que aqui está em preparação, desde o século XVII, um desastre ecológico. Assim como, três milênios





atrás, a Grécia foi desmatada para construir navios de guerra com os quais visava controlar o Mediterrâneo, os morros em torno do Rio foram sistematicamente desmatados. E por quê? Para construir casas e para produzir carvão – atividades que hoje se repetem diariamente em outras partes do Brasil. Os morros foram cultivados primeiramente com cana-de-açúcar e, no século XIX, com café.

Nesse mesmo século XIX, o governo foi confrontado com a escassez de água na cidade e avalanches de lama. Isso também se repete hoje em muitos outros locais no Brasil. Do mesmo modo que as montanhas gregas permanecem, em grande parte, sem vegetação até hoje – porque o solo fértil escorreu para o mar –, assim também o Rio estava ameaçado de ser cercado por montanhas desertas, em vez dos belos oásis verdes que ainda hoje podem ser apreciados.

O que aconteceu? Por volta de 1860, sob iniciativa do imperador Dom Pedro II, resolveu-se realizar um grande programa de reflorestamento e, em 1870, já haviam sido plantadas mais de 100 mil árvores. Não foi um reflorestamento com pinus ou eucalipto como hoje em dia, mas da diversidade de espécies arbóreas que se encontram na Mata Atlântica. Além da flora, a fauna também foi recuperada de modo que, hoje, o Parque Nacional da Tijuca é um exemplo para todo o Brasil e muito mais além. A Tijuca é uma grande reserva ambiental, de 120 km<sup>2</sup>, em meio a uma megalópole. O parque conta 30 cachoeiras, 330 espécies de plantas e 100 espécies de animais. A cidade foi novamente abençoada com um abastecimento de água regular. Avalanches de lama com muitas mortes, como no início deste ano no estado de Santa Catarina, não ocorrem mais. A temperatura na cidade está, em média, nove graus abaixo do que estaria se a floresta não existisse.

Será que esse exemplo do século XIX seria viável no iluminado século XXI? Ou será que devemos permanecer passivos enquanto o Cerrado é destruído, o clima de Cuiabá se torna insuportável, as crianças ficam doentes com alergias e a região amazônica se transforma em Savana?

A recuperação é possível. Que isso seja um consolo.

*Rio de Janeiro,  
26 de abril de 2009.*

- (1) No movimento Chipko, da Índia, são (principalmente) as mulheres que se mobilizam, protegendo as árvores das montanhas do Himalaia com seus próprios corpos. Quando os madeireiros chegam com suas motoserras, elas abraçam as árvores e, assim, impedem o desmatamento.

### ***Postscriptum:***

Após a palestra na Universidade Rural do Rio, em Seropédica, visitamos uma fazenda experimental agroecológica. Ela foi implantada em 1992, a partir do sonho de estudantes e professores, contrariando a ideologia dominante da Revolução Verde e da agricultura com produtos químicos. Um local com beleza tocante e produção abundante, com seus 6 hectares de horta orgânica numa propriedade de 40 hectares. Vários exemplos práticos de sistemas agroflorestais, pecuária orgânica, adubação verde, diferentes formas de fixação de nitrogênio, recuperação da mata nativa com corredores pela região para dar uma chance à fauna de viver e sobreviver, um projeto de irrigação utilizando colmos de bambu etc. É como se, aqui, estivessem dando continuidade à recuperação do século XIX, no Rio de Janeiro, porém de uma forma contemporânea e fundamentada cientificamente.



# 27 Ração animal, uma história de interdependência

---

Durante as últimas duas turnês, as palestras, conversas e encontros não tiveram sempre o mesmo tema. Isso dependia do local em que estávamos e das várias perguntas.

Porém, uma “linha vermelha” que permeia muitas conversas é a “história da ração animal”. Para esboçar uma conclusão, apresento um resumo das ideias durante esses encontros.

*“Informação apresenta uma imagem mais ampla. Informação não trata somente do que aconteceu recentemente, mas também do que ocorreu no passado. Ela liga os pontos das notícias, de modo que é possível analisar o tema em debate dentro de um contexto mais amplo de conexões e padrões. E isso pode nos levar a compreender as causas por trás dos fatos.”* Colunista Hajrat Mumtaz, no jornal paquistanês Dawn, maio de 2009.

## **Um problema no espaço e no tempo**

Quando temos um problema, o melhor é situá-lo no tempo e no espaço. Não dedico muita atenção ao “espaço”, porque isso está absolutamente claro. Os espaços onde se desenrola a história da ração são, de um lado, os países produtores: Estados Unidos da América, Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. Do outro lado estão os importadores: Europa, Japão e China. E é claro que há os oceanos, onde os navios se cruzam. Na calada da noite.

Soja e milho não são, em si, um “problema”. Há mais de 5 mil anos, a soja é uma planta sagrada na China. Há milhares de anos, o milho ocupa a mesma posição no México e na América Central. Não, o problema é o sistema internacional de ração que une essas duas espécies sagradas de uma maneira quase perversa. Também é abominável que a maior parte de ambas as culturas desapareça nos bicos e nas bocas de frangos, perus, patos, porcos, gado e peixes. No caso da soja, isso representa 90% do farelo rico em proteínas. Mundialmente, 70% dos grãos de soja são destinados a ração. Quanto a todos os outros aspectos – como escravidão,

desmatamento, exclusão social, estiagem, erosão, etc. –, recomenda-se a leitura dos dois livros anteriores sobre soja.

### **Século XIX: as distantes raízes do que ocorreu posteriormente**

Quando pensamos em soja e milho, monocultura é a imagem que vem à nossa mente. Devido à “modernização” e mecanização, a monocultura se tornou um fenômeno comum, mas ela não é tão recente assim. No século XVI, a Europa conheceu a batata, vinda da região dos Andes. Ainda levou algum tempo, mais precisamente até o século XVIII, para que os europeus aprendessem a consumir as batatas. A partir daí, rapidamente tornou-se o alimento básico dos pobres: batata e cebola, como o “arroz com feijão” no Brasil – com a diferença de que o arroz com feijão é muito mais nutritivo. Do século XIX conhecemos a famosa pintura “Os comedores de batatas”, de Vincent van Gogh, e a crise da batata (provocada pelo fungo *Phytophthora*), na Irlanda. Grande parte da zona rural irlandesa era controlada por latifundiários britânicos que lá criavam/produziam, principalmente, carneiros e batata em monocultura. Devido à crise avassaladora desse tubérculo, mais de um milhão de irlandeses morreram de fome. Dois milhões de pessoas emigraram, principalmente para os Estados Unidos da América: em busca de alimentos, futuro e felicidade. Os Kennedy são uma das famílias mais conhecidas dentre elas. Mais tarde, a doença passou para o continente: italianos, alemães, poloneses e ucranianos emigrariam, principalmente para o sul do Brasil. Por causa da pobreza e da fome sem perspectivas (causadas, entre outros motivos, pela doença da batata), 55 (!) milhões de europeus emigraram para as Américas, Austrália, Nova Zelândia, sul da África e Sibéria, entre 1846 e 1924.

Os ex-irlandeses começaram a colonizar o interior dos EUA com entusiasmo. Porém, já a partir de 1850 eles se tornaram dependentes do trem a



vapor, dos portos e dos navios a vapor da família Cargill. A eles não restava outra alternativa senão vender barato seus cereais àquele único comprador com logística internacional. Este fazia o “*dumping*” do produto no mercado europeu, o que imediatamente provocou uma enorme crise na agricultura. Muitos agricultores partiram para servir como mão-de-obra barata nas fábricas das cidades. Outros imigraram para o “Novo Mundo”. Com a Revolução Industrial, a Europa teve muitos governos liberais, que tinham interesse nos baixos preços dos alimentos para os trabalhadores mal pagos. Eles não apoiavam a agricultura em seus próprios países. Dessa crise surgiram os grandes sindicatos de agricultores que, posteriormente, se tornaram parte do problema agrícola (1).

É nesse século XIX que tem origem a ideia fixa dos americanos de que eles têm “vocação para alimentar a população mundial”. Desde o final do século XX e o início do século XXI, ouve-se a mesma propaganda sobre uma vocação quase “religiosa” no Brasil. “Nossa vocação é alimentar a população mundial. E nós temos terras, água e sol o suficiente para produzir etanol e biodiesel para os motores também.”

A segunda metade do século XIX foi também o momento em que as duas visões conflitantes de Justus von Liebig e Julius Hensel abalaram os conceitos estabelecidos. Até hoje as indústrias químicas e a agricultura convencional se baseiam na primeira figura, enquanto sistematicamente mantêm silêncio sobre a segunda. Entretanto, seu modelo agrícola – isento de produtos químicos e com elevada produtividade – poderia representar um refresco nesse século XXI superaquecido.

### **Guerra química – agricultura química**

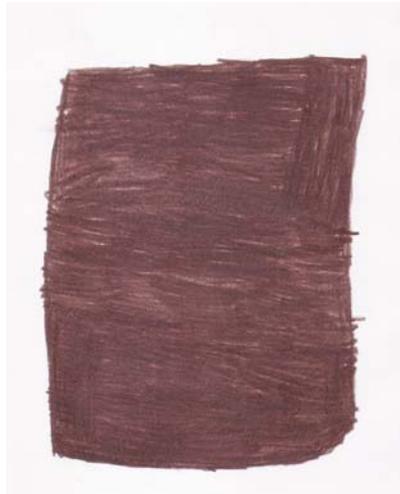
O que teve início timidamente após a Guerra Franco-Prussiana continuou durante a Primeira Guerra Mundial. Pela primeira vez, produtos químicos foram massivamente utilizados numa guerra. Justamente na Bélgica, às margens do rio Yser (em holandês, IJser), é que se travaram muitas batalhas durante os horríveis anos daquela luta. Após o conflito, restaram muitas fábricas de produtos químicos, mas não havia compradores. Sem problemas: descobriu-se que as fábricas poderiam ser utilizadas ou para a guerra química ou para a agricultura química. Os produtos químicos foram, em grande escala, convertidos para fins agrícolas, tendo como resultado um grande excedente de alimentos na década de 1920 e consequente queda nos preços. Essa foi uma das principais causas da

depressão econômica na década de 1930 do século XX.

E por que tanto alimento? Quando você aplica adubo químico pela primeira vez num solo rico em matéria orgânica, a matéria orgânica também libera seus nutrientes e é possível obter produtividades muito elevadas. Depois de dois, três anos ocorre uma redução. Porém, nesse meio tempo, já estávamos na referida Grande Depressão e foram os economistas estadunidenses (e não os agrônomos!) que inventaram: “Precisamos, com urgência, reestruturar a agricultura”. Assim cresceu a ideia de produzir carne à base de ração, pois quando se produz alimentos para consumo direto os lucros são muito menores do que quando se produz ração. “Ração = redução dos alimentos”. Naquela época era possível obter 1 kg de carne a partir de 10 kg de ração. Hoje em dia, quando se produz 100 kg de soja, você terá cerca de 40 kg de proteínas, com as quais é possível “produzir” 4 kg de carne. A conversão para carne de frango pode ser mais eficiente. A ração atual possui uma grande diversidade de partículas protéicas e energia, dependendo do preço de mercado global no momento da aquisição das matérias-primas.

### **A dupla soja-milho**

Em 1928 foi desenvolvida a hibridação e, em 1935, as lavouras nos EUA já estavam cobertas de milho híbrido. E foi assim que o milho híbrido se tornou um importante instrumento para vencer a Grande Depressão. Até a Primeira Guerra Mundial, cerca de 28% das terras agrícolas dos EUA eram destinadas para animais de tração. Essas terras foram liberadas pela rápida mecanização da agricultura. A dupla soja-milho era a solução ideal para ocupar esse espaço. O milho produziria energia. A soja ganhou popularidade principalmente após a Segunda Guerra Mundial e forneceria as proteínas. Além disso, a soja fixa – gratuitamente – nitrogênio no solo. Isso era interessante, pois o esterco de cavalo deixou de ser produzido. O cultivo de soja e milho são facilmente mecanizáveis.



E o melhor de tudo – é claro – é que a produção de ração permite maior acúmulo de capital do que a produção de alimentos. A produção aumentou ano após ano. Mantendo a sintonia com a vocação exportadora do século XIX, os EUA buscavam ocupar o mercado externo permanentemente. Paralelamente à hegemonia na ração, baseada na dupla soja-milho, houve grande aceleração no desenvolvimento das indústrias de alimentos. O escritor norte-americano Michael Pollan aponta, com razão, para o fato de uma série de derivados de soja, milho, trigo e arroz estarem dominando e estreitando a base de alimentos da culinária ocidental. Essa seria a origem de muitos dos problemas de saúde ocidentais (2).

### **Da Revolução Vermelha, passando pela Verde, até a Transgênica**

Após a Segunda Guerra Mundial, a “quimificação” da agricultura continuou, mas a ciência avançou ainda mais com a química molecular. Foram introduzidos os pesticidas químicos. Ora, o que acontece quando se fornece adubos químicos às culturas? As plantas aumentam a produção de aminoácidos, o que intensifica o ataque de insetos.

Afinal, foi no acúmulo de capital idealizado pelos economistas da década de 1930 que se fundamentou a “Revolução Verde” da década de 1960. É uma extensão da lógica econômica – e, não agrícola – da década de 1930. Do ponto de vista histórico, a Revolução “Verde” veio a calhar como uma espécie de contrarrevolução para a ameaça da Revolução “Vermelha”. Na América Latina se ouvia, desde a década de 1950, um forte clamor pela realização da reforma agrária. No contexto da Guerra Fria, isso representava um risco para os interesses dos EUA e para os privilégios das elites nos diversos países. Assim se instalou a ditadura brasileira em 1964, dois anos após o ano-chave 1962 (veja o quadro “América-Europa”, a seguir). O acordo entre os EUA e a Europa surtiria, rapidamente, um efeito de atração de grãos também da América Latina. Para Monsanto e companhia, as perspectivas são esplêndidas: as décadas de 1960 e 1970 são marcadas pela Guerra do Vietnã e o legendário “agente laranja”, fabricado pela Monsanto. A Revolução Verde se tornaria um excelente mercado comprador dos produtos químicos agrícolas associados às supersementes do próprio grupo. Na verdade, a “generosidade” desse gigante químico começou muito antes. É só lembrar dos produtos à base de PCB (ex. organoclorados). É bem verdade que já foram proibidos há anos, mas eles continuarão a poluir os mares por mais mil anos. Eles se acumulam na gordura dos peixes e, ao consumi-los, também no homem (3).

## **América-Europa; o acordo de 1962**

Desde a segunda metade do século XIX, os Estados Unidos da América estão em permanente busca de mercados externos. No século XX, após a Segunda Guerra Mundial, eles vislumbraram a oportunidade de otimizar a combinação “filantropia e comércio”. A Europa estava exaurida e acabara de passar pelo “inverno da fome”. O Plano Marshall perdoou a dívida da década de 1930 e canalizou muitos dólares para o outro lado do oceano: para reconstruir a economia na Europa. Ao mesmo tempo, esse plano criou uma folga econômica para, nas décadas seguintes, aumentar o consumo de produtos americanos. A primeira ação do Plano Marshall foi enviar auxílio humanitário na forma de alimentos: bom para os europeus famintos, bom para o excedente de cereais estadunidense.

Na mesma época, no ano de 1944, foi constituída a trindade “FMI-Banco Mundial-GATT”, em Bretton Woods. Oficialmente, a agricultura foi mantida fora do sistema GATT. Isso perduraria até a Rodada do Uruguai (1986-1994). Nessa Rodada, o GATT (sigla em inglês para Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio) foi convertido, a partir de 1995, em Organização Mundial do Comércio (OMC).

Em 1957, foi criada a CEE (Comunidade Econômica Europeia): primeiro foram seis países, depois 12, 15 e 18 países para resultar na União Europeia, com 25 países e, finalmente, 27 países. O cimento nas negociações e na construção da Comunidade Europeia/União Europeia foi a GLB, sigla em holandês para Política Agrícola Comum.

A Europa queria reconstruir e proteger sua própria agricultura. Os recursos do Plano Marshall proporcionaram uma acelerada tecnificação e “quimificação” da agricultura. Os EUA aceitaram o protecionismo com uma condição: a Europa deveria permitir a importação de culturas oleaginosas, sem tarifas nos portos e sem cotas. No GATT, esse acerto ficou conhecido como o Acordo da Rodada de Dillon (1960-1961). O Acordo de Dillon passou a vigorar a partir de 1962 (ano em que foi lançado, no Brasil, o primeiro par de Havaianas) e fez com que, na Europa, as importações de matérias-primas para ração aumentassem de 10 milhões de toneladas para 50 milhões de toneladas a partir de 1992. Em 2009, a soja participa com 39 milhões de toneladas desse volume.

Gradativamente, como resultado da Revolução Verde, isso passou a ser 20 milhões de toneladas de soja do Brasil (4). Na Rodada do Uruguai, a União Europeia não renegociou o acordo de 1962, que também causa muito desequilíbrio na zona rural da Europa. Pelo contrário, a Europa aceitou a imposição norte-americana de que a UE poderia subsidiar, no máximo, 4.934.700 hectares de culturas oleaginosas. Assim a UE permanece estruturalmente dependente da importação de proteínas vegetais do exterior. O que chama a atenção é que, tanto em 1962 quanto em 1992, só foi tratado de “culturas oleaginosas”, embora a questão não seja o óleo extraído das mesmas e, sim, de ração! O resultado é que, atualmente, somente 1% das terras agrícolas da Europa está ocupada com culturas protéicas. Enquanto a soja continua a chegar a preços extremamente baixos, os produtos centrais – como trigo, carne de gado e laticínios – continuaram sendo apoiados na Europa até 1992. Ao longo dos anos, também desapareceu da ração o trigo próprio (mais caro), o qual – por sua vez – foi despejado no mercado mundial. Desde a década de 1980 isso representa, anualmente, um volume de 20 a 30 milhões de toneladas de trigo. É exportação, mas na realidade trata-se de uma “exportação importada”, graças às 50 milhões de toneladas de substitutos de cereais importados d’além-mar.

Essa única decisão política em 1962 compromete até hoje a política agrícola europeia, dilacera a zona rural europeia com grandes concentrações de gado próximas a portos e igualmente grandes problemas ambientais, e promove uma relação de “*dumping*” da Europa por conta de seus excedentes no mercado mundial. Quando será que esse círculo vicioso será rompido? Será que o assim chamado “reequilíbrio” permanecerá tabu até que o aquecimento global nos obrigue a fazer outras escolhas?

No Brasil, os instrumentos da Revolução Verde foram, principalmente, soja e milho – de novo. Os agricultores brasileiros detinham, desde sempre, uma grande diversidade de sementes milho (sementes crioulas). Essas foram rapidamente marginalizadas pelo milho híbrido. A soja avançou para o norte, junto com o chimarrão dos gaúchos: partindo do Rio Grande do Sul (via Santa Catarina e Paraná) para o Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. É nesse último estado que se encontra, desde o início do século XXI, o maior volume de produção, nesse mesmo século em que a carne e o carro passam a

compartilhar o interesse no grão de soja: o farelo de soja para ração e o óleo para o biodiesel. Os estados do Tocantins, Piauí e Maranhão são rapidamente ocupados com lavouras de soja, porque o porto de São Luís está mais próximo da Europa e do Japão. Dessa vez não são somente frangos e suínos europeus, mas também o biocombustível “limpo” que marginaliza a cultura cabocla em ritmo acelerado (5). Além disso, o cultivo da cana-de-açúcar passa por um rejuvenescimento, devido à demanda internacional por etanol – novamente por causa dos motores. O Cerrado está sendo arado e plantado numa corrida contra o relógio. A nova ferrovia de Tocantins para o porto de São Luís deve permitir que o etanol, o biodiesel e o farelo de soja cheguem o mais rápido possível na Europa.

Os atrativos adicionais para a soja brasileira são: a contínua resistência do consumidor europeu à soja transgênica; a proibição, desde 2001, do uso de farinha de ossos na composição da ração na Europa devido ao problema da “Vaca Louca”; e o aumento no consumo de proteína animal na China que, em 2001, passou a ser membro da OMC. Desde 1997, a partir da “Lei Kandir”, a soja e outras *commodities* não processadas ou semielaboradas (por exemplo, pasta de celulose de eucalipto) podem deixar o Brasil sem pagar impostos. Portanto, os quatro grandes atacadistas – Cargill e companhia – não pagam impostos nem na exportação do Brasil nem na importação na Europa. Aracruz e companhia, com suas exportações de celulose para a indústria de papel, são diariamente beneficiadas por essa lei, mas o cofre do tesouro brasileiro não recebe um real por essas transações internacionais. Também são gerados menos postos de trabalho do que, por exemplo, na Argentina, onde a soja e outros produtos deixam o país com maior grau de processamento. Assim, o valor agregado e os empregos ficam naquele país. Motivo? Na exportação, tanto de produtos brutos quanto processados, os impostos são pagos ao estado argentino. Grande parte da soja brasileira é processada em Amsterdã (Holanda) e Gent (Bélgica). Ou seja, o lucro é gerado no lado europeu do oceano. Também é lá que são criados os postos de trabalho que, de outro modo, poderiam dar emprego às pessoas do Brasil. O que é que os brasileiros estão esperando para questionar esse agronegócio?

Nos primeiros anos do século XXI, o Brasil ainda era considerado um país livre de soja transgênica. Por isso, muita soja estadunidense foi substituída por soja brasileira nos portos europeus. Nesse meio tempo, a realidade em relação aos transgênicos mudou drasticamente no Brasil. As leis foram adaptadas aos desejos da Monsanto. A demanda da China-Europa-Japão está garantida. A história dos transgênicos é um capítulo lógico na industrialização da agricultura, a serviço do acúmulo de capital por uma pequena minoria, às custas de uma maioria de agricultores familiares, consumidores, biodiversi-

dade, ecossistemas, 1 bilhão de pessoas que passam fome.

### **Dólar alto e medidas políticas para garantir a exportação**

A “vocação” dos EUA para “alimentar o mundo” está permanentemente em busca da amplia o de seus mercados. Quando o dólar está alto, a voca o   ameaçada. Foi o que ocorreu em 1954 e em 1985. O que chama a aten o   que essa situa o leva a decisões políticas de grande impacto, que afetam praticamente toda a popula o mundial.

- 1954: a Public Law 480 [Lei Federal 480, dos EUA] foi anunciada. O programa   denominado *Food for peace* [Alimentos em “troca” de paz].   – para dizer o mínimo – um nome c nico, pois a “paz”   imposta por intermédio de cereais, comparável ao “pão e circo” da Roma Antiga, dois mil anos atrás. Quem toma as decisões acerca da ajuda humanitária não   o Ministério da Agricultura ou do Comércio, e sim o *State Department* (Ministério das Rela es Exteriores) e o presidente em pessoa. Isso indica o caráter político da arma na forma de cereais. Na verdade, muitos povos do Hemisfério Sul se tornaram dependentes do “pão doce” vindo do Norte. Principalmente entre a África Subsaariana e a América-Europa há um conflito antropológico entre o alimento mais ácido da própria cultura e a alimenta o doce do Norte. Embora não seja possível cultivar trigo no Congo ou no Senegal, depois de 50 anos de *Food for peace* comum encontrar alguém com um pacote de pão francês em Kinshasa. Mesmo que muitos povos pudessem contar com sua própria produ o de milho, eles foram “bombardeados” e tornados dependentes do milho híbrido norte-americano. De uma hora para outra, em virtude do clamor por energia “limpa”, 30% do milho estadunidense está sendo convertido em etanol. Essa recente guinada na história da voca o   um elemento importante na crise dos alimentos de 2008.

- 1985: o sistema de garantia de preços   reduzido e parcialmente substituído pela garantia de renda aos agricultores. São os tão criticados subsídios ou, com outras palavras: garantia de baixos preços de matérias-primas para a agroindústria. A “voca o”   levada ao extremo com a exporta o dos produtos abaixo do preço de custo, enquanto os agricultores norte-americanos rece

bem a diferença. Imediatamente em seguida, na Rodada do GATT no Uruguai (1986-1994), os EUA trocaram seu rifle de mão. Na realidade, o GATT ainda era um “encontro de amigos” – os EUA e a UE – mesmo com a presença formal de outros países. Durante décadas, as regras do GATT foram estabelecidas de acordo com os interesses dos estadunidenses e europeus. Na Rodada do Uruguai, os EUA exigiram que a agricultura e os alimentos fossem, finalmente, integralmente incluídos na ideologia do GATT. Além disso, isso deveria ser feito de acordo com o sistema deles: a garantia de preços se tornaria ilegal, a garantia de renda poderia ser implementada, dentro do quadro-geral do GATT. Em 1992, a União Europeia cedeu com a reforma McSharry: o sistema estadunidense foi adotado, a garantia de preços foi reduzida e compensada parcialmente com subsídios diretos aos agricultores (6).

A reforma na UE abriu caminho para um acordo no GATT. O mundo inteiro foi confrontado com preços em queda devido à prática de *dumping* por parte dos EUA, associada aos subsídios para seus próprios agricultores. Tudo realmente muito favorável para as multinacionais da agroindústria e de alimentos, sempre em busca de matérias-primas com preços baixos. Os países ricos, como os EUA e a UE, por enquanto ainda podem conceder subsídios a seus agricultores, mas outros países, como o Malawi, somente conseguem garantir preços e proteger suas fronteiras. A garantia de preços se torna ilegal e os programas de adaptação estrutural do FMI fizeram com que, na década de 1980, todas as fronteiras se abrissem para produtos do Norte e que as agriculturas nacionais seguissem o trilho da produção para exportação, para o pagamento das dívidas externas. Dentro da estrutura da nova OMC, os acordos do GATT exercem pressão ainda maior pela redução de barreiras alfandegárias.

Nos últimos anos, a hegemonia dos atacadistas de cereais norte-americanos diminuiu um pouco. Principalmente países como a Rússia e a Ucrânia, mas também a União Europeia, estão assumindo o papel de líder do mercado.

### **1973: o auge do roubo de cereais pelos grandes**

Ainda há muito a relatar sobre dados cruciais. Vou me limitar ao ano

lendário de 1973. Esse ano é conhecido como o início da crise do petróleo, mas também por uma acentuada escassez de cereais no mercado mundial. Aparentemente, os picos da crise de alimentos crônica, que aflige nosso mundo, são acompanhados de elevação no preço do petróleo. Foi exatamente esse o caso em 1973 e, novamente, em 2008. É claro que, em ambas as crises, há mais fatores determinantes. Em 1973, foram as grandes enchentes e frustrações de safras no vale do Rio Mississipi, nos EUA. Na mesma época, houve uma elevada demanda de trigo da antiga União Soviética. Os preços dispararam. Além disso, os EUA puxaram o freio de suas veementemente contestadas exportações. Entretanto, os agricultores não se beneficiaram dessa elevação de preços. Os cereais já haviam sido colhidos e comercializados, e o lucro astronômico foi para o bolso das quatro grandes multinacionais de cereais: Cargill, ADM, Bunge, Dreyfus.

E o que acontecia no Brasil? Esse subcontinente se encontrava em meio à Revolução Verde. O embargo da exportação de alimentos dos EUA chegou como um presente dos céus. O avanço da soja e de outros cereais continuou em ritmo acelerado no Brasil, para ocupar o espaço no mercado mundial. Será que é coincidência a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) ter sido criada em 1973? A Embrapa que, imediatamente, começou a difícil tarefa de melhorar as sementes de soja, para que pudessem ser cultivadas na tropical região amazônica!

Nós conhecemos o resto da história.

E na Europa? De outro lado do oceano, nós – europeus – ficamos com sérios problemas devido à repentina interrupção na exportação de matérias-primas para ração por parte dos norte-americanos. A Comunidade Europeia se deu conta de quão dependente ela se tornara em decorrência dos Acordos de Dillon, de 1962. Por isso, os agricultores receberam apoio, novamente, para cultivar suas próprias proteínas. Os estadunidenses observavam isso com preocupação e conseguiram, em meados da década de 1980, fazer com que os subsídios para cultivo das próprias proteínas fossem interrompidos. Consequência: uma forte redução nas proteínas vegetais na Europa, pois a soja d'almém-mar chegou ao continente muito mais barata do que as proteínas que os agricultores europeus conseguiam cultivar em solo próprio. Ainda assim, muitas alternativas são viáveis: gramíneas-trevo, tremoço, cânhamo, ervilhas e feijões, amaranço, etc. Até a produção de soja na Itália se reduziu visivelmente devido à concorrência desleal do outro lado do oceano (sem impostos na exportação pelo Brasil; sem taxas na importação na Europa; preços fixados pela Bolsa de Chicago sob medida para a produção em larga escala,

num jogo de especulações e investimentos internacionais). Não obstante, é a Itália que tem a maior produtividade mundial de soja.

### **Proteínas: o desafio do século XXI**

Nos últimos 50 anos, a população mundial duplicou, mas o consumo de proteínas animais quintuplicou. Nas próximas décadas, a população mundial deve chegar a 8 ou 9 bilhões de pessoas. O consumo de carne deve dobrar novamente até 2050, pois a Ásia está consumindo mais proteínas animais. Há 20 anos, o consumo médio anual de carne na China era de 20 kg/pessoa. Atualmente, é de 50 kg/pessoa, mas estamos falando de 20% da população mundial, que dispõe de apenas 6% das terras agricultáveis do mundo e de 6% da água doce do mundo. Como o Brasil dispõe de sol, terras e água em abundância, a mudança nos padrões de consumo da Ásia são imediatamente percebidas na zona rural do Brasil! E por que os chineses não poderiam comer carne se o europeu, o estadunidense, o brasileiro e o argentino médios podem consumir um exagero de carne? Será que a “cultura McDonald’s” chegou até na Índia que, há milhares de anos, é vegetariana em virtude da cultura hindu? Dentro de 20 anos, a população da Índia será ainda maior do que a da China e o território indiano é relativamente menor. Na Índia, todos os sinais de alerta ecológicos já estão piscando.

Há muitos desafios para o século XXI: “Como vamos lidar com o ouro azul, a água?”; “Como vamos converter nossa sociedade desperdiçadora de energia e esfriar um pouco o clima para as futuras gerações?” Isso só para mencionar alguns... E podemos, tranquilamente, acrescentar: “Como vamos nos posicionar em relação às proteínas animais e vegetais?” Afinal, esse último desafio está diretamente relacionado com água, energia e a questão climática.

*Luc Vankrunkelsven,  
Bruxelas, 22 de maio de 2009,  
Dia Internacional da Biodiversidade.*

(1) Para a Bélgica, veja: “100 jaar boeren” [100 anos de agricultura], de Daniël Demblon, Jan Aertsen e.a., Epo, 1990.

- (2) Michal Pollan, “*In Defense of food: an eater’s manifest*”. Versão em português: Michal Pollan, “Em defesa da comida: um manifesto”. Rio de Janeiro, 2008.
- (3) Assista ao filme revelador “*The world according to Monsanto*” [O mundo segundo Monsanto], no site de vídeos [www.youtube.com](http://www.youtube.com).
- (4) Sobre as consequências de “1962”, tanto para a Europa quanto para o Brasil, leia o texto conjunto de Fetraf-Sul/Cut e Wewel: “Projeto de intercâmbio OMC e fluxos de alimentos Brasil-Europa”, Chapecó, 2005 – com análise e alternativas.
- (5) Caboclos: quatro séculos de cultura ancestral, descendentes da miscigenação de colonizadores portugueses e povos indígenas.
- (6) *Het McSharryplan* [O Plano McSharry], contextualizando os objetivos, os motivos e a evolução da política agrícola da UE. Wewel, novembro de 1992.



# Colofão

---

O livro ‘Brasil e Europa em fragmentos?’ foi lançado no dia 26 de março 2010 na Bélgica, junto com uma apresentação teatral à moda do brasileiro diretor Augusto Boal. No dia 15 de abril será lançado na universidade de Matinhos, Paraná, Brasil. Na Bélgica, o livro é uma edição de Wervel ([www.wervel.be](http://www.wervel.be)); no Brasil, da Editora Gráfica Popular-Cefúria ([www.cefuria.org.br](http://www.cefuria.org.br)).

Os textos foram escritos por Luc Vankrunkelsven. Do mesmo autor foram editados no Brasil: ‘Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano’, 2006 e ‘Aurora no campo. Soja diferente’, 2008, ambos pela Editora Gráfica Popular-Cefúria, de Curitiba.

## **Sobre os desenhos, a capa e a diagramação**

“É a segunda vez que a UFPR Litoral tem a oportunidade participar da produção da capa de um livro escrito por Luc Vankrunkelsven. A primeira capa foi produzida com a ajuda dos estudantes do curso de Licenciatura em Artes da UFPR-Litoral. Neste segundo livro, optamos por trabalhar especificamente com a comunidade da cidade de Matinhos, mas ainda, sob a orientação dos professores e estudantes da UFPR Litoral. Todas as ilustrações foram realizadas por crianças de 7 a 10 anos da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental (Escola Municipal Francisco dos Santos Junior) e jovens e adultos do Ensino Fundamental e Médio (EJA - Ensino de Jovens e Adultos - Escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva da Rede Municipal e Estadual de Ensino de Matinhos). A dinâmica foi a seguinte: explicamos o conteúdo do livro, fizemos vários debates e logo em seguida os desenhos. A partir disto, sob nossa coordenação, os estudantes do curso de Licenciatura em Artes da UFPR Litoral fizeram uma pré-seleção do que nos foi entregue, digitalizaram os mesmos e os separaram por capítulos e desenhos da capa. O processo foi ótimo, tivemos uma ótima recepção da comunidade e dos alunos, principalmente com a ajuda especial de três estudantes do curso de artes da UFPR - Gicelli Petrini da Silva Brunkhorst, Igor Soares e Rúbia Paulita Chagas Cardoso. Agradecemos pelo 2º voto de confiança!!

Prof. Luciana Ferreira

A capa foi criada por Carlos Deitos e Prof. Luciana Ferreira.

A diagramação do livro foi executada por Território Comunicação.







# Luc Vankrunkelsven

De 2003 a 2008, Luc Vankrunkelsven morou e trabalhou parte do ano no Brasil e parte na Europa. Durante estes anos de intercâmbio entre Wervel ([www.wervel.be](http://www.wervel.be)) e Fetraf-Sul/Cut ([www.fetrafsul.org.br](http://www.fetrafsul.org.br)), ele escreveu dois livros: “Navios que se cruzam na calada da noite. Soja sobre o oceano” e “Aurora no campo. Soja diferente”.

A partir destes livros e alguns DVDs, ele realizou, nos anos de 2008 e 2009, duas turnês pelo Brasil: visitou várias universidades, colégios agrícolas, organizações de agricultores, grupos pastorais etc. Em diálogo com centenas de brasileiros e a partir das impressões durante essas turnês, ele escreveu o presente livro: “Brasil-Europa em fragmentos?”.

A produção da capa foi feita pela UFPR Litoral de Matinhos, Paraná. Todas as ilustrações são realizadas por crianças de 7 a 10 anos da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental (Escola Municipal Francisco dos Santos Junior) e jovens e adultos do Ensino Fundamental e Médio, Matinhos.

“A teimosia de Luc Vankrunkelsven em escrever sobre as contradições de um modelo agrícola altamente prejudicial às diversas populações do mundo nos remete a uma reflexão sobre a urgência de construir alternativas viáveis do ponto de vista econômico, social e ambiental para garantia da segurança e soberania alimentar em âmbito local e global.”

Silvano Rezende, CPT-Tocantins  
Colinas do Tocantins, Tocantins

“Não é possível ler ‘Brasil-Europa em fragmentos?’ sem se indignar com o processo de desenvolvimento hegemônico: individualista, excludente e anti-ético. Por outro lado, durante a leitura nos aproximamos de homens e mulheres que acreditam na vida e fazem emergir alternativas que transformam a indignação em ação, a ação em esperança. Vale a pena fazer essa turnê com Frei Luc Vankrunkelsven pelo Brasil.”

Jorge Augusto Schanuel, Rureco,  
Guarapuava, Paraná.